

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FABIANA BURDINI MARGONATO PACOLA

**A IRONIA NO CRONOTOPO PANDÊMICO EM POSTAGENS ANTI E PRÓ-VACINA
NO INSTAGRAM SOB A PERSPECTIVA DIALÓGICA**

MARINGÁ-PR

2025

FABIANA BURDINI MARGONATO PACOLA

**A IRONIA NO CRONOTOPO PANDÊMICO EM POSTAGENS ANTI E PRÓ-VACINA
NO INSTAGRAM SOB A PERSPECTIVA DIALÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Estudos do Texto e do Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo

MARINGÁ-PR

2025

FABIANA BURDINI MARGONATO PACOLA

"A IRONIA NO CROMOTOPO EPIFÔNICO EM POSTAGENS ANTI E PRÓ-VACINA NO INSTAGRAM SOB A PERSPECTIVA MALÓLICA."

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Mestrado, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em Maringá, 19 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 EDSON CARLOS ROMUALDO
Data: 19/12/2025 16:48:24-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo
Presidente - Orientador (UEM/PLE)

Documento assinado digitalmente
 HELCIUS BATISTA PEREIRA
Data: 19/12/2025 16:29:53-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Hélcio Batista Pereira
Membro Titular (UEM/PLE)

Documento assinado digitalmente
 BRUNO CIAVOLELLA
Data: 19/12/2025 16:23:06-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Ciavolella
Membro Titular Externo (UNESPAR/Paranápolis)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

P121i

Pacola, Fabiana Burdini Margonato

A ironia no cronotopo pandêmico em postagens anti e pró-vacina no Instagram sob a perspectiva dialógica / Fabiana Burdini Margonato Pacola. – Maringá, PR, 2025.
147 f. : il. color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.

1. Ironia. 2. Multimodalidade. 3. Análise do discurso. 4. Redes sociais (Instagram). 5. Vacinação. I. Romualdo, Edson Carlos, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras Modernas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 401.41

Rosana de Souza Costa de Oliveira - 9/1366

AGRADECIMENTOS

A dissertação de mestrado nada mais é do que o resultado de incansáveis estudos, discussões, orientações, e, acima de tudo, tempo investido para que se chegasse ao produto final. Dessa forma, é impossível dizer com veracidade que o texto dissertado depende unicamente de seu pesquisador. Nesse percurso, foram essenciais as participações tanto de meus professores e colegas do PLE – Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM, quanto das pessoas de meu convívio familiar, que me apoiaram em todos os momentos, muitas vezes sem entender ao certo em que consistia esse árduo trabalho.

Assim, agradeço, primeiramente aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE), que, com sua imensa experiência profissional, foram para mim referências e possibilitaram imenso aprendizado, que sem dúvida se tornou indispensável em minha jornada acadêmica. Agradeço especialmente ao meu orientador, professor doutor Edson Carlos Romualdo, que com seu apoio e dedicação me fizeram entender que o discurso vai além do que é falado e escrito, mas envolve todos os signos verbais e não verbais. O aprendizado recebido certamente fará toda a diferença não só em minha vida de pesquisadora e professora, mas como pessoa, uma vez que aprender linguagem significa aprender sobre a vida.

Agradeço a meus colegas de disciplinas Aline Gonçalves, Karine Barbara e José Jilsemar pelas experiências trocadas e auxílio nos momentos de dificuldade. Ter colegas com quem compartilhar os anseios acerca dos desafios de se escrever uma dissertação é um alívio e, por isso, agradeço pelas trocas no decorrer desse percurso.

Especialmente, agradeço a minha família por estar comigo em todas as etapas da minha vida profissional. Durante o mestrado, mesmo sem entender muito bem o significado desse grau acadêmico, meus filhos Mateus, Leonardo e Gustavo Margonato Pacola estiveram ao meu lado e no meu colo me fortalecendo e me salvando nos momentos de dúvida e de cansaço. Ao meu esposo, Adalcio João Pacola, sou grata pela paciência, pelos ouvidos e pelas divagações no processo de escrita desta dissertação. Obrigada por me entender e permanecer firme e forte comigo.

Aos meus pais, Adauto e Clotilde, sou grata por terem me dado o maior e mais importante presente de todos: o dom da vida. Graças a eles estou aqui, trilhando meu caminho profissional, em busca de melhorar o mundo por meio do conhecimento da linguagem.

Finalmente, agradeço ao bom Deus, por todos os dias me dar vida, coragem e forças para buscar crescimento e ajudar os outros também a crescer. O que mais quero é buscar a Sua vontade.

*A medicina é uma ciência social e a política nada mais é do que a
medicina em grande escala*

Rudolf Virchow

RESUMO

A pandemia de coronavírus trouxe diversas mudanças visíveis na maneira de viver, expressas pela linguagem, especialmente nos enunciados digitais. A rede social Instagram torna-se uma arena discursiva marcada por disputa de poder entre diferentes vozes sociais. A ironia, uma estratégia argumentativa caracterizada pela bivocalidade de enunciadores, destaca-se nos enunciados multimodais publicados nessa rede, levando à produção de sentidos que reforçam posicionamentos ideológicos de diferentes grupos. Nesse contexto sócio-histórico, aqui chamado de cronotopo pandêmico, o objetivo geral do presente estudo é analisar o emprego da ironia por grupos anti e pró-vacina como estratégia persuasiva em posts da rede social Instagram, no cronotopo pandêmico. Para isso, os objetivos específicos são: identificar os enunciadores sério e absurdo nos *posts* analisados; descrever as estruturas linguísticas que desencadeiam efeitos de sentidos irônicos; estabelecer relação entre linguagem verbal e linguagem não verbal para produção de sentidos irônicos; e analisar os sentidos produzidos, a valoração e as relações dialógicas a partir das condições sócio-histórico-ideológicas presentes no cronotopo pandêmico amplo e estrito. Esta é uma pesquisa qualitativa interpretativista que tem como base a análise do discurso pelo método sócio-histórico bakhtiniano, além da Teoria Polifônica da Enunciação ducrotiana, que norteia os princípios da ironia. Discorremos sobre os aspectos teóricos relacionados à ironia e a conceitos basilares como cronotopo, dialogismo, valoração e entonação discursiva para análise do corpus. Os *posts* foram analisados quanto à presença de ironia verbal e não verbal, identificando os posicionamentos ideológicos dos enunciadores sério e absurdo e do locutor dos enunciados. Nosso corpus de análise constitui-se de postagens da rede social Instagram publicadas entre março de 2020 e julho de 2024. Os sentidos produzidos foram analisados a partir do cronotopo pandêmico, levando em consideração as valorações dos signos verbais e não verbais. O diálogo entre os diferentes interlocutores também foi objeto deste estudo visto que os comentários dos enunciados irônicos foram descritos. As análises mostram que o cronotopo pandêmico proporcionou a produção de enunciados irônicos a favor e contrários à adesão à vacinação e a outras medidas de contenção da covid-19. Os diferentes posicionamentos ideológicos manifestam-se em enunciados irônicos elaborados tanto pelo emprego de verbos e nomes, quanto, também por escolhas de imagens e pela associação dessas duas linguagens.

Palavras-chave: Ironia. covid-19. Instagram. Pandemia. Dialogismo Bakhtiniano.

ABSTRACT

The coronavirus pandemic brought with it several visible changes in the way of life, expressed through language, especially in digital discourse. The social network Instagram has become a discursive arena marked by a power struggle between different social voices. Irony, an argumentative strategy characterized by the double-voicing of enunciators, stands out in the multimodal posts published on this network, leading to the production of meanings that reinforce the ideological positions of different groups. In this socio-historical context, here called the pandemic chronotope, the general objective of this study is to analyze the use of irony by anti- and pro-vaccine groups as a persuasive strategy in posts on the social network Instagram, within the pandemic chronotope. To this end, the specific objectives are: to identify the serious and absurd enunciators in the analyzed posts; to describe the linguistic structures that trigger ironic meaning effects; to establish the relationship between verbal and non-verbal language in the production of ironic meanings; and to analyze the meanings produced from the socio-historical-ideological conditions present in the broad and strict pandemic chronotope. This is an interpretivist qualitative research based on discourse analysis through the Bakhtinian socio-historical method. We discuss the theoretical aspects related to irony and fundamental concepts such as chronotope, dialogism, valuation, and discursive intonation for the analysis of the corpus. The posts were analyzed for the presence of verbal and non-verbal irony, identifying the ideological positions of the serious and absurd enunciators and the locutor of the utterances. Our analysis corpus consists of posts from the social network Instagram published between March 2020 and July 2024. The produced meanings were analyzed from the perspective of the pandemic chronotope, taking into account the valuations of verbal and non-verbal signs. The dialogue between different interlocutors was also an object of this study, as the comments on the ironic utterances were described. The analyses show that the pandemic chronotope fostered the production of ironic utterances both in favor of and against adherence to vaccination and other covid-19 containment measures. The different ideological positions manifest in ironic utterances elaborated through the use of verbs and nouns, as well as through image choices and the association of these two languages.

Keywords: Irony. covid-19. Instagram. Pandemic. Bakhtinian Dialogism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Resultado da busca pela hashtag “vacina”, na rede social Instagram	69
Figura 2: Critérios de categorização das postagens obtidas na rede social Instagram pelas #vacina e #antivacina em julho de 2024	73
Figura 3 : Bolsonaro e Queiroga.....	78
Figura 4: Lápides e antivacinas	83
Figura 5: Bolsonaro, jacaré e 100 anos de sigilo	87
Figura 6: Máscaras e chip	92
Figura 7: Pazuello e Manaus	97
Figura 8: Opinião e matemática	102
Figura 9: Alunos antivacina	109
Figura 10: Palhaço em metamorfose	114
Figura 11: House e antivacina	119
Figura 12: Vacinas e microchips	124
Figura 13: Opinião e poliomielite	128
Figura 14: Castigo de escravos e pandemia de covid-19	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Referências levantadas por pesquisa no Google Acadêmico – Outubro/2025. Termos de busca: ironia, covid, cronotopo, Instagram.....	23
Quadro 2 - Referências levantadas por pesquisa no Google Acadêmico – Outubro/2025. Termos de busca: ironia, covid, cronotopo, Instagram, <i>post</i> , multimodalidade.....	23
Quadro 3 - Critérios para análise do contexto de produção dos enunciados obtidos pela pesquisa no Instagram pela #vacina e #antivacina	74
Quadro 4 - Posicionamento ideológico do locutor e dos enunciadores nas postagens obtidas pela #vacina e #antivacina, de acordo com a teoria polifônica da enunciação de Ducrot.....	74
Quadro 5 - Descrição da postagem Bolsonaro e Queiroga segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.....	79
Quadro 6 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Bolsonaro e Queiroga.....	80
Quadro 7 - Descrição da postagem Lápides e antivacina segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.....	84
Quadro 8 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Lápides e antivacina.....	84
Quadro 9 - Descrição da postagem Bolsonaro, jacaré e 100 anos de sigilo segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.....	88
Quadro 10 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Bolsonaro, jacaré e 100 anos de sigilo.....	89
Quadro 11 - Descrição da postagem Máscara e chip segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.....	93
Quadro 12 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Máscara e chip.....	95
Quadro 13 - Descrição da postagem Pazuello e Manaus segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.....	98
Quadro 14 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Pazuello e Manaus.....	100
Quadro 15 - Descrição da postagem Matemática e opinião, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.....	104
Quadro 16 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Matemática e opinião.....	105
Quadro 17 - Descrição da postagem Alunos antivacina, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.....	110
Quadro 18 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Alunos antivacina.....	112
Quadro 19 - Descrição da postagem Palhaço em metamorfose, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.....	116

Quadro 20 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Palhaço em metamorfose.....	117
Quadro 21 - Descrição da postagem House e antivacina, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.....	121
Quadro 22 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem House e antivacina.....	122
Quadro 23 - Descrição da postagem Vacinas e microchips, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.....	126
Quadro 24 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Vacinas e microchips.....	127
Quadro 25 - Descrição da postagem Opinião e poliomielite, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.....	130
Quadro 26 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Opinião e poliomielite.....	131
Quadro 27 - Descrição da postagem Castigo de escravos e pandemia de covid, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.....	135
Quadro 28 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Castigo de escravos e pandemia de covid-19.....	136

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	26
2.1 A Análise Dialógica do Discurso (ADD): breves considerações.....	27
2.2 Contribuições do Círculo de Bakhtin para a pesquisa.....	30
<i>2.2.1 O gênero discursivo post.....</i>	<i>42</i>
2.3 A ironia.....	45
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	57
3.1 Natureza da pesquisa.....	59
3.2 O corpus da pesquisa.....	61
3.3 Procedimentos para análise.....	73
4. ANÁLISE DOS <i>POSTS</i>.....	76
4.1 Postagens obtidas pela pesquisa utilizando a hashtag #antivacina.....	76
<i>4.1.1 Enunciados da hashtag #antivacina com o signo linguístico “vacina” explícito</i>	<i>77</i>
<i>4.1.2 Enunciados da hashtag #antivacina sem o signo linguístico “vacina” explícito</i>	<i>91</i>
4.2 Postagens obtidas pela pesquisa utilizando a hashtag #vacina.....	107
<i>4.2.1. Enunciados da hashtag #vacina com o signo linguístico “vacina” explícito.....</i>	<i>108</i>
<i>4.2.2 Enunciados da hashtag #vacina sem o signo linguístico “vacina” explícito.....</i>	<i>123</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
Referências.....	143

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de coronavírus em 2020 ocasionou mudanças substanciais no modo de viver e de se relacionar da grande maioria das pessoas. Diante dessa situação de emergência em saúde, instauradora do caos social, observamos uma profusão discursiva relacionada ao manejo governamental frente à explosão do número de casos. Em enunciados, nos mais diversos campos de comunicação, tornaram-se evidentes divergências em relação a medidas para o controle pandêmico, como isolamento social, tratamento precoce e vacinação anticovid.

Devido à importância e à urgência do tema, a produção de enunciados do campo científico teve papel de destaque frente às incertezas que decorreram da nova doença e dos desdobramentos dela decorrentes. No entanto, como destacam Lima e Bastos (2021), com o surgimento da covid-19¹ no mundo e no Brasil também ganham força outros enunciados – os da negação da ciência – que travam com os primeiros uma disputa pelo poder em uma mesma arena, a partir de um mesmo ponto de partida. Essa questão destacada pelos autores coaduna com as observações de Volóchinov (2017), ao indicar que todo discurso é bivocal, uma vez que carrega diferentes posicionamentos e valorações sociais. Assim, em uma sociedade plural, como a do século XXI, palco da referida pandemia, as discussões sobre o manejo pandêmico foram também lugar de disputa de poder entre as diferentes classes sociais, como já previam os estudiosos russos em suas análises.

Em todo o mundo, a pandemia suscitou posturas que reforçaram diferentes vieses ideológicos. Alguns países, como a Austrália, por exemplo, adotaram protocolos de prevenção com medidas extremas que resultaram em um número mínimo de casos, com baixos índices de mortalidade associados à doença. De acordo com publicação no site G1 de notícias, o país, com uma população aproximada de 26 milhões de habitantes, em julho de 2021, computava menos de 33 mil casos e menos de mil mortes em decorrência do vírus (G1, 2021). Por outro lado, com uma frequência muito maior, vários países adotaram posturas negacionistas que desencadearam impactantes discursos anticiência com consequente elevação no número de vidas perdidas. Estados Unidos e Brasil foram exemplos de negacionistas com alto grau de mortalidade relacionado à covid-19. Um dado alarmante obtido no mesmo site de notícias, também em julho de 2021, indica que, no Brasil, com aproximadamente 210 milhões de habitantes (cerca de 9

¹ O VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – recomenda uso de letra minúscula e hífen para o termo.

vezes a população da Austrália), houve apenas no referido mês o registro de mais de 33 mil mortes em decorrência da doença (Pinheiro, 2021). A mesma notícia informa aos leitores que, nesse período, cerca de 1 ano e quatro meses depois do registro do primeiro caso no Brasil, menos de 20% da população brasileira havia sido vacinada.

A vacinação contra a covid-19 no Brasil tornou-se um espaço importante de disputas ideológicas visto que os discursos anti e pró-vacina traziam em si disputas político-partidárias existentes muito antes da pandemia propriamente dita. O surgimento de uma emergência em saúde pública, como a que presenciamos no Brasil e no mundo, proporcionou uma grave ruptura entre partes da nossa sociedade que vivia desde antes da epidemia um processo de polarização entre uma direita neoliberal (com tendências à extrema direita) cada vez mais rica e a classe trabalhadora, marcada por um empobrecimento progressivo, refém dos comandos direitistas norteados pelo capitalismo selvagem.

O anúncio do primeiro caso pandêmico ocorreu na China, em setembro de 2019. No Brasil, o primeiro registro foi em 26 de fevereiro de 2020. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou oficialmente a covid-19 como uma doença pandêmica, quando o Brasil já tinha mais de 100 casos confirmados (BRASIL, 2020). Inicialmente, a conduta de combate à infecção pelo coronavírus recomendada pelos cientistas era o isolamento social e o fechamento de serviços não essenciais à manutenção da vida, como comércios em geral, mantendo-se em funcionamento apenas serviços de saúde e outros necessários à subsistência, como os supermercados. A população, para evitar a transmissão do vírus, deveria ficar em casa até que houvesse diminuição de danos e morte causados pela doença. Entretanto, empresários de diversos setores se opuseram à recomendação dada pelos cientistas, incentivando a disseminação de discursos anticiência para garantir ganhos financeiros mesmo diante do preocupante cenário pandêmico.

O governo brasileiro, na voz do então presidente Jair Messias Bolsonaro, negligenciava o risco de alastramento da doença. Uma fala que marcou o discurso do ex-presidente foi, por várias vezes, em aparições públicas, chamar a doença de uma “gripezinha” (Colleta, 2020), incentivando a população a manter a vida “normal”, desconsiderando a recomendação de autoridades do campo científico. Além de induzir os brasileiros a não realizarem o isolamento social proposto pelos cientistas, o governista também ignorava publicamente outra recomendação: o uso de máscaras, uma barreira física para a contenção do vírus. O político desfilava publicamente sem utilizar o item de proteção mesmo em lugares em que a utilização

era obrigatória. Mesmo diante do aumento do número de mortes pela doença no Brasil, desmerecia as medidas propostas e, em certa ocasião, quando perguntado sobre a piora do quadro no Brasil, afirmou publicamente não ser coveiro, um mês após a chegada do vírus, em uma notícia publicada no site de notícias G1, quando mais de 2700 brasileiros já haviam perdido a vida pela doença (Gomes, 2020), ignorando totalmente as necessidades sanitárias do povo brasileiro.

Após a aplicação da primeira da dose da vacina contra a covid-19 no ocidente, no Reino Unido, em dezembro de 2020, Bolsonaro ignorou a possibilidade de trazer o insumo para o Brasil e, em entrevista ao site UOL de notícias, ignora novamente a Ciência ao dizer a seus seguidores que se tomassem a vacina e que virassem jacarés, o problema seria deles (UOL, 2020). Nesse ínterim, a pasta do Ministério da Saúde foi notícia especialmente por sofrer a troca constante de ministros da saúde, resultante da falta de consenso entre o líder do executivo nacional e os médicos que assumiam o comando desse ministério. Nesse período de trocas subsequentes, a doença se expandiu em território nacional e não foram realizadas ações concretas em relação à compra de vacinas produzidas fora do Brasil. Em paralelo, o estado de São Paulo, na época governado por João Dória, conseguiu desenvolver e produzir a vacina Coronavac. Houve então a vacinação da primeira pessoa no Brasil contra a covid-19 no dia 17 de janeiro de 2021, quase 11 meses após a notificação do primeiro caso em território nacional. Oliveira e Telles (2011) discorrem sobre o papel dos institutos públicos de pesquisa na aceleração do processo de inovação industrial no Brasil. Para os autores, instituições como o Instituto Butantan, Fiocruz e vários outros, têm potencial para, por meio da realização de pesquisas acadêmicas, contribuir para a inovação tecnológica, ainda incipiente no contexto brasileiro. A produção da vacina citada é um exemplo disso. A partir dessa inovação, resultante de pesquisas utilizando o vírus inativado, milhares de vidas foram salvas no Brasil e no mundo. Uma questão para a qual os pesquisadores chamam a atenção é o fato de que embora entre os anos 2000 e 2008 o número de pesquisadores doutores tenha mais que dobrado em nosso país, a má comunicação entre universidades, governos e empresas de tecnologias ainda deixa uma lacuna que gera prejuízo ao desenvolvimento tecnológico nacional.

Apesar de todos os esforços de cientistas empenhados na busca de um imunizante, a vacina foi menosprezada por Bolsonaro. O governante, em diversas aparições públicas na internet, incitava os brasileiros a não se vacinarem, além de estimular o tratamento precoce, constituído por fármacos sem comprovação científica. Dessa maneira, os discursos do então presidente contribuíram para a ineficácia do combate à pandemia, resultando em centenas de

milhares de mortes preveníveis, colocando em prática a afirmação do médico polonês Rudolf Virchow. Conhecido como pioneiro da Medicina Social, no século XIX, o sanitarista se destacou pela célebre frase “a medicina é uma ciência social e a política nada mais é do que a medicina em grande escala” (Maté e Maté, 2023, p. 306), ou seja, no Brasil, com a covid-19, o manejo (ou a ausência dele) em relação às questões pandêmicas foi determinante nas milhares de centenas de mortes que pudemos presenciar em decorrência da questão de saúde citada.

Para veicular a desinformação por meio do discurso anticiência, as mídias digitais eram priorizadas por Bolsonaro e seus seguidores. Nesse sentido, a rede social Instagram, que foi um canal amplamente utilizado para disseminar informações úteis, também foi empregada no espalhamento de desinformações propulsoras da não adesão à vacina anticovid, isolamento social e tratamento precoce. Juntamente a outras, essa rede se assemelha a uma arena discursiva, conceito discutido pelos estudiosos do Círculo de Bakhtin. Segundo Magalhães e Queijo (2015), “a arena constitui um espaço de luta de natureza discursiva porque, a despeito dos embates físicos ali travados, a matriz da tensão são os embates projetados sobre o evento”. Assim, podemos explorar em nossa pesquisa esse pressuposto. Ao darmos destaque ao Instagram como canal de informação e de desinformação no período pandêmico, não podemos deixar de lembrar a pandemia como ponto de partida para uma revolução tecnológica no campo das mídias digitais. O isolamento social obrigou pessoas que pouco acessavam às mídias a se comunicarem, trabalharem e até mesmo a se entreterem por meios digitais. Assim, essa mudança de hábito que culmina em novas práticas sociais propiciou uma profusão discursiva nessa rede social, dando origem a vários enunciados, inclusive os que são objeto de análise desta pesquisa.

Ao observarmos as postagens nessa mídia, percebemos que muitas apelam para o humor, construído pela ironia. A partir dessa observação, neste trabalho, problematizamos os enunciados irônicos em grupos anti e pró-vacina como estratégia para se posicionarem favoráveis ou contrários à adoção de medidas propagadas pelo governo brasileiro em relação à questão. Para Ducrot (1987), o enunciado irônico constitui um caso de polifonia de enunciadore (E), no qual o locutor coloca, no nível do posto, o enunciadore absurdo (Passetti, 1995), com o qual não se identifica. A construção do sentido irônico requer necessariamente a participação do interlocutor (Passetti, 1995), que deve rechaçar o posicionamento apresentado pelo enunciadore absurdo (doravante E absurdo), percebendo o enunciadore sério (doravante E sério). A partir dessa perspectiva, considera-se, em princípio, que

o alvo do discurso irônico, neste estudo, deva ser o grupo que defende o posicionamento contrário.

Ainda no que diz respeito à ironia, Casagrande (2021) adota o termo “sedução” para o efeito de sentido produzido pela ironia em charges multimodais. A autora explica que o emprego desse termo se dá inicialmente pela produção de humor, que diverte o interlocutor em seu primeiro contato com o texto e, posteriormente, presentifica as lembranças que estão em sua mente e ativa um desejo de vingança. Assim, os enunciados irônicos, necessariamente, para que sejam compreendidos nas diferentes vozes pelos interlocutores, exigem que haja um conhecimento prévio acerca do tema em questão.

Em nossa pesquisa, destacamos o impacto do tempo e do espaço sobre os discursos produzidos. Verificamos, a partir da perspectiva bakhtiniana de cronotopo (Volóchinov, 2017), que no espaço-tempo em que se deu a pandemia – chamado por nós de cronotopo pandêmico - houve uma valoração discursiva diferente da que antes se atribuía a determinados ideológicos². No cronotopo pandêmico, torna-se evidente a utilização das redes sociais para a disputa de poder entre grupos com ideologias diferentes a partir de um mesmo signo. Especificamente, o signo “vacina” que reflete e refrata posicionamentos axiológicos e ideológicos em disputa, ou seja, de grupos favoráveis e contrários à vacinação anticovid-19. Essas disputas ultrapassam os limites do campo da saúde, limites esses que eram mais demarcados antes do início da pandemia.

Em perspectiva análoga, Amorin (2005) afirma que o cronotopo é indissociável do equilíbrio entre o tempo e o espaço na produção de sentido nos enunciados, sendo o tempo predominante sobre o espaço. Assim, em nossa pesquisa, o cronotopo pandêmico ganha destaque, uma vez que o “novo normal” vivido nesse tempo exerce papel ativo nos dizeres que aqui avaliamos. Isso é facilmente perceptível ao pensarmos em signos como “vacina” e “tratamento” que, anteriormente à pandemia, produziam sentidos diferentes daqueles produzidos no espaço-tempo específico de nossa pesquisa. Portanto, estudar o cronotopo pandêmico se faz necessário para a descrição e análise de nosso material.

Outro ponto a ser ressaltado é o uso de linguagem multimodal nos enunciados irônicos. Romualdo (2000), ao analisar charges jornalísticas da Folha de S. Paulo que se marcavam pelo uso da ironia, já demonstrava que a identificação do fenômeno dependia da leitura da

² Por ser esta uma pesquisa que trata dos aspectos dialógicos dos *posts* anti e pró-vacina, de acordo com os pressupostos teóricos bakhtinianos, a palavra “signo” será utilizada sempre com sentido ideológico.

multimodalidade presente nesses textos, pois o sentido irônico resultava do contraponto entre a linguagem verbal e a visual. Na perspectiva de Lemke (2010), a linguagem não verbal não apenas acrescenta sentidos à linguagem verbal, como também multiplica tais sentidos. No que diz respeito à nossa pesquisa, a ironia no nível verbal é mais fácil de ser percebida ao analisarmos também os aspectos imagéticos do enunciado. Coadunando essa informação, Barbosa, Araújo e Aragão (2016) definem que o uso da multimodalidade permite que a imagem e o texto assumam funções diferentes na produção de sentidos. Para as autoras, essa integração vai além da substituição de um recurso por outro. Destacam que, para que os sentidos sejam produzidos, os interlocutores devem utilizar conhecimentos relacionados à produção, ao design e ao discurso que constituem o enunciado. Além disso, destacam que a multimodalidade compõe um processo de leitura no qual linguagens e tecnologias se relacionam.

Casagrande (2021) defende a ideia de que, nos textos multimodais, a ironia pode ocorrer sob formas diferentes: verbais ou imagéticas, intencionais ou não-intencionais, explícitas ou implícitas. No entanto, a autora debate, em sua tese de doutorado que trata sobre a persuasão pelo uso de humor e ironia em charges multimodais, que as abordagens tradicionais acerca de enunciados irônicos não conseguem capturar com eficácia o papel desempenhado pela ironia relacionada à imagem do texto, uma vez que teorias linguísticas reportam-se primordialmente a elementos verbais, menosprezando elementos visuais, que por sua vez se fazem cada vez mais presentes em todos os espaços de comunicação, virtuais ou não.

Nesse sentido, Araújo e Cesarino Junior (2021, p. 22) apontam que “a complementaridade de linguagens é fundamental nas práticas letradas contemporâneas, que precisam ser aprendidas em sua diversidade”. Em uma análise de memes produzidos por estudantes do Ensino Médio, os autores destacam que a propagação de textos desse gênero se caracteriza como uma forma de expressão e participação social dos sujeitos, proporcionando debates e ações políticas nas interações pela internet. Em sua pesquisa, trazem ainda que “o produtor de um texto de circulação online, tal como o meme, é um “designer”, pois cabe a ele escolher entre opções de leiaute, imagens e outras linguagens disponíveis, o que sublinha sobretudo a noção de inexistência de neutralidade na tessitura textual” (Araújo e Cesarino Júnior, 2021, p. 23).

Ao tratarmos sobre a ironia em *posts* publicados na rede social Instagram, não podemos ignorar os efeitos de sentido que decorrem do uso dessa estratégia argumentativa. Destacamos que ocorre, nessa arena discursiva, o fortalecimento e valorização dos discursos de ódio,

disfarçados de “liberdade de expressão”, como respostas aos enunciados lançados em uma cadeia discursiva. Para Costa (2021, p. 324-325), os discursos discriminatórios, também denominados discursos de ódio ou *hate speech*, consistem em uma “expressão de pensamento de maneira depreciativa voltado a um determinado grupo da sociedade, com o intuito de desqualificar, menosprezar e humilhar indivíduos”. Em uma análise realizada a partir dos pressupostos do Direito, o autor destaca ainda que “o discurso de ódio se caracteriza pelo conteúdo segregacionista, fundado na dicotomia da superioridade do emissor e na inferioridade do atingido”. Portanto, a partir de suas considerações, levantamos a possibilidade da utilização da ironia não apenas para expor um pensamento ou defender um ponto de vista, como também rechaçar, humilhar e rebaixar interlocutores que tenham pontos de vista divergentes do responsável pelo enunciado. Vale ressaltar que, nos casos em que os textos sejam geradores de *hate speeches*, há ainda a possibilidade de desdobramentos que saiam do campo cibernético, levando a consequências até mesmo legais para os envolvidos na produção dos discursos.

Dessa maneira, a ironia, no cronotopo pandêmico, apresenta-se como uma poderosa ferramenta de defesa de posicionamentos ideológicos e, por isso, é focalizada em nosso estudo. Diante dos aspectos teóricos apresentados, temos como pergunta de pesquisa: “Como a ironia é utilizada para a persuasão em postagens anti e pró-vacina da covid-19 no cronotopo pandêmico?”. Para respondê-la, o objetivo geral deste trabalho é analisar o emprego da ironia por grupos anti e pró-vacina como estratégia persuasiva em *posts* da rede social Instagram, no cronotopo pandêmico. Os objetivos específicos almejados são: i) identificar os E sério e E absurdo nos *posts* analisados; ii) descrever as estruturas linguísticas que desencadeiam efeitos de sentidos irônicos; iii) estabelecer relação entre linguagem verbal e linguagem não verbal para produção de sentidos da ironia; e iv) analisar os sentidos produzidos, a valoração e as relações dialógicas a partir das condições sócio-histórico-ideológicas presentes no cronotopo pandêmico amplo e estrito.

O corpus desta pesquisa é constituído de postagens irônicas anti e pró-vacina obtidas por pesquisa na rede social Instagram no cronotopo pandêmico, tempo-espço que englobou *posts* publicados entre fevereiro de 2020 e maio de 2023. Os enunciados analisados são *posts* com linguagem verbal e não verbal, com ou sem o signo vacina explícito verbalmente. Para o levantamento das postagens, utilizamos as hashtags “vacina” e “antivacina”, sendo analisadas apenas aquelas disponíveis em contas individuais abertas ao público em geral. A Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot foi o principal critério utilizado para a seleção dos enunciados por meio da identificação da ironia. Inicialmente foram obtidas quarenta postagens,

vinte por busca pela hashtag “vacina” e as outras vinte pela hashtag “antivacina”. Após uma análise metódica, foram estudadas neste trabalho doze delas, 6 (seis) postagens resultantes de pesquisa em cada hashtag.

Em uma discussão na qual discorre o embate entre a ciência e o senso comum, Santos (2008) faz um alerta aos seus interlocutores ao indicar o fortalecimento na sociedade de discursos que se distanciam de fatos comprovados a partir de métodos científicos e se aproximam de dizeres advindos de fontes desconhecidas da academia. O autor afirma que o discurso científico, desde o final do século XX, perde seu valor na sociedade, o que contribui para as tentativas de desmonte da educação pública e consequente descrédito do discurso científico. Ao discorrer sobre essa temática, o cientista chama a atenção para o fato de que há disfuncionalidades no paradigma positivista que evidenciam as fragilidades na base que o sustenta.

Essas fragilidades advêm do fato de que, para os positivistas, o conhecimento científico se restringe unicamente ao que é obtido por meio de observações objetivas e comprováveis da realidade. E, na perspectiva de Santos (2008), há um equívoco nesse pensamento, uma vez que as ciências exatas apenas descrevem e quantificam o que está na superfície de um objeto e não alcançam as raízes sociais mais profundas que se relacionam a origem desse objeto. Desse modo, há fenômenos sociais que não são suficientemente explicados por pesquisas enraizadas no paradigma positivista, expondo lacunas deixadas por pesquisas norteadas exclusivamente pela objetividade dos fatos. É nesse contexto que as correntes anticientíficas ganham força ao simularem respostas às brechas que surgem a partir de restrição da ciência ao positivismo.

Uma das consequências ao enfraquecimento do discurso científico positivista é a criação e disseminação em massa de discursos aleatórios sem base científica que se propagam na sociedade nos mais diversos campos da comunicação. O discurso antivacina – que representa um posicionamento ideológico analisado e discutido em nosso estudo - é consequência desse enfraquecimento. Há, na criação desse discurso, uma extrapolação dos sentidos produzidos no campo da saúde e da medicina, prototipicamente vinculado à vacina, medicamentos e outras tecnologias de prevenção e tratamento de doenças para o campo da política, no qual se destaca a disputa vozes sociais que representam diferentes ideologias. É por isso que estudos como esta dissertação se fazem necessários para investigar de fenômenos que ganham destaque social, como o antivacinismo da covid-19.

Em nossa pesquisa, ao empregarmos as teorias propostas pelo Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2017), dialogamos com as origens sócio-históricas de um fenômeno aparentemente vinculado a questões de saúde, o que não é possível de alcançado em análises meramente descritivas e quantitativas. Assim, a Análise Dialógica do Discurso vai de encontro aos objetivos apontados, uma vez que trata as ideologias antivacina e pró-vacina como respostas a outros enunciados dentro de um período específico – o cronotopo pandêmico.

Aproveitamos o ensejo para relacionar a escolha do tema e do enfoque desta pesquisa ao histórico acadêmico e profissional da pesquisadora que aqui escreve. Embora esta dissertação esteja contemplada na área de Estudos Linguísticos, na subárea de Análise do Texto e do Discurso, a formação acadêmica inicial da pesquisadora na área de Farmácia tem influência considerável em sua maneira de dialogar com os enunciados. Esse diálogo começou na atuação profissional como farmacêutica, quando identificava, na dispensação dos fármacos, vozes sociais ali presentes, especialmente aquelas movidas pelos interesses capitalistas que sustentam as práticas de saúde (ou de doença) no Brasil. Diante disso, recorreu ao mestrado em Saúde Coletiva, para discutir sobre as questões não médicas inerentes às práticas sociais que envolviam a medicina. Em sua dissertação, apesar de descrever e quantificar fenômenos relacionados ao uso indevido de medicamentos, não obteve êxito no levantamento das origens sócio-histórico-ideológicas que davam origem a essas mazelas. Dedicou-se então à graduação em Letras na tentativa de dialogar com essas origens para compreender, pela Linguagem, os fenômenos vivenciados em sua prática anterior como profissional de saúde. A Análise Dialógica do Discurso, por sua vez, neste estudo sobre as ideologias pró e antivacina, trouxe as respostas buscadas pela pesquisadora em seu percurso anterior como profissional e acadêmica em programas de graduação e pós-graduação da área da saúde.

Esse percurso ilustra a ideia de Santos (2008), ao enfatizar que pesquisas que têm como base unicamente o paradigma positivista são insuficientes para explicar fenômenos sociais relevantes como os que levantamos aqui. A partir dessas reflexões, podemos até mesmo questionar o papel da medicina atual, que muitas vezes produz outras novas doenças a partir dos tratamentos impostos e, assim, torna os pacientes cada vez mais dependentes. As lacunas deixadas pelo positivismo nesse campo podem até mesmo ser propositais de modo que grandes contingentes empresariais lucrem cada vez mais pela indústria da doença, da morte e da dependência. Diante do exposto, me coloco como pesquisadora da Linguagem, mas sem dissociar-me da saúde, espaço esse que carece de outros estudos linguísticos-discursivos que discutam os aspectos sociais relacionados ao processo de saúde-doença.

A inseparabilidade das práticas relacionadas ao processo saúde-doença das práticas linguístico-discursivas contribuiu para a escolha da ironia como estratégia a ser analisado no presente estudo. Esse fenômeno linguístico-discursivo é apreendido nos enunciados multimodais que aqui estudamos a partir das condições contextuais vivenciadas no período da pandemia de covid-19. A polifonia de vozes presente na ironia é marcada por um locutor que apresenta pontos de vista distintos e, por isso, mostrou-se eficaz na produção de sentidos anti e pró-vacina. A agressividade presente nos enunciados irônicos faz com que os sentidos produzidos extrapolem o campo da saúde e ganhem força em outros campos da atividade humana, como apresentamos em nossas análises.

Assim, relacionamos, em nosso trabalho, uma temática frequentemente abordada por pesquisas no campo da saúde – a vacina, mais especificamente a vacinação anticovid-19 - à Análise Dialógica do Discurso bakhtiniana. Essa associação se dá a partir agressividade e contradição produzidos pela ironia, conforme descrito inicialmente pela teoria ducrotiana e retomado em outros estudos linguísticos como os de Passetti (1995), Romualdo (2000) e Brait (2008). O que diferencia nosso trabalho dos demais trabalhos acerca da ironia é o fato de que a contradição produzida leva à produção de sentidos que assumem papel de elos em uma cadeia discursiva em uma disputa ideológica de forças entre grupos anti e pró-vacina em um período no qual esse insumo assume papel de signo ideológico.

Além do aspecto social e político, devido à grandiosidade das consequências da pandemia de covid-19 para todo o mundo, nossa pesquisa justifica-se academicamente pelo recorte do estudo da ironia em *posts* da rede social Instagram. Em uma busca no Catálogo de teses e dissertações da CAPES (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>), realizada no dia 14 de outubro de 2025, ao consultarmos somente pelo termo ironia, 4710 (quatro mil, setecentos e dez) trabalhos foram listados. Isso se deve ao fato de a ironia ser um fenômeno muito estudado, não somente na área de Letras (pela Linguística e pela Literatura), mas também em outras áreas, como a Sociologia, a Psicologia, a Educação etc.

Ao filtrarmos nossa busca utilizando as palavras “ironia” e “Instagram”, nenhum registro foi encontrado, mostrando o ineditismo de nossa pesquisa. Ao substituírmos o termo “Instagram” por “covid”, surge o trabalho de Berezoschi (2024), na área de Psicologia Social. Ao substituírmos o termo “covid” por “pandemia”, o mesmo trabalho é apresentado. Em sua tese, a autora procura compreender o poder político-afetivo dos memes, examinando como o riso e a ironia presentes nos comentários revelam medos (do vírus, desemprego, morte),

juízos do outro e tensões entre autonomia e servidão. O trabalho de Berezoschi (2024) diferencia-se do nosso não somente pela área de estudo, mas por propor uma abordagem dos afetos. Vemos a ironia como um recurso linguístico-discursivo, enquanto a tese a aborda como expressão afetiva e política, investigando seu papel nas dinâmicas subjetivas e coletivas. A autora, diferente de nós, não se concentra na estrutura da ironia na busca pelos sentidos, mas em como ela media as relações emocionais e políticas entre os sujeitos.

Em outra perspectiva, por meio de pesquisa no Google Acadêmico, em 16 de outubro de 2025, encontramos aproximadamente 166.000 (cento e sessenta e seis mil resultados) para busca de trabalhos com o termo “ironia”, reafirmando a multiplicidade de estudos envolvendo essa temática. Ao incluirmos, em nova busca, “covid”, esse valor diminui para, aproximadamente, 9.000 (nove mil resultados). Sucessivamente, ao acrescentarmos a palavra “cronotopo”, são listados 95 (noventa e cinco) resultados e, ao afunilarmos pelo acréscimo do nome “Instagram”, o número de publicações cai para 8 (oito), conforme listado no quadro 1. Entretanto, ao examinarmos os trabalhos, verificamos que poucos se assemelhavam ao que é proposto em nosso estudo, uma vez que abordavam o fenômeno linguístico da ironia em lugares diferentes do qual nos prestamos, como no estudo realizado por Olivarte (2021), que em sua dissertação de mestrado profissional analisa notícias junto a estudantes do Ensino Fundamental, o que não se equipara a nosso objeto, *posts* multimodais publicados na rede social Instagram. Helbel (2022), em sua tese de doutorado, aplica a escrita da ironia em crônicas junto a alunos de um curso profissionalizante, ao passo que Paz (2023), em sua dissertação de mestrado, analisa a ironia presente em um romance à luz dos tempos pandêmicos, diferindo também do que delineamos para nossas análises.

Paula e Oliveira (2022) fazem uma análise de um *post* multimodal irônico que foi postado na rede social Facebook, no cronotopo pandêmico. Embora o corpus da pesquisa se assemelhe ao que aqui estudamos, essa rede social apresenta características diferentes do Instagram, que neste estudo ocupa lugar de arena discursiva. Por isso, esse artigo não aparece no próximo afunilamento de nossa busca. Paz (2024), em sua tese de doutorado, faz um levantamento no Twitter, delimitando o material de análise ao utilizar as hashtags “revoltadavacina” e “amoraopróximo”. O foco principal de seu trabalho foi o resultado da pesquisa pelas diferentes hashtags, o que distancia seu objeto de análise do que analisamos aqui – os *posts* multimodais. Citelli (2021), no que lhe concerne, trata da multimodalidade em ambientes digitais a ser trabalhada em campo escolar, o que afasta seu trabalho de nossa pesquisa, que tem como foco o campo midiático da comunicação digital.

Quadro 1: Referências levantadas por pesquisa no Google Acadêmico – Outubro/2025. Termos de busca: ironia, covid, cronotopo, Instagram.

Autor	Instituição	Título	Ano	Tipo
PAZ, M.L.S.	UFRN	Twitter e o cronotopo reticular por meio dos embates dialógicos nas hashtags #REVOLTADAVACINA E #VACINAÉAMORAOPROXIMO	2024	tese
PAULA, L.; OLIVEIRA, N.R.	UNESP	“Pandeminions”: análise dialógica dos “(bolso)minions” na pandemia da COVID-19	2022	artigo
PEREIRA, M.H.M., SILVA, AB SILVA, SILVA, VHO.	Editoras Mentas abertas	Dialogia e ideologia pelas lentes do Círculo de Bakhtin: uma análise de um comentário de Booktube	2023	Capítulo de e-book
FOLONI, A; ROHLING, L.	Pedro & João editores.	Discurso polêmico e racismo na praça pública das mídias digitais.	2024	Capítulo de e-book
OLIVARTE, C.M.M.	UEM - Profletras	FAKE NEWS: LEITURA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA COM O GÊNERO (DES) NOTÍCIA PARA O 7º. ANO	2021	dissertação
HELBEL, D.S.	Unesp	A formação da autoria em alunos do ensino técnico no processo de criação de enunciados do gênero crônica por meio da atividade de estudo	2022	tese
CITELLI, A.	SciELO books	Comunicação e educação: dinâmicas midiáticas e cenários escolares	2021	e-book
PAZ, M.A.	PUCRS	Pessoas normais, de Sally Rooney : um romance de formação no século XXI	2023	dissertação

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

Para especificar ainda mais os resultados obtidos, acrescentamos as palavras “*post*” e “multimodalidade”, no Google Acadêmico, e a pesquisa nos trouxe apenas dois capítulos de e-books, conforme consta no quadro 2, que repete trabalhos já listados no Quadro 2:

Quadro 2: Referências levantadas por pesquisa no Google Acadêmico – Outubro/2025. Termos de busca: ironia, covid, cronotopo, Instagram, *post*, multimodalidade.

Autor	Instituição	Título	Ano	Tipo
PEREIRA, M.H.M., SILVA, AB SILVA, SILVA, VHO.	Editoras Mentas abertas	Dialogia e ideologia pelas lentes do Círculo de Bakhtin: uma análise de um comentário de Booktube	2023	Capítulo de e-book
FOLONI, A; ROHLING, L.	Pedro & João editores.	Discurso polêmico e racismo na praça pública das mídias digitais.	2024	Capítulo de e-book

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

Ao analisarmos as duas referências listadas no Quadro 2, verificamos que, nos dois casos, as autoras apresentam, descrevem e comentam publicações isoladas em redes sociais. Pereira, Silva e Silva (2024) discutem comentários de internautas postados no Youtube a partir da publicação de uma Booktober – uma influenciadora digital que atua em uma comunidade on-line focada em livros e leituras – no canal intitulado “Ler antes de morrer”, disponível nessa rede. No estudo em questão, as pesquisadoras analisam os comentários postados em diálogo com o vídeo que a influenciadora posta sobre o livro “Torto arado”, de Itamar Vieira Junior. As estudiosas analisam esses enunciados discursivamente o que, em parte, aproxima esse trabalho do nosso, visto que os comentários também são analisados em nosso estudo. No entanto, vamos para além, ao relacionarmos os efeitos da ironia nos aspectos verbais e imagéticos dos enunciados, o que não se contempla em nenhum dos dois capítulos de e-book listados. Por sua vez, Foloni e Rohling (2024) traçam uma linha do tempo que vai desde “o caso Bombril” até o movimento “Black lives matter” para discorrer sobre o racismo presente nos enunciados em textos multimodais.

Nesse contexto, nossa pesquisa se mostra necessária tendo em vista que aborda a ironia, um fenômeno linguístico amplamente discutido, dentro de um espaço-tempo específico, o da pandemia de covid-19, em enunciados multimodais que representam lutas ideológicas dentro de uma arena discursiva cada vez mais voraz: a rede social Instagram. Assim, a junção de todos os aspectos citados culmina no ineditismo de nosso trabalho, o que o torna um importante elo entre o que já se conhece com o conhecimento que está por vir.

Nossa pesquisa se justifica, ainda, pela importância do uso proficiente da língua e da linguagem na sociedade, mais especificamente nos meios digitais e nas redes sociais, para a difusão e propagação de ideias movidas a partir de ideais políticos que se fundamentam na busca pelo poder por diversos grupos sociais. Dessa maneira, pesquisas que descrevam e analisem textos e discursos produzidos acerca do tema contribuem para o reconhecimento das vozes sociais que emergiram e se destacaram no cronotopo pandêmico.

Para respondermos aos objetivos propostos, textualmente discorreremos em primeiro lugar sobre a fundamentação teórica para nossas análises. Na sequência, discorreremos sobre o desenho metodológico da pesquisa e os procedimentos de coleta e análise dos dados. Nos aprofundamos teoricamente na Análise Dialógica do Discurso, com recorte específico nos pressupostos “dialogismo”, “cronotopo” e “valoração”, além de trazermos para discussão trabalhos de comentadores brasileiros dessa temática. Também discorreremos sobre o Instagram

como microcronotopo pandêmico dentro de um macrocronotopo, relacionando-se à produção de novos sentidos dentro do cronotopo pandêmico. Em relação às análises, nosso corpus foi constituído a partir do levantamento pela hashtag vacina e, depois, após pesquisa da hashtag antivacina. As postagens obtidas foram analisadas de acordo com o contexto de produção, os comentários e o perfil do locutor, além de identificadas as marcas linguísticas e visuais que produziram os sentidos irônicos. Por fim, apresentamos as considerações finais transitórias com perspectivas para novos trabalhos que possam ser desenvolvidos com o mesmo intuito.

Compreender os mecanismos da ironia nos *posts* do Instagram, transcende o interesse linguístico, oferecendo uma possibilidade de decifrar os combates ideológicos que moldaram o Brasil pandêmico. Ao investigar como a palavra e a imagem se entrelaçam para persuadir, ridicularizar e posicionar sujeitos em um cenário de crise sanitária e política, este trabalho pode iluminar as estratégias discursivas que alimentaram a polarização. As análises podem, ainda, promover uma reflexão sobre como os sentidos são forjados e disputados nas arenas digitais, auxiliando na compreensão das complexas relações entre linguagem, poder e sociedade em um dos períodos mais críticos da história recente do país. Além disso, tratam sobre como a consciência socioideológica das pessoas se transformou no cronotopo pandêmico. Essa fato é possível de ser verificado ao pensarmos sobre indivíduos que sempre tiveram a carteira de vacinação em dia no Brasil, país conhecido como exemplo mundial quanto ao calendário vacinal, que, com a pandemia assumem comportamento antivacina diante do contexto sócio-histórico-político-ideológico vivenciado.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na fundamentação teórica, apresentamos inicialmente os aspectos teóricos relacionados à Análise Dialógica do Discurso (ADD), que tem como base os princípios teórico-metodológicos dos estudos do Círculo de Bakhtin. Para a discussão dos dados, nos fundamentamos em pressupostos teóricos levantados pelos pesquisadores do Círculo de Bakhtin, levando em conta aspectos relevantes para nossa pesquisa, tais como o conceito de dialogismo, cronotopo, ideologia e valoração, fundamentais para a apreensão dos sentidos produzidos pelos *posts* em análise. Nessa mesma direção, destacamos, em um subitem específico, o conceito de gênero discursivo. Conjuntamente com a apresentação dos pressupostos teóricos, discutimos suas relações com nossa pesquisa, de forma a demonstrar seu tratamento e importância. Aos autores do Círculo de Bakhtin, acrescentamos contribuições de seguidores brasileiros que se voltam para as obras dos autores russos.

Discorremos também sobre os alguns aspectos teóricos já existentes sobre a ironia, a partir do percurso estabelecido por Romualdo (2023), uma vez que, neste trabalho, assim como nas pesquisas de Passetti (1995), Brait (2008) e Romualdo e Rosa (2017), esse fenômeno linguístico não se configura apenas como uma figura de linguagem no nível da frase, mas também uma poderosa estratégia discursiva que move ideologias na arena discursiva em que se instaura o discurso. Especificamente, para nós, como pesquisadores, adotamos a Teoria Polifônica da Enunciação proposta por Ducrot (1987) também como uma ferramenta útil para a seleção das postagens que constituem nosso corpus, em função da identificação dos dois enunciadores presentes na ironia, proposta por esse autor. Dessa forma, os aspectos linguísticos e imagéticos relacionados à ironia não são entendidos como o foco principal de estudo, mas sim como meio de seleção e produção de sentidos dos *posts* que são analisados a partir da perspectiva bakhtiniana.

Para esclarecer os aspectos teóricos aqui necessários, neste capítulo discurremos inicialmente sobre a Análise Dialógica do Discurso (ADD). Na sequência, discutimos os pressupostos bakhtinianos relacionados ao uso da ironia nos *posts* do Instagram anti e pró-vacina no período pandêmico e, por último, apresentamos um levantamento dos aspectos teóricos relacionados à ironia.

2.1. A Análise Dialógica do Discurso (ADD): breves considerações

Em nossa pesquisa, realizamos a Análise Dialógica do Discurso (ADD) para discutir os sentidos produzidos a partir do corpus. Cabe destacar que ao adotarmos essa abordagem, o estudo não se restringe à aplicação de conceitos a fim de compreender determinado discurso. É necessário que os pesquisadores dialoguem com o corpus para que os resultados sejam obtidos. Nesse diálogo, o pesquisador faz uma imersão nos dados, na qual a subjetividade ganha destaque. Para isso, a pesquisa deve contar com a interpretação do contexto de produção da materialidade, como a que fazemos em nosso estudo. O conhecimento prévio e o posicionamento ideológico acerca do objeto do estudo são determinantes em como a análise é realizada. Além desse diálogo estabelecido, deve-se lembrar que, seguindo a referida abordagem, os aspectos linguísticos, as condições de produção e os sujeitos envolvidos são considerados em cada elo da comunicação (Barbara e Romualdo, 2024).

Em seu livro sobre conceitos bakhtinianos, Brait (2020) destaca que os estudiosos russos, a princípio, não tinham como ideal consolidar um modelo específico de análise do discurso. No entanto, esse feito foi inegável tendo em vista que as pesquisas sobre a linguagem de Volóchnov, Bakhtin e Medvedev viam a linguagem como viva e concreta, impossível de ser separada da história e dos sujeitos entre os quais o discurso se dá. A autora aponta ainda que os estudos da literatura possibilitaram chegar a um procedimento analítico essencial para uma teoria dialógica do discurso a partir da análise de um corpus discursivo e das relações aí instauradas. Diferentemente de outras linhas de análise do discurso, a ADD não visa aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas “deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir do ponto de vista dialógico em um embate” (Brait, 2020, p 24). Outro ponto levantado pela autora é o de que o pensamento de Bakhtin incide sobre a linguagem em uso e não sobre a língua, sendo o discurso substituído por relações dialógicas que, por sua vez, se configuram como linguísticas e extralinguísticas. Além disso, Brait (2020) afirma que:

O enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta, portanto, as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído. O trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá – como se pode observar nessa proposta de criação de uma nova disciplina – ou conjunto de disciplinas – herdando da Linguística a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indiciam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa

materialidade linguística, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente das esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas em outros discursos, com outros sujeitos (Brait, 2020, p. 13-14).

Assim, a partir das constatações da autora, a linguagem, para os filósofos russos, assume papel ativo nos diversos campos de produção, sendo objeto de uma análise dialógica e viva, marcada por disputas de ideologias entre diferentes sujeitos sociais. Não há em si uma técnica estabelecida, mas sim um modo dinâmico de estudar os enunciados, que não se desvincula das suas condições de produção e dos contextos sócio-históricos nos quais se inserem.

Em contribuição aos aspectos levantados por Brait, Rohling (2021) enfatiza que a ADD tem como enfoque a análise de produções discursivas nos mais variados campos³ da atividade humana. Salienta ainda que, para Volóchnov, o discurso é a própria língua em sua integridade concreta e viva e não a língua apenas como objeto específico da Linguística. Desse modo, para que as reações dialógicas se estabeleçam, é necessário que saiam do plano da língua e entrem no plano do discurso. A estudiosa considera que o discurso, segundo os pesquisadores russos, tem uma natureza dialógica pois, é tanto orientado para o já-dito como para a resposta que ainda virá. Segundo ela, o pesquisador, na ADD, “se lança para um universo discursivo e busca, dentro de uma profusão de vozes, um distanciamento analítico” (Rohling, 2021, p. 48). A ADD se faz principalmente pelas relações dialógicas que são estabelecidas pela linguagem. Seguindo o pressuposto da interação discursiva, apresentado por Volóchinov (2017), se dá pelos sentidos produzidos pelos enunciados em uma relação entre os interlocutores. Para os estudiosos, nesse diálogo, todo enunciado responde a enunciados anteriores e antecipa outras respostas que virão a partir dessa interação. No dialogismo, os princípios teórico-metodológicos dos estudos do Círculo de Bakhtin norteiam a ADD identificando a pluralidade de vozes que dialogam nos discursos.

Cabe-nos reforçar o fato de que as pesquisas na ADD têm como característica fundamental considerar práticas discursivas com contextos mais amplos de produção e circulação de discursos (Rohling, 2021). Outro atributo fundamental é o de estabelecerem um objeto, gerarem dados de pesquisa e se circunscreverem os espaços de pesquisas, constituindo

³ Para Volóchinov (2017), o campo da comunicação é o conjunto de condições sociais, históricas e ideológicas que moldam a produção e a circulação dos enunciados. Cada campo da atividade humana (educação, ciência, vida cotidiana, política, religião etc.) produz tipos específicos de interação verbal, com finalidades, temas, valores e formas relativamente estáveis — os gêneros discursivos.

trabalhos teórico-metodológicos com natureza dialógica e axiológica, como o que propomos aqui. A língua é tomada em seus aspectos históricos e concretos, que não se constrói em uma única realidade, mas sim como responsabilidade a outro discurso. Em suas análises, Rohling (2021) apresenta parâmetros empreendidos pelo Círculo de Bakhtin que podem orientar as análises das produções discursivas. Entre eles estão:

O estudo da esfera de atividade humana, em que se dão as interações discursivas em foco; A descrição dos papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva, analisando as relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores na produção de discurso; O estudo do cronotopo (o espaço-tempo discursivo) dos enunciados; O estudo do horizonte temático-valorativo dos enunciados; A análise das relações dialógicas que apontam para a presença de assimilação de discurso já-ditos e discursos prefigurados, discursos bivocais, apagamentos de sentidos, contraposições, enquadramentos, reenunciação de discursos e reacentuação de discursos. (Rohling, 2021, p. 50).

As afirmações da autora corroboram as afirmações propostas por Brait (2020) de que a ADD se faz de forma dinâmica, tendo como objeto a língua em sua vivacidade e concretude. Ademais, seus apontamentos nos indicam o caminho metodológico a ser percorrido como analistas dialógicos do discurso por meio de sugestões de passos a serem realizados em nosso percurso.

De forma complementar às afirmações de Brait (2020) e Rohling (2021), Destri e Marchesan (2021), em uma revisão sistemática de literatura sobre a ADD, categorizaram os trabalhos envolvendo essa temática. Destacam, em seu levantamento, que a realização das atividades analíticas exige descrever, analisar e interpretar. Nesse sentido, a descrição “é o momento de observação do campo de produção, circulação e recepção dos enunciados concretos do corpus, aliados aos gêneros do discurso no qual se inserem” (Destri e Marchesan, 2021, p. 15). Por sua vez, no que tange à análise, as autoras afirmam que é nessa atividade que “se observa de forma cuidadosa a unidade arquitetônica dos elementos discursivos, desenvolvendo possíveis relações, identificando subtemas e fundamentando, mediante as formas da língua mobilizadas, os componentes extralinguísticos do corpus” (Destri e Marchesan, 2021, p. 16). Quanto à interpretação, destacam que essa atividade “promove a reunião dos dados desenvolvidos e do dos conceitos movimentados em análise para a definição da especificidade do objeto e de sua relevância em determinado universo” (Destri e Marchesan, 2021, p. 17). Dessa forma, as autoras indicam um percurso - metodológico – que uma abordagem pela ADD deve percorrer.

Os aspectos observados pelas pesquisadoras citadas reiteram o que afirma Volóchinov (2017), ao concluir que a língua deve ser estudada na interação discursiva, fazendo com que o analista também dialogue com o que está posto, não sendo um pesquisador neutro. Isso porque para o Círculo de Bakhtin, a linguagem é vista como substância viva, concreta e que acontece na comunicação em forma de diálogos assumidos por sujeitos, com posicionamentos ideológicos que não se desvinculam do que se enuncia.

Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele a quem ela se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão de “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou a forma de mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. (Volóchinov, 2017 p. 205).

Além disso, os estudiosos do Círculo também afirmam que o enunciado se dá em um contexto único, o que o torna irrepetível. Assume papel de elo em uma cadeia discursiva, respondendo ao que foi dito no passado e provocando a enunciação de enunciados futuros, ou seja, “prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as”. (Volóchinov, 2017, p. 95).

Em nosso trabalho, a ironia é uma característica presente nos enunciados. Essa não é uma escolha aleatória, tendo em vista que, segundo Passetti (1995), Romualdo (2000) e Brait (2008), é utilizada para rechaçar e até mesmo agredir grupos que defendam posicionamentos ideológicos diferentes em relação ao locutor. A análise de enunciados irônicos nesta pesquisa se fez em decorrência das pressões sociais emergentes no cronotopo pandêmico diante do caos social em que se viveu. Nesse contexto, a ironia apresenta uma função discursiva, além da linguística – mais comumente referida - e é fundamental para os sentidos produzidos e as respostas que observamos nesses enunciados, conforme mostramos na análise dos comentários. Assim, a função discursiva da contradição irônica é central para a análise dos diálogos aqui estabelecidos.

2.2. Contribuições do Círculo de Bakhtin para a pesquisa

De acordo com os estudiosos do Círculo de Bakhtin, o enunciado é a base da formação da língua (Volóchinov, 2017). Para embasar essa afirmação, destacam que o enunciado,

diferentemente do que defendiam as correntes filosóficas do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato, é definido por suas condições reais “e, antes de tudo, pela situação social mais próxima” (Volóchinov, 2017, p. 204). Há, nesse sentido, o que os autores chamam de interação discursiva, visto que:

O enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido, etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, nem tampouco no figurado. (Volóchinov, 2017, p. 204-205).

A interação discursiva ocorre como um diálogo entre indivíduos ou até mesmo entre classes sociais por eles representadas. A linguagem, anteriormente vista como um produto da mente individual, pela corrente do subjetivismo idealista, ou como uma língua idealizada, que desconsidera os sujeitos e as condições de produção, conforme definido pelo objetivismo abstrato, é agora um diálogo entre diferentes setores sociais indissociável dos sujeitos e das condições sócio-histórico-ideológicas presentes nessa enunciação. O mundo interior do sujeito e o pensamento de todo indivíduo possuem um “auditório social estável” (Volóchinov, 2017, p. 205). Sobre a palavra, o autor enfatiza ainda que: “é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor” (Volóchinov, 2017, p. 205). Os autores russos, do Círculo de Bakhtin, ao proporem tal compreensão, refutam as concepções de linguagem que tinham como base o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. De acordo com Volóchinov (2017, p. 204), no subjetivismo idealista:

Todas as forças criativas e organizadoras encontram-se no interior. Todo exterior é apenas um material passivo da formulação interior. De modo geral, a expressão é construída no interior e é em seguida convertida para o exterior. Disso decorre que o processo de compreensão, interpretação e explicação de um fenômeno ideológico também deve ser direcionado para o interior; ele deve ocorrer na direção oposta da expressão: partindo da objetivação exterior, a explicação deve chegar a suas raízes interiores e organizadoras. É assim que o subjetivismo idealista compreende a expressão.

Enquanto no subjetivismo idealista o sentido se constrói na mente do indivíduo, sem qualquer relação que se estabeleça entre o contexto da enunciação, no dialogismo, o sentido é construído numa relação entre os sujeitos, em uma relação dialógica. Para Volóchinov (2017),

o sujeito não cria os sentidos sozinho, mas em uma relação estabelecida com quem o antecede. Contrariamente ao que defende o subjetivismo idealista, o objetivismo abstrato enxerga a língua como um sistema autônomo, fechado em si, composto de formas estáveis e regras fixas. Para os filósofos que defendem essa corrente:

A língua como **sistema de formas normativas e idênticas é uma abstração** que pode ser justificada de modo teórico e prático apenas do ponto de vista da decifração e ensino de uma língua alheia e morta. Esse sistema não pode ser a base à compreensão e explicação dos fatos linguísticos em sua vida e formação. Ao contrário, ele nos desvia da realidade viva e em formação da língua e das suas funções sociais (Volóchinov, 2017, p. 191, grifos do autor).

A crítica feita pelos estudiosos do Círculo a essa concepção está no fato de que no objetivismo abstrato o sentido resulta de regras de um sistema, ao passo que para os estudiosos russos, o sentido resulta de uma língua viva, que reflete e refrata de acordo com as questões sócio-históricas. Na concepção de linguagem proposta por Volóchinov (2017), a estrutura do enunciado é determinada pela situação social mais próxima e pelo meio social mais amplo. Em outras palavras, o enunciado nada mais é do que o reflexo e uma refração das relações sociais. O contexto valorativo e horizonte social determinam como a enunciação é recebida. É dessa relação que surge a expressão “interação discursiva”. Os enunciados não atuam por si só, mas como elos em uma cadeia discursiva que advêm de algo que já foi dito e de uma resposta que ainda está por vir. Não há discurso sem interação e os sentidos produzidos dependem exclusivamente dos sujeitos e das condições em que se enuncia. Assim, efetivamente propõe-se um abandono das visões até então vigentes, e a linguagem passa a ser concebida sob uma perspectiva dialógica. No livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2017, p. 362-363) trata a interação discursiva do seguinte modo:

Apesar da grande variação terminológica, acreditamos tratar do mesmo conceito que compreende duas dimensões inter-relacionadas: o modo de formação de consciência pela linguagem e a realidade fundamental da língua. Na primeira dimensão, a consciência ganha existência ao se encarnar nos signos ideológicos, que se formam no processo de interação ou comunicação social de uma coletividade organizada. Portanto, é na comunicação ou interação discursiva que ocorre a interpenetração dialética entre o psiquismo e a ideologia. Entre os signos ideológicos, a palavra é o *medium* mais apurado e sensível de comunicação social. Na segunda dimensão, a interação discursiva é o acontecimento social que ocorre por meio de um ou vários enunciados, sendo o diálogo sua forma mais importante, apesar de não ser a única. É por meio da interação discursiva que a língua toma forma e está em constante transformação.

É a partir da definição dada por Bakhtin e seu círculo que, para compreender os efeitos de sentidos produzidos por um enunciado, Bezerra e Menegassi (2021) nos lembram de que a

interação é o principal elemento nas relações humanas. Nesse sentido, os autores destacam que, na condição de discurso, o enunciado circula nas interações sociais estabelecidas por sujeitos historicamente situados em um dado espaço e em determinado tempo. Portanto, sua compreensão está condicionada à vinculação a uma porção concreta da vida real na qual foi instituído. Desse modo, há um diálogo estabelecido entre o corpus de nossa pesquisa – os enunciados publicados na rede social Instagram no cronotopo pandêmico relacionados à adesão ou não à vacinação anti-covid 19 – e as condições sócio-históricas, aqui chamadas de cronotopo pandêmico.

Esse diálogo corrobora com o que dizem os estudiosos do Círculo de Bakhtin, ao afirmarem que os enunciados dialogam entre si e assim funcionam como elos de transmissão em uma cadeia discursiva. Em cada um deles, nos mais variados gêneros, é possível, por meio das marcas linguísticas e dos aspectos socio-discursivos relacionados à enunciação, identificar uma intenção ou a vontade discursiva do falante, que se relaciona diretamente aos efeitos de sentido produzidos (Volóchinov, 2017). A formação dessa cadeia que envolve vários sujeitos configura uma situação de dialogismo uma vez que, para Volóchinov (2017), nenhum enunciado é criado do nada, mas dialoga com já-ditos.

Retomando a teoria dos estudiosos russos acerca do dialogismo, Vieira (2022) destaca que o enunciado não tem significado, mas, sim, sentidos. Para o autor, ele apresenta relações semânticas com outros que já foram ou serão produzidos, caracterizando o fenômeno da dialogia. Afirma ainda que os enunciados não são indiferentes entre si, nem se bastam cada um a si mesmos. O dialogismo se torna um elemento estruturante do comportamento linguístico do ser humano que se constrói pelas conexões estabelecidas entre os enunciados. Bakhtin e seu Círculo (Volóchinov, 2017) destacam ainda que o enunciado é pleno de “tonalidades dialógicas” que devem ser levadas em conta quando se deseja analisar os sentidos que dele emergem. Os pesquisadores defendem que todas as ideias se formam a partir da interação e da luta com os pensamentos dos outros e afirmam ainda que o falante “não é um Adão, e por isso o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos” (Volóchinov, 2017, p. 248). Pressupõem também que o discurso alheio é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo “é o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado” (Volóchinov, 2017, p. 249).

Para Volóchinov (2017, p. 249), “o discurso alheio mantém a sua independência construtiva e semântica, sem destruir o tecido discursivo do contexto que o assimilou”. Dessa maneira, o discurso usa frases para criar enunciados que, por sua vez, não estão isolados, mas,

sim, inseridos na comunicação discursiva, firmando relações de sentido entre si. Em resumo, a dialogicidade se efetua em três dimensões: a primeira delas é de que todo discurso não pode deixar de se orientar para um “já dito”. Na segunda, o fato de que todo discurso é orientado para a resposta, considerando a reação-resposta do interlocutor, e, por último, a de que todo discurso é internamente dialogizado, ou seja, se torna “matéria-prima” para novos dizeres que se tornarão novos elos em uma infundável cadeia discursiva. Para Bakhtin (2008, p. 209),

As relações dialógicas são relações (de sentido) que se estabelecem entre enunciados. Podem realizar-se entre enunciados inteiros, entre partes de enunciados, ou mesmo entre palavras isoladas, desde que essas palavras sejam consideradas como enunciados.

A partir desse conceito, entendemos as redes sociais como espaços que caracterizam uma arena discursiva, visto que aí a produção de enunciados leva ao surgimento de novos enunciados que dialogam entre si, seja convergindo ou divergindo em seus sentidos. Por integrarem virtualmente diferentes sujeitos do mundo, que expressam ideologias que se colidem ou coincidem, possibilitam diálogos entre os mais variados interlocutores. A postagem de textos multimodais, que atraem a atenção de uma gama de leitores, impulsiona uma efervescência de emoções que provocam reações imediatas ao que está posto. Dessa maneira, os comentários de postagens carregam em si respostas a enunciados previamente publicados, ou seja, preenchidos de relações dialógicas.

Segundo Brait (2008, p. 84), quando há ironia, se o enunciatário⁴ não se der conta das articulações entre os segmentos envolvidos, ou seja, das ideologias presentes na enunciação, a significação irônica se dará por este interlocutor. Para a autora, a ironia “produz-se no momento em que pressuposições sobre o mundo são confrontadas e ambigüizadas numa interlocução” (Brait, 2008, p. 92). Sendo assim, analisar os comentários de postagens irônicas é uma maneira de verificar se houve ou não apreensão dos sentidos irônicos produzidos. A autora ainda afirma que:

colocar-se como receptor de um discurso irônico significa compartilhar com o enunciador a ambigüidade do enunciado, a duplicidade da enunciação. Um movimento seletivo, no sentido de aceitar o discurso como unicamente literal ou unicamente figurado, significaria assumir uma atitude desqualificadora da recepção e, conseqüentemente, da ironia edificada pelo enunciador”. (Brait, 2008, p. 107).

A participação ativa do interlocutor, ao comentar uma postagem – uma forma de diálogo – lhe atribui o papel de coprodutor de sentido. Assim, a ironia pode ser pensada como discurso que coloca em cena, que dramatiza e que tematiza esse aspecto (Brait, 2008, p. 126). Isso

⁴ A autora denomina enunciatário o receptor do enunciado irônico.

porque, para a mesma autora, a ironia constitui um fenômeno bivocal dialógico. Em sua perspectiva, postagens irônicas recuperam o já-dito, de certa forma já valorado pelo locutor do enunciado, não com função de autoridade, mas como forma de contestá-la, qualificando o sujeito da enunciação, e desqualificando determinados elementos que apresentam posicionamento ideológico contrário ao do locutor. Os comentários das postagens irônicas expressam, inconfundivelmente, a concordância ou repulsa ao ponto de vista valorado.

Para a compreensão das forças ideológicas em confronto é importante considerarmos o cronotopo pandêmico. Os estudos bakhtinianos acerca do cronotopo começaram a partir de análises de textos literários concernentes à literatura russa do início do século XIX. Especialmente no livro *Problemas da poética de Dostoiévski* de 1929, Bakhtin (2008) analisa os escritos com especial destaque a esse pressuposto. Chama de cronotopo a “interligação fundamental das relações espaciais e temporais” (Bakhtin, 2008, p. 211) artisticamente assimiladas, conforme observava nas obras do autor russo. Embora esse conceito tenha advindo do campo literário (Amorin, 2005, p. 96), o que se nota em todos os outros campos é que, nesse pressuposto, destaca-se a indissolubilidade de espaço e de tempo (Bakhtin, 2008), ou seja, não é possível discorrer sobre os efeitos de sentido produzidos a partir da leitura de um texto, em nosso caso, os *posts* multimodais publicados em um lugar – a rede social Instagram – sem levar em consideração o tempo – período pandêmico em que foram publicados.

Ao descreverem o cronotopo, Bakhtin (2008) o considera como uma categoria conteudístico-formal, que determina também a imagem do indivíduo na literatura. Além disso, os estudos destacam o tempo como o princípio condutor do cronotopo – sua relação é direta e objetiva com ele. Em outras palavras, é o tempo, o momento histórico, o fator crucial para que a produção de um enunciado leve a interlocução a produzir um ou outro sentido, diferentemente do espaço, que, embora também seja fundamental para as análises cronotópicas, mostra-se menos preponderante que o tempo frente à produção dos novos sentidos. Complementarmente, para Amorin (2005, p. 103), o espaço é medido de acordo com o tempo sendo que “a concepção de tempo traz consigo uma nova concepção de homem e, assim, cada nova temporalidade corresponde a um novo homem”. Tem-se, a partir dos estudos da autora, a confirmação da superioridade do valor do tempo em relação ao espaço na perspectiva bakhtiniana.

No entanto, esse feito foi inegável, tendo em vista que as pesquisas sobre a linguagem de Volóchnov, Bakhtin e Medvedev, segundo Brait (2008), viam a linguagem como viva e concreta, impossível de ser separada da história e dos sujeitos entre os quais o discurso se dá. Para isso, enfatizam que nos romances de aventura, os elementos do tempo encontram-se nos

pontos de ruptura do curso normal dos acontecimentos. Ou seja, toda a trama decorre em função de eventos temporalmente definidos, o que justifica a preponderância da variável tempo sobre o espaço na produção de sentidos. Dessa maneira, inferimos em decorrência desses estudos que a sequência cronológica dos acontecimentos é a “porta de entrada” para a produção dos sentidos nos mais diversos campos da comunicação. Por isso, ao selecionarmos os *posts* para a composição do corpus de análise, delimitamos as postagens posteriores ao mês de março de 2020, período em que os primeiros casos de covid-19 começaram a se espalhar pelo Brasil. Portanto, o fator histórico-temporal “início da pandemia de covid -19” foi o tempo cronotópico de nosso estudo.

Bakhtin (2008) acrescenta ainda que o conceito de cronotopo parte do pressuposto de que os acontecimentos sócio-políticos adquirem significado no romance graças somente à sua relação com os acontecimentos. Para marcar essa ideia, argumenta ainda que a desconexão da atualidade dos tempos que a antecedem e sucedem leva a uma desconexão de sentidos a partir da leitura de enunciados:

não há a possibilidade do reflexo de uma época fora do curso do tempo, fora da ligação com o passado e o futuro, fora de sua plenitude. Onde não há a marcha do tempo, não há elementos do tempo no sentido pleno e essencial da palavra. A atualidade, tomada fora da sua relação com o passado e o futuro, perde a unicidade, decompõe-se em fenômenos e coisas isoladas, torna-se um conglomerado abstrato. O presente, e sobretudo o passado, enriquecem-se às custas do futuro (Bakhtin, 2008, p. 263).

Sob a mesma perspectiva, Amorin (2018) transpõe o conceito de cronotopo da literatura para os fatos que ocorrem na vida real. Para ela,

O conceito de cronotopo trata de uma produção da história. Designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde várias histórias se contam ou se escrevem. Quando conseguimos identificar o cronotopo de uma determinada produção discursiva, poderemos dele inferir uma determinada visão de homem (Amorin, 2018, p. 102).

Desse modo, tendo como ponto de partida as constatações da autora, podemos afirmar que o cronotopo tem valor significativo no presente estudo, uma vez que analisamos enunciados circulantes no Instagram no início da pandemia de covid-19. Corroborando a ideia da pesquisadora referida, destacamos que os sentidos produzidos são indissociáveis do tempo-espaço em que se viveu no que aqui chamamos de cronotopo pandêmico, inclusive para a identificação da ironia. Salientamos também que, conforme Vieira (2022), “o sujeito é construído e constrói o cronotopo do qual faz parte, logo, não apenas o modifica, mas também é modificado por ele”, ou seja, os discursos e sentidos produzidos resultam dos

aspectos cronotópicos. Consideramos que os aspectos relacionados ao tempo e espaço agem diretamente nos sentidos produzidos nas postagens anti e pro-vacina na rede social Instagram. É importante destacarmos que o conceito de cronotopo como um espaço-tempo que propicia uma forma específica de contar uma história e, em casos de textos não narrativos, de discursivizar sobre um aspecto relacionado ao mundo. Na pandemia, ao analisarmos o cronotopo, identificamos novos olhares para os textos produzidos nesse contexto.

Em nosso estudo, faz-se pertinente retomar a ideia bakhtiniana de que o cronotopo exerce sua função tanto em um contexto geral, como pode exercê-la em contextos menores dentro de outro generalizado. Nesse sentido, é inegável que a pandemia de covid-19, que abrangeu todos os campos e suportes de comunicação, assumiu papel de um macrocronotopo, enquanto o Instagram, uma rede social específica, assume função de microcronotopo por ter especificidades diferentes de outros lugares pelos quais os discursos perpassam. Além disso, esse espaço-tempo específico do campo de comunicação midiático digital, propicia um lugar de fala para os sujeitos, que em outras arenas, não encontram possibilidade de manifestar suas ideologias de forma tão explícita. O modo como essa rede social é configurada, ao permitir que qualquer pessoa publique enunciados multimodais, mais ou menos formais, com conteúdos diversificados sem que haja qualquer tipo de repressão coaduna com a pluralidade de vozes existentes na sociedade. A possibilidade de comentar as postagens e agrupá-las por meio de hashtags também são especificidades do Instagram que o tornam um tempo-espaço específico, o que justifica nominá-lo como um microcronotopo pandêmico, ao recortarmos os discursos produzidos na pandemia.

Em uma análise à luz dos pressupostos bakhtinianos sobre o discurso jurídico, Castro (2024) indica que dentro de um “cronotopo legal”, existem vários outros microcronotopos como a delegacia, o tribunal e o próprio boletim de ocorrência. A autora destaca que, para cada um desses segmentos cronotópicos, há uma relação tempo-espaço indissociável à qual os sentidos dos enunciados são atribuídos. Esse exemplo pode ser comparável à nossa pesquisa, pois, como mostraremos no capítulo metodológico, as postagens obtidas na rede social Instagram diferem do que obtivemos após pesquisa na rede social Facebook – outro cronotopo, mais antiga que a primeira, com um número menor de conteúdos disponíveis e diversas publicações retiradas de circulação.

Na perspectiva bakhtiniana, cada grande cronotopo pode incluir em si uma perspectiva ilimitada de pequenos cronotopos (Amorin, 2018). Isso ocorre, pois cada tema possui o seu

próprio cronotopo. Exemplificando esse ponto, destacamos que na pandemia de covid-19 havia um grande cronotopo, a própria pandemia em si. O mundo todo mudou seu modo de funcionamento a partir da incidência da nova doença. O espaço foi modificado pelo caminho percorrido pelo tempo e o acontecimento pandêmico. Isso caracteriza o cronotopo pandêmico, o macrocronotopo a que nos referimos neste estudo.

Para Weisshaar (2023), a Ciência passa a ser um assunto incidente nos discursos no cronotopo pandêmico. Em sua dissertação de mestrado, na qual discorre sobre o discurso relacionado à ciência nesse tempo-espaço, a autora apresenta diversas postagens em redes sociais que tratam dessa temática e como os sentidos produzidos recebem conotações político-ideológicas a partir do início da pandemia. Para ela, nesse momento histórico, a polarização já existente na política anteriormente à pandemia, foi paulatinamente incorporada ao discurso sobre a ciência.

Conforme atesta Amorin (2018), o macrocronotopo tem várias camadas diferentes em um mesmo tempo, mas com especificidades em seus espaços, que configuram, por assim dizer, pequenos microcronotopos. No caso do tempo-espaço da covid-19, o Instagram é um dos microcronotopos possíveis, uma vez que nesse lugar há um espaço virtual específico que acomoda discursos específicos. Outros exemplos de microcronotopo seriam vistos em outros espaços como no campo escolar, da saúde, entre outras. Rohling (2020, p. 5232), a partir de seus estudos acerca do cronotopo, define o cronotopo pandêmico como:

um tempo-espaço marcado pela emergência da pandemia deflagrada pela COVID-19, em dezembro de 2019 e estendendo-se para 2020 em diante, na cidade chinesa Wuhan, e que pelo processo de globalização espalhou-se por todos os cantos do mundo. Do ponto de vista do tempo, é possível aventar uma marcação pontual (2019), mas os efeitos desse evento global nas atividades humanas ainda não se podem mensurar. Já a categoria espaço, seria um espaço global por se tratar de uma pandemia? Ademais, do mesmo modo que Bakhtin propõe que dentro de grandes séries cronotópicas há também outros pequenos cronotopos que se atravessam e se interligam, é possível dizer que o espaço-tempo pandêmico agrega diferentes e pequenos cronotopos em que se desvelam tons valorativos para o vírus e para a crise sanitária.

Os tons valorativos apontados pela autora emergem, em nosso corpus, em função do uso das redes sociais, mais especificamente o Instagram. No início da pandemia de covid-19, o Brasil e o mundo viveram um contexto de isolamento social como forma de prevenir a disseminação de casos da doença. A partir dessa realidade, para encontrar novos meios de se comunicar e até mesmo de trabalhar, a grande maioria das pessoas passa a dispender grande parte do seu tempo nas redes sociais para fins de lazer ou de trabalho. Cresce o número de pessoas que as utilizam para se comunicar, realizar diferentes tarefas, expressar o que pensam,

demonstrar seus sentimentos e relatar o que fazem em seu cotidiano. Consequentemente, cada vez mais, as pessoas passam boa parte do tempo conectadas à internet, interagindo nesse ambiente (Souza e Brandão Silva, p. 95).

Vale destacar que, no período pandêmico, o então presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, recorreu a mídias sociais, especialmente em seu perfil na rede social Instagram, que anteriormente havia utilizado para angariar votos nas eleições, para se pronunciar quando questionado a respeito do manejo da pandemia pelo governo federal. Ressaltamos que o político, assim como outras figuras públicas a ele relacionadas, divulgaram enunciados com conteúdos anticiência, negando até mesmo a existência da pandemia, chamando-a de “gripezinha” e desqualificando os métodos cientificamente comprovados para a prevenção da doença. Diante de tais fatos, surge a necessidade de apresentarmos aqui o fenômeno da era da pós-verdade.

O termo “pós-verdade” relaciona-se à consolidação de uma época em que as evidências científicas e os conhecimentos estão sendo substituídos por fatos alternativos. Esse fenômeno ganha destaque inicialmente em 2016, após as eleições presidenciais norte-americanas e também posteriormente à saída do Reino Unido da União Europeia, no mesmo ano. Em matéria publicada no site da UOL, no dia 31 de dezembro de 2016, a jornalista Carolina Cunha aponta que o termo “pós-verdade” foi eleito a palavra do ano de 2016 por participantes de uma pesquisa do mundo todo (Cunha, 2016). A repórter destaca que tal fato se deu após Donald Trump, então candidato à presidência americana, afirmar que sua concorrente, Hillary Clinton, teria criado o Estado Islâmico, além de propagar a ideia inventada de que Barack Obama, que a apoiava, era muçulmano. Também chegou a afirmar que o desemprego nos Estados Unidos passava de 40 por cento e que o Papa Francisco apoiava sua candidatura.

Para Eugenio Bucci, jornalista e professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, em um contexto de pós-verdade, o eleitor toma cada vez mais decisões baseadas em sentimentos, crenças e ideologias (Cunha, 2016). Tais escolhas são potencializadas pelas alterações que as próprias redes sociais têm realizado em seus algoritmos de modo a favorecer que os usuários recebam em seus perfis principalmente postagens que corroboram o seu ponto de vista. Sendo assim, o leitor, ao receber uma “notícia”, mesmo que falsa, que o agrada a partir de seus ideais e emoções, se vê mais propenso a compartilhá-la, colaborando para o aumento da velocidade de uma profusão discursiva de fatos irreais.

No contexto apresentado, a pós-verdade se tornou um fenômeno complexo que tem várias causas, incluindo a influência das redes sociais a manipulação da informação, a desinformação deliberada e a polarização política (Weissnar, 2023). É inegável que a postura do líder americano referido influenciou o líder político brasileiro, o que contribuiu, e muito, para a consolidação da era da pós-verdade em nosso país e, conseqüentemente, nas crenças difundidas no cronotopo pandêmico.

Diante da profusão discursiva que observamos nas redes sociais, especialmente com o surgimento da pandemia de covid-19, é imprescindível discutirmos o pressuposto bakhtiniano “signo ideológico”. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2017, p. 91) afirma que o signo ideológico “divide-se em signo interior e signo exterior”. Para ele, o signo interior está presente no psiquismo individual antes mesmo que a palavra seja proferida, ao passo que a significação do signo exterior depende de um sistema ideológico coletivo, no qual os sujeitos encontram-se socialmente organizados (Volóchinov, 2017).

Outra ponderação relevante do autor afirma o signo como a realidade material de uma ideologia. Para ele, “uma vez que as diferentes classes sociais compartilham os mesmos signos, nelas cruzam ênfases multidirecionadas e, portanto, um signo se torna uma arena da luta de classes. Um signo pode tanto refletir quanto distorcer a realidade” (Volóchinov, 2017, p. 398). Nessa perspectiva, o signo linguístico deixa de ser imóvel, neutro e univalente e se torna um signo socioideológico de natureza dialética a partir de uma realidade material. Ele refrata uma outra realidade relacionada a sua natureza dialógica, visto que encerra em si interações verbais dos indivíduos e dos grupos que o constitui bem como diálogos entre diversos discursos. Nessa perspectiva, ganha destaque a sua natureza polifônica por sustentar diferentes temas, conforme o horizonte social e ideológico que se insurge no ato de enunciação.

Dessa maneira, a partir desse pressuposto, podemos afirmar que enquanto o signo “vacina” para determinadas classes produz um sentido específico, para outros grupos sociais, pode produzir sentidos opostos. Sob essa ótica, podemos concluir que um signo, ao mesmo tempo em que reflete uma realidade, pode também refratá-la, ou seja, valorizá-la como diferente em relação a outro grupo social. Para Weissnar (2023), quanto maior o grau de refração de um signo, menos verdade há. A autora, em sua dissertação de mestrado, na qual estuda a polarização do discurso sobre a ciência no cronotopo pandêmico, afirma que o referido contexto se mostrou propício à refração do signo “pandemia”, com diferentes sentidos a ele atribuídos por sujeitos ideológicos de diferentes classes. Partindo dos aspectos teóricos apresentados em nossa pesquisa, nosso foco recai sobre o signo “vacina” e suas refrações nas publicações do Instagram.

Outro elemento crucial na produção de sentidos a partir da leitura dos enunciados é o que os estudiosos do Círculo denominam “valoração”. Para Bezerra e Menegassi (2021, p. 6):

a dimensão valorativa é uma das unidades que está na base da concepção dialógica da linguagem porque a característica valorativa, enquanto juízo de valor construído socialmente, pertence à vida e dela extrai sua força. Na realidade, assumir essa postura é, sobretudo, aceitar a entonação valorativa como elemento inerente ao enunciado, fato que obriga o sujeito, na condição de leitor, a considerá-la na produção de sentido.

Os autores apontam ainda que a entonação tem caráter social e se manifesta edificando a valoração social de um determinado grupo. Cabe a ela a tarefa de expressar o que a palavra não dá conta de dizer sozinha, caracterizando-a como elemento axiológico e inerente da entonação discursiva. Destacam também que entre os elementos axiológicos, a entonação valorativa é discutida em todas as obras do Círculo, na condição de elemento fundamentado na vida concreta e acionado no processo de enunciação.

No discurso verbalmente expresso “a parte verbal tende a se apresentar acompanhada de outros elementos entonacionais pois a fala é realizada pela voz do sujeito falante, por sua entonação, pelos gestos e, também, pelas expressões faciais, num conjunto axiológico” (Bezerra e Menegassi, 2021, p. 8). Conclui-se, portanto, que as condições de produção e os aspectos verbais e não verbais presentes na enunciação são determinantes nos sentidos produzidos.

De acordo com Silva e Menegassi (2022), a organização composicional valorativa do locutor marca o seu posicionamento ideológico a partir de suas escolhas linguísticas e textuais. Essa ideia é corroborada por Weissbar (2023), segundo a qual, para os interlocutores em um discurso, a ‘verdade’ sobre um acontecimento se dá a partir do tom valorativo em que se baseia. Silva e Menegassi (2022, p. 268) enfatizam que:

as condições pelas quais o sujeito se constrói determinam qual será o contexto valorativo e o horizonte social em que sua expressão é concebida. A expressão interior tem uma entonação interior vivificada pela vivência experimentada, por isso, a compreensão e a avaliação do discurso requisitam sua vinculação ao contexto extraverbal.

Para Volóchinov (2017), o estilo é reduzido ao aspecto emocionalmente valorativo para alguns pesquisadores. Esse fato faz com que a entonação expressiva seja um traço constitutivo do enunciado, e não da palavra. A palavra não expressa por si mesma as condições extraverbais que constituem a valoração que pode ser dada a um enunciado.

Nos enunciados irônicos, objetos de análise de nossa pesquisa, Brait (2008, p. 138), destaca que o conteúdo irônico está “subjettivamente assinalado por valores atribuídos pelo enunciatador, mas apresentados de forma a exigir a participação do enunciatário, sua perspicácia

para o enunciado e suas sinalizações, por vezes sutis”. Assim, essa participação instaura, por meio da valoração aqui considerada, uma intersubjetividade, “pressupondo não apenas conhecimentos partilhados, mas também pontos de vista, valores pessoais ou culturalmente ou socialmente comungados, ou ainda, constitutivos de um imaginário coletivo”. A partir dessa constatação, verificamos que, quando não ocorre a mesma valoração por parte dos interlocutores, não há a produção de sentido irônico a partir da leitura do enunciado.

2.2.1. O gênero discursivo post

Volóchinov (2017) afirma que a psicologia social se realiza nas diversas formas de enunciados, sob o modo de gêneros discursivos. Isso ocorre nos mais diferentes campos da atividade humana, nas quais, segundo Bakhtin (2006, p. 261-262), a língua é empregada em forma de

enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.

Os diferentes tipos de enunciados relativamente estáveis, também conhecidos como gêneros do discurso são empregados em campos diversos da atividade humana – escolar, científica, digital, política, econômica, da saúde, entre muitas outras – de acordo com a finalidade do enunciado naquele meio social em que se instaura. Bakhtin (2008) ressalta que há uma significativa diversidade de gêneros, que se deve à diversidade de campos da comunicação, por sua vez relacionados às práticas sociais. Há ainda diferentes possibilidades de tema, estrutura composicional e estilo que podem ser atribuídos aos enunciados. O estudioso ainda comenta a diferença existente entre gêneros retóricos, como aqueles dos campos jurídico e político, por exemplo, expressos na escrita com maior formalidade, e os gêneros discursivos do cotidiano, os quais chama de “réplicas do cotidiano” (Bakhtin, 2008, p. 263), comuns entre os gêneros primários, que mantêm o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados alheios. O autor ainda destaca que:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo

(fonético, lexical ou gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho da experimentação e da elaboração de gêneros e estilos. (Bakhtin, 2008, p. 268).

Em outras palavras, os fenômenos linguísticos de um enunciado produzem sentidos a partir de suas condições de produção. A linguagem, para Bakhtin (2008), contrariamente ao que postulava Saussure sobre a língua, que a definia como um sistema apartado do meio social, é inseparável dos aspectos sociais a ela relacionados. Essa ideia justifica o fato de Bakhtin (2008) definir os gêneros como formas “relativamente” estáveis de enunciados, visto que as condições de produção nunca são exatamente as mesmas, o que dá aos enunciados outra característica: a da irrepetibilidade. Outro pressuposto bakhtiniano ao qual damos destaque é o de campo da comunicação social organizada. Volóchinov (2017, p. 145) atribui a campo a seguinte definição:

É entendido como o componente necessário para que uma sequência de sons articulados produzidos por um falante e recebidos por um ouvinte se torne um fenômeno linguístico. Falante e ouvinte devem pertencer à mesma coletividade linguística, à mesma sociedade organizada e devem ser unidos pela situação social mais próxima. Parece ser um sinônimo de ato social.

Ao analisarmos o campo da atividade midiático digital, no qual se situa a rede social Instagram, verificamos que as práticas sociais aí realizadas se concretizam pelas características inerentes a esse campo. Nesse sentido, o gênero *post*, analisado no presente estudo, apresenta relação direta com essas características. Um exemplo disso é a possibilidade de agrupar postagens via hashtags, comentar essas postagens e marcar usuários. Essas características se relacionam com a finalidade do gênero *post* que, por sua vez, como enunciado, assume função de ato social, conforme a definição de Volóchinov (2017).

Brait e Pistori (2012, p. 373) atestam que, para Medvedev, a concepção de gênero é fundada na ideia de que “a linguagem se materializa por meio de enunciados concretos, articulando “interior” e “exterior”, viabilizando a noção de sujeito histórica e socialmente situado”. Ademais, fazem uma discussão inovadora acerca da questão dos gêneros discursivos ao defenderem a ideia de que os gêneros discursivos, ao contrário do que fazem muitos estudiosos da linguagem, não devem ser tratados unicamente pelo tema, construção composicional e estilo, mas devem ser discutidos e pensados a partir de outros pressupostos bakhtinianos relevantes tais como as noções de signo ideológico, relações dialógicas, forças centrípetas e forças centrífugas. Segundo as autoras, ao restringir os estudos dos gêneros a apenas essas três características, corre-se o risco de ignorar a relação homem-mundo presente no discurso em sua função dialógica. Para elas, “o conceito de gênero não se limita a estruturas ou textos, embora os considere com dimensões constituintes. Implica, essencialmente, dialogismo e a maneira de enfrentar a vida” (Brait e Pistori, 2012, p. 375)

Outro ponto de destaque trazido pelas pesquisadoras é o de que os gêneros discursivos seguem uma tradição intrinsicamente relacionada à vida das pessoas por estarem intimamente relacionados às práticas sociais. As estudiosas trazem à tona os dizeres de Bakhtin ao lembrarem que os novos gêneros não substituem os mais antigos, mas, sim, acrescentam e os deixam mais moldados às novas realidades sociais. Para isso, citam o e-mail, o blog, o twitt e os chats, que se analisados isoladamente, remontam à estrutura composicional, tema e estilo, mas quando vistos dentro de um todo, nos levam a pensar sobre as mudanças sociais e em como a sociedade enfrenta a vida.

Do ponto de vista de Faraco (2009, p. 123):

a utilização do termo gênero para designar tipos de textos é uma extensão da noção de estirpe (linhagem) para o mundo dos objetos literários e retóricos. Assim como pessoas podem ser reunidas por linhas de consanguinidade, o mesmo se pode fazer com textos que têm certas características ou propriedades comuns. A noção de gênero serve, portanto, como uma unidade de classificação: reunir entes diferentes com base em traços comuns.

Para o autor, o abandono da estética clássica, que se evidenciou no período do Romantismo, proporcionou uma antiga teoria dos gêneros, proposta por Aristóteles, na qual o foco de atenção eram as propriedades formais. O pesquisador retoma os estudos bakhtinianos sobre os gêneros ao afirmar que “um estudo do enunciado como a unidade real da comunicação verbal tornará também possível compreender mais adequadamente a natureza das unidades da língua (como um sistema): as palavras e as sentenças” (Faraco, 2009, p. 125).

Nesse sentido, os enunciados orais e escritos apresentam conteúdo temático, estrutura composicional e estilo relacionados às condições específicas e a finalidade do campo da atividade na qual se encontram. Ao dizer que os gêneros são “relativamente” estáveis, Bakhtin estabelece uma relação entre os gêneros e a historicidade, uma vez que não são definidos para sempre – são mutáveis – e, conseqüentemente, chama também a atenção para a sua ausência de fronteiras (Faraco, 2009).

Em nosso estudo, analisamos, como gênero discursivo *posts* coletados na rede social Instagram. Barbara e Romualdo (2024) afirmam que os *posts* configuram novos modos de organização de enunciados, o que os caracteriza como um gênero. Os autores argumentam que o advento das novas tecnologias faz com que as maneiras de se comunicar sejam reinventadas e os *posts* ganham destaque nessa nova era. Estabelecem a seguinte definição:

De modo genérico, costuma-se considerar *post* todo e qualquer enunciado produzido e publicado nas redes sociais. No entanto, cada rede social tem especificidades próprias que configuram à sua maneira os enunciados que nelas serão publicados, impactando assim nas características relativamente estáveis – conteúdo temático,

estilo e construção composicional – do gênero. Por isso, consideramos válido fazer uma subdivisão do gênero *post*, delimitando-o com uma locução adjetiva que o relacione à mídia digital na qual foi veiculado (*post* de Facebook, *post* de Instagram, entre outros). (Barbara e Romualdo, 2024, p. 187).

Por outro lado, Almeida, Pereira e Amorin (2022) afirmam que os *posts* em si não caracterizam um gênero discursivo, pois não agrupam textos relativamente estáveis, diferindo do que constata Barbara e Romualdo (2024). No entanto, para a realização desta pesquisa, consideramos como gênero discursivo, objeto de nossas análises o que pressupõem Barbara e Romualdo. Nosso corpus é composto por *posts* da rede social Instagram, conforme definem. Em nosso recorte, para possibilitar a análise da multimodalidade em seus aspectos verbo-visuais, optamos por considerar postagens com imagens e texto verbal para a identificação da ironia como estratégia persuasiva. Sendo assim, criamos uma nova categoria dentro da definição preexistente considerada pelos autores, visto que tomaremos como gênero discursivo apenas *posts* do Instagram multimodais que não sejam vídeos a fim de analisarmos texto verbal e não verbal, desconsiderando a linguagem oral, presente nessas formas de circulação.

2.3. A ironia

Como dissemos no capítulo 1 desta dissertação, a ironia é um fenômeno de linguagem muito estudado. Para Brait (2008), é possível encontrar já em Sócrates enunciados irônicos. Segundo a autora, esses enunciados consistiam em transformar uma frase assertiva em interrogativa com a finalidade de dar a entender ao interlocutor um desconhecimento ou a ausência de uma convicção em relação a um determinado tema. Brait (2008) enfatiza que a forma como Sócrates conduz seu procedimento irônico é, de fato, uma dialética, que se caracteriza por um jogo de perguntas e respostas.

Modernamente, para o público geral, e principalmente o escolar, a ironia é vista como uma figura de linguagem, abordada pelas gramáticas normativas. Romualdo (2023), em sua apresentação na mesa-redonda Gênero, texto e discurso, no IX Conale, traçou um percurso teórico sobre a ironia que seguimos aqui, por considerarmos pertinente para a natureza do estudo que pretendemos realizar. Em sua apresentação, partiu da visão das gramáticas normativas e acompanhou estudos que acrescentam novos elementos teóricos e, consequentemente, modos de analisar a ironia. Da visão tradicional, seguiu os estudos de Ducrot (1987), que procuram modificar a visão presente na gramática normativa; depois, tratou

da perspectiva de Passetti (1995), que discute a ironia não apenas no nível do enunciado, como faz Ducrot (1987), mas também no do texto, pesquisando o uso da ironia na argumentação em artigos de opinião do jornal Folha de S.Paulo.

A partir da contribuição de Passetti (1995), Romualdo (2023) discutiu o estudo de Romualdo e Rosa (2017), no qual os autores acrescentam, aos pressupostos de trabalho dos dois autores anteriores, o gênero discursivo como elemento constitutivo na produção da ironia. Como podemos observar, a perspectiva de apresentação de estudo da ironia feita pelo autor condiz com a relação que pretendemos estabelecer aqui deste fenômeno com a natureza argumentativa dos *posts* e os trabalhos do Círculo de Bakhtin. No entanto, acrescentamos ao percurso de Romualdo (2023) a perspectiva de Brait (2008), por também abordar a ironia em uma perspectiva polifônica e discursiva, condizente com nossa proposta.

Romualdo (2023) partiu da citação de duas gramáticas normativas que abordam a ironia: a de André (1978) e Sacconi (1999). De acordo com a apresentação do autor, nas gramáticas tradicionais citadas, a ironia é compreendida como uma figura de linguagem, mais especificamente uma figura de pensamento. Figuras de linguagem são recursos expressivos que alteram o sentido ou a forma das palavras, ampliando ou modificando sua significação convencional, com o objetivo de conferir maior ênfase, beleza ou originalidade ao discurso. Nessa perspectiva, a ironia se caracteriza como um desvio em relação ao uso literal da linguagem, sendo classificada como um recurso estilístico que realça a intenção do enunciador.

Para o apresentador, tanto André (1978) quanto Sacconi (1999) explicam a ironia a partir da noção de antífrase, definindo-a pela fórmula “diz-se A para levar a entender não-A” (Ducrot, 1987, p. 197). Isso significa que, na visão tradicional, a ironia opera por meio de uma inversão de sentido, ou seja, o locutor profere algo que, em contexto, adquire um significado oposto ao literal: “[...] é a expressão que contém o oposto do que se quer dizer [...]” (André, 1978, p. 430); “Toda sugestão [...] do contrário do que as palavras ou as frases exprimem [...]” (Sacconi, 1999, p. 450). Por exemplo, ao dizer “Pareces realmente um santinho digno do altar” (André, 1978, p. 430), ou “Ribeirão Preto é uma cidade cultíssima!...” (Sacconi, 1999, p. 450), o falante estaria utilizando a ironia para expressar, na verdade, a insatisfação em relação à pessoa e à cidade às quais se referem os enunciados.

Essa concepção demonstra uma visão binária e hierárquica do sentido, na qual se pressupõe a existência de um sentido literal (o que é dito) e um sentido derivado (o que se pretende comunicar). Dessa forma, a gramática tradicional trata a ironia como um fenômeno predominantemente retórico e intencional, cuja interpretação depende do reconhecimento, por

parte do interlocutor, do contraste entre o enunciado superficial e a situação real a que ele se refere.

Em *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*, Ducrot (1987) critica essa visão da ironia como antífrase, considerando-a como um exemplo de polifonia de enunciadores. Em seu trabalho, o autor procura contestar o pressuposto, presente nos estudos da “linguística moderna” (aspas do autor), da unicidade do sujeito falante, qual seja: os estudos da linguagem consideram como “óbvio – sem sequer cogitar em formular a ideia, de tal modo ela se mostra evidente – que cada enunciado possui um, e somente um autor” (p. 161).

Podemos dizer que a teoria polifônica de Ducrot (1987) representa uma ruptura com a noção de sujeito unificado da enunciação, propondo um modelo em que múltiplas vozes (locutores e/ou enunciadores) coexistem no mesmo ato discursivo. Embora se inspire em Bakhtin (2008), sua abordagem é estruturalmente distinta, focando em mecanismos internos ao enunciado e desvinculando a polifonia de suas raízes sociológicas.

Castro (1993) vê a teoria polifônica da enunciação de Ducrot (1987) como uma proposta que se inspira em Bakhtin (2008), mas que dele se afasta significativamente em seus fundamentos. Ducrot (1987) recorre à noção bakhtiniana de polifonia – a ideia de que múltiplas vozes coexistem em um texto – com o objetivo central, como mencionamos, de contestar o postulado da linguística tradicional de que todo enunciado possui um único autor. No entanto, conforme apontado pelas críticas de Castro (1993), essa apropriação é problemática. Ducrot (1987) reduz a polifonia, que em Bakhtin é um fenômeno social e ideológico profundamente enraizado no dialogismo e no caráter responsivo da linguagem, a um mecanismo interno e formal do enunciado. Para Bakhtin (2008), a palavra nunca é neutra, carregando consigo as vozes sociais que a precederam, sendo todo enunciado uma resposta a outros enunciados. Ducrot (1987), ao afirmar que a teoria de Bakhtin não se aplica a enunciados isolados, ignora essa natureza dialógica constitutiva, desvinculando a polifonia de sua dimensão sociológica essencial.

No cerne da teoria ducrotiana está a distinção entre dois tipos de personagens discursivos: o locutor e o enunciator. O locutor é a instância responsável pelo enunciado, a quem se imputa a autoria da fala e que é designado, por exemplo, pelo pronome "eu" e as outras marcas de primeira pessoa: “o locutor fala no sentido em que o narrador relata, ou seja, ele é dado como a fonte de um discurso. Mas as atitudes expressas neste discurso podem ser atribuídas a enunciadores de que se distancia” (DUCROT, 1987, p. 196). Já os enunciadores são vozes ou pontos de vista expressos no enunciado, mas aos quais não são atribuídas palavras

materiais específicas; eles representam atitudes, posições ou argumentos que o locutor pode colocar nos enunciados para, em seguida, assumi-las ou distanciar-se delas (Romualdo; Rosa, 2017). De acordo com Ducrot (1987, p. 182), os enunciadores são:

estes seres [...] considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles ‘falam’ é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras.

É nesse quadro polifônico que Ducrot (1987) desenvolve sua concepção de ironia, afastando-se da visão tradicional que a define como uma simples antífrase. Para ele, a ironia é um fenômeno essencialmente polifônico, no qual o locutor apresenta em seu enunciado a posição de um enunciador considerada absurda ou claramente inadequada ao contexto, distanciando-se explicitamente dela. O locutor assume a responsabilidade pelas palavras proferidas, mas não pelo ponto de vista que elas manifestam, cabendo ao interlocutor perceber o contraste entre o que é dito e a situação/o contexto, inferindo assim a verdadeira intenção crítica ou humorística (Romualdo e Rosa, 2017).

Diferentemente da negação, que coloca em cena dois enunciadores em oposição explícita, a ironia não apresenta posto no enunciado a perspectiva que defenda a posição correta; a refutação é feita de modo indireto, por meio do próprio distanciamento do locutor em relação ao enunciador com a perspectiva absurda que ele mesmo colocou em cena. Dessa forma, a ironia é compreendida não como uma inversão semântica, mas como um jogo estratégico de vozes, no qual o locutor manipula o dissenso interno ao seu próprio enunciado para produzir um efeito de sentido crítico ou humorístico.

Sua concepção de ironia como fenômeno polifônico é particularmente fértil, pois permite analisá-la não como mera inversão semântica, mas como um jogo estratégico de vozes, no qual o locutor manipula o distanciamento em relação a um enunciador cuja posição ele rejeita.

Para Passeti (1995), a ironia foi por muito tempo considerada uma figura de linguagem, até mesmo “acidental”, com produção de sentidos restrita aos limites da frase, deixando-se de lado os aspectos ideológicos e discursivos de um enunciado. Na esteira da autora, e fundamental para o nosso trabalho, é possível dizer que esse fenômeno linguístico não necessariamente se prende aos limites da frase, como pode depender das relações intra, inter e extra-textuais, que passam a construir o sentido irônico.

A autora destaca a não sinceridade presente no discurso irônico não como uma “falha” no texto, mas sim como uma estratégia discursiva e argumentativa que demonstra ter uma

finalidade específica. Assim como Ducrot (1987), a autora afirma que, inicialmente, a ironia era considerada como uma figura de pensamento – dentro da retórica – “através da qual quer se fazer entender o contrário do que se diz” (Passetti, 1995, p. 11). Em sua argumentação, considera que a ironia permite aos indivíduos, além de se comunicarem, estabelecer um processo de comunicação persuasivo. Para ela, “a língua passa a ser vista como heterogênea uma vez que a ironia deixa de ser concebida como um desvio, mas sim como possibilidade para a produção de um outro sentido” (Passetti, 1995, p. 19).

Nesta pesquisa, adotamos a terminologia empregada pela autora, elaborada a partir das considerações de Ducrot (1987), ao chamar de E sério o enunciador implícito cujo posicionamento o locutor se identifica, recuperável na enunciação, e E absurdo, o enunciador posto no enunciado, com o qual o locutor não se identifica.

Em relação ao contexto na produção do sentido irônico, ao citar Bakhtin, Passetti (1995) traz à tona o fato de que na corrente bakhtiniana o discurso é polifônico e constituído de várias vozes complementares ou contraditórias que estabelecem sua tessitura. Para a pesquisadora, o interlocutor atua como um elemento ativo na construção dos sentidos irônicos.

Nos casos em que a ironia se apresenta com marcas linguísticas escassas ou nulas que facilitem a sua decodificação, ela poderá ser reconhecida como fenômeno polifônico, desde que leve em conta o universo da experiência do interlocutor (Passetti, 1995). O sujeito-autor⁵ conta com o reconhecimento da polifonia para construir o seu discurso irônico. Ou seja, as condições de produção e o conhecimento prévio do interlocutor são cruciais na produção do sentido irônico. Para Brait (2008, p. 75):

Os fatores contextuais [...] funcionam como os sinais enunciativos, uma vez que não há nenhuma marca no enunciado que autorize o reconhecimento da ironia, ou de um sentido diferente daquele que o significado de cada palavra e sua organização sintática oferecem. Os sinais contextuais, portanto, de ordem enunciativa, promovem no plano da significação uma cumplicidade entre o enunciador e o enunciatário, de tal modo que imediatamente o leitor pode compreender que aquilo que o locutor assume e enuncia como fato é a tradução de um desejo coletivo e não de uma realidade. Daí o efeito de humor.

O implícito, no discurso irônico, se dá, principalmente no nível da enunciação. Como vimos, na ironia, o locutor não assume o ponto de vista absurdamente expresso em seu enunciado. Como processo que envolve uma dupla enunciação, insere pontos de vista normalmente já enunciados em outro contexto histórico-social. Sendo assim,

⁵ Passetti (1995) introduz a noção de sujeito-autor em seu trabalho, como aquele que organiza os locutores na argumentação textual.

a ironia tem necessariamente três elementos: locutor, receptor e um terceiro, alvo da ironia. A declaração irônica somente se consolida como tal no próprio contexto, ou seja, ela pressupõe sempre uma situação irônica como ponto de referência. A realização da ironia depende de o ironista encontrar formas de chamar a atenção do enunciatário para o discurso e, através desse procedimento, contar com sua adesão (PASSETTI, 1995 p. 53).

Para Brait (2008), é necessária a recuperação do já dito para que o leitor realize a leitura irônica. Torna-se indispensável identificar o universo de valores, a formação discursiva do outro e, em seguida, compreender e interpretar sua presença num outro contexto, num outro discurso. A partir das considerações da autora, Passetti (1995) afirma que “ser um leitor irônico significa compartilhar com o autor a ativação de seus dois enunciadores ativando também, na contrapartida do processo, seus dois enunciatários, qualificando a instância de recepção também como polifônica” (Passetti, 1995, p. 60).

Segundo Passetti (1995), a transmissão das diferentes vozes (enunciadores) acontece ao mesmo tempo e de forma conectada na ironia, porém em planos distintos. A voz que se manifesta explicitamente no enunciado é a do enunciador absurdo, ou seja, aquela com a qual o locutor irônico não concorda. Já o enunciador sério, com o qual o locutor irônico realmente se identifica, permanece implícito, subentendido enunciado ou de maneira mais ampla na situação de enunciação.

Isso implica que a estratégia adotada de privilegiar o enunciador absurdo, incorporando-o ao locutor, não deve ser total, ou seja, é preciso deixar, na materialidade do texto, pistas para a recuperação do enunciador sério. Para isso, o autor se serve, principalmente, do modo de estruturação argumentativa, isto é, da organização das estratégias discursivas, que permeiam a recuperação do contexto, de outros textos, da relação com os interlocutores e com a ideologia, de forma a orientar o discurso para a tese desejada. (Passetti, 1995, p. 63-64).

Esses elementos são explorados por Romualdo e Rosa (2017) em sua análise, ao mostrarem como a construção argumentativa irônica e humorística está pautada, na materialidade textual, em recursos linguísticos como a entonação, alongamentos de vogais, pausas, adjetivos, advérbios, pronomes indefinidos, expressões populares e frases declarativas e interrogativas que exprimem causa e consequência.

Ao analisarem os enunciados na perspectiva do discurso, tanto Passetti (1995), como Brait (2008) e Volóchinov (2017) explicitam a ideia de que, para que haja a produção do sentido irônico, o texto forneça pistas verbais e/ou não verbais como colaboradoras para a produção desses sentidos. Passetti (1995) comenta que, diferentemente de Ducrot (1987), que explora o nível intra-enunciado para o estudo da dupla enunciação do processo irônico, considera

imprescindível para o reconhecimento da ironia a realização de uma análise intertextual. Explica que esse tipo de análise é feita ao comparar um enunciado a outro previamente dito e que, desse modo, a polifonia é atestada quando o leitor faz remissão a outros textos contidos em seu repertório. Para a pesquisadora, o reconhecimento do fenômeno polifônico ocorre desde que se leve em conta a experiência do interlocutor. E acrescenta ainda que “o sujeito-autor conta com o reconhecimento da polifonia para construir o seu discurso irônico” (Passetti, 1995, p. 46). A autora, ao discorrer sobre as marcas necessárias para o reconhecimento do processo irônico, afirma:

Isto (o reconhecimento do processo irônico) exige que uma marca de distanciamento apareça entre as palavras e o “locutor”, caso contrário, o ponto de vista do enunciador lhe seria atribuído. Nesse sentido, o locutor irônico é aquele que, ao mesmo tempo, expressa ou veicula um ponto de vista e sinaliza ou orienta para outro. São essas “marcas” que possibilitam ao autor irônico não precisar colocar no enunciado um outro enunciador (Passetti, 1995, p. 48, grifo nosso).

Na mesma direção, Brait (2008) afirma que o enunciado irônico requer marcas que levem o interlocutor à produção dos sentidos irônicos. Reitera a ideia da antífrase, pois no processo irônico, três elementos devem ser colocados como centrais para a produção da ironia: a analogia, a argumentação indireta e os sinais emitidos pelo enunciador. Para a autora, questões contextuais à enunciação são centrais na produção da ironia:

Esses fatores contextuais [...] funcionam como os sinais enunciativos, uma vez que não há nenhuma marca no enunciado que autorize o reconhecimento da ironia, ou de um sentido diferente daquele que o significado de cada palavra e sua organização sintática oferecem. Os sinais contextuais, portanto, de ordem enunciativa, promovem no plano da significação uma cumplicidade entre o enunciador e o enunciatário de tal modo que imediatamente o leitor pode compreender que aquilo que o locutor assume e enuncia como fato é a tradução de um desejo coletivo e não de uma realidade. Daí o efeito de humor. (Brait, 2008, p. 75).

As considerações de Brait (2008) deixam clara a necessidade de que os aspectos contextuais (extratexto), tanto verbais como não verbais, sejam conhecidos pelo interlocutor para a produção dos sentidos irônicos e consequente cumplicidade ou repulsa, caso o leitor apresente posicionamento ideológico contrário ao do locutor. Assim, em nosso estudo, ao analisarmos *posts* multimodais da rede social Instagram, para que o sentido irônico seja produzido e para que sejam identificados os enunciadores sério e absurdo, faz-se necessário conhecer tanto as condições de produção mais imediatas quanto o contexto de produção mais amplo, que trazem em si as marcas referidas pelas autoras citadas.

Para isso, analisar as postagens a partir das condições sócio-históricas presentes no cronotopo pandêmico é um pré-requisito para que os sentidos irônicos sejam alcançados. O levantamento das características do locutor é, neste estudo, o que chamamos de autodescrição

do perfil individual na rede social Instagram. A partir dela, das legendas escritas pelo próprio locutor do enunciado para apresentar as postagens e dos comentários dos internautas sobre os *posts* é possível identificarmos o posicionamento ideológico do locutor e dos enunciadores. Em nosso trabalho, essas variáveis são as marcas contextuais que auxiliam o interlocutor na produção dos sentidos irônicos, como afirmam Passetti (1995) e Brait (2008).

Romualdo e Rosa (2017) desenvolvem uma análise que articula a teoria da ironia como fenômeno polifônico – com base em Ducrot (1987) e Passetti (1995) – e a noção de gênero discursivo proposta por Bakhtin (2008). O estudo debruça-se sobre a proposta irônica de Jô Soares de criar um “manual de conversação” para turistas durante as Olimpíadas do Rio 2016, encenada em seu programa de TV. O objetivo central é demonstrar como a ironia se constrói não apenas por meio de marcas linguísticas, mas também a partir do aproveitamento criativo das características de um gênero discursivo específico.

A natureza inovadora da análise reside justamente na forma como os autores relacionam o gênero discursivo à construção do sentido irônico. Eles partem da definição de Bakhtin (2008) de que os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados, dotados de três dimensões interdependentes: conteúdo temático, construção composicional e estilo. No caso do manual de conversação, trata-se de um gênero que normalmente apresenta frases úteis, objetivas e de caráter prescritivo, organizadas em seções temáticas como “saúde”, “segurança” e “gastronomia”. Romualdo e Rosa (2017) mostram que Jô Soares se apropria desse formato conhecido pelo público para subvertê-lo, utilizando sua estrutura como suporte para a construção da ironia e da crítica humorística.

Ao adotar a estrutura composicional e o estilo típicos do manual – com suas frases curtas, organizadas por situações cotidianas – o locutor consegue contrastar a aparente neutralidade e praticidade do gênero com conteúdos que expõem problemas sociais graves, como violência, falta de infraestrutura e criminalidade. Segundo os autores, essa tensão entre a forma estabilizada do gênero e o conteúdo crítico e absurdo das falas potencializa o efeito irônico. O “eufemismo institucional” do manual é deslocado por enunciados que explicitam falhas na preparação da cidade, criando o que Ducrot (1987) chamaria de dissonância entre o “enunciador absurdo” (que repete o discurso oficial) e o “enunciador sério” (crítico).

Além disso, Romualdo e Rosa (2017) destacam que a encenação de Jô – com entonação, pausas, sotaque estrangeiro e gestos – reforça a apropriação irônica do gênero. O humor e a crítica surgem, portanto, não apenas do que é dito, mas do diálogo entre a forma genérica

esperada e a subversão proposital de seu uso. Assim, o gênero deixa de ser apenas um suporte neutro e passa a ser um elemento constitutivo da ironia.

Os autores também mostram, com base em Passetti (1995), que a argumentação irônica se constrói ao longo de todo o texto, extrapolando o nível frasal. A divisão em seções – como “Segurança”, “Saúde” e “Gastronomia” – permite agrupar críticas específicas, mostrando como cada área temática do manual é ressignificada para destacar um problema social. Essa organização composicional contribui para a percepção do “E sério”, que revela a visão crítica em relação às promessas oficiais sobre as Olimpíadas.

O estudo demonstra, ainda, que a abordagem adotada por Jô Soares só alcança plenamente seus efeitos de humor e crítica porque o público reconhece as convenções do gênero “manual de conversação” e percebe sua deturpação intencional. Dessa forma, Romualdo e Rosa (2017) concluem que a ironia analisada é profundamente dialógica e genericamente situada: o gênero não é pano de fundo, mas componente central na construção dos sentidos irônicos, permitindo que o locutor mobilize vozes sociais e posicionamentos de modo criativo e contundente.

As conclusões de Romualdo e Rosa (2017) em relação ao humor provocado pela ironia, na análise da proposta de Jô Soares de um Manual de Conversação para as Olimpíadas de 2016, coadunam-se com as afirmações de Brait (2008). Para a autora, a ironia visa causar humor com o objetivo de revelar um ponto de vista, que requer tanto do locutor como do interlocutor uma “competência discursiva especial”.

A partir disso, a autora assume, no tratamento do fenômeno, uma perspectiva discursiva, marcando a relação entre ironia, intertextualidade e interdiscursividade, visto que é necessário, para a produção dos sentidos irônicos, que o interlocutor conheça os já-ditos que antecederam esse enunciado e outros discursos que dialoguem com o que está posto. Caso essas condições não sejam atendidas, corre-se o risco da não percepção da ironia, conforme atesta Passetti (1995), ao definir o conceito de recepção irônica, segundo o qual, necessariamente, o enunciatário tem participação ativa como produtor de sentido. A tentativa de considerar a ironia sob a perspectiva discursiva passa, necessariamente, tanto pelas questões que dizem respeito à dimensão ideológica, social, cultural, histórica, quanto pela questão da subjetividade e da maneira como esses dois aspectos se tornam constitutivos dos discursos (Brait, 2008). A pesquisadora cita os estudos freudianos, ao lembrar que, na perspectiva do psicanalista, “a ironia só pode ser empregada quando a outra pessoa está preparada para escutar o oposto do

dito, de modo que não possa deixar de sentir uma inclinação a contradizer. Em consequência dessa condição, a ironia se expõe facilmente ao risco de ser mal entendida” (Brait, 2008, p 55).

Destacam-se como componentes centrais da ironia os atos ilocutório, linguístico e actancial. A atividade ilocutória é a que precisamente se sobressai no caso da ironia. Esse destaque se dá na medida em que esse fenômeno linguístico se apresenta como uma atividade dupla, pois descreve uma ação presente do locutor e, por meio da enunciação, tem por função questionar, ridicularizar ou deslegitimar um discurso, nesse caso o dos interlocutores com posicionamento ideológico distinto ao seu. O componente actancial, por sua vez, é marcado pela agressão. Ao propor que a ironia agride, demonstra-se que o processo envolve sempre um agressor e um agredido e que esses estão, necessariamente, articulados a um terceiro. Esse triângulo irônico é definido da seguinte maneira: um locutor, um ouvinte e um alvo vítima desse discurso (Brait, 2008).

Um exemplo disso, já apresentado neste trabalho, é o estudo de Romualdo e Rosa (2017). Na análise, os autores comentam um “Manual de conversação para as Olimpíadas de 2016”, apresentado ironicamente por Jô Soares, no programa televisivo Programa do Jô, no dia 14 de outubro de 2009. Na ocasião, o apresentador faz uma crítica, por meio do discurso irônico, ao Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos no Brasil. Para apresentar o “manual”, destinado a turistas de outros países que hipoteticamente viriam ao Brasil para assistir aos jogos olímpicos, o apresentador, que no triângulo irônico proposto por Brait (2008) assume o papel de locutor, dirige-se ao seu ouvinte, as pessoas da plateia e os telespectadores, para, ironicamente, tecer críticas ao terceiro lado desse triângulo: a vítima do discurso irônico, aqui representada pelo Comitê Olímpico Brasileiro e as autoridades públicas.

É importante, para entendermos os sentidos irônicos produzidos pelo enunciado de Jô, retomarmos os acontecimentos sócio-históricos que fizeram parte dessa tessitura. O Brasil, prestes a sediar essa competição de alcance mundial, passa por questões estruturais importantes, que impedem o preparo e a organização para tamanho evento. Nesse contexto, o comediante, que em seu programa busca provocar o riso por meio de humor, interpreta as possíveis frases desse manual, que contém seções com dicas aos turistas que vão desde gastronomia até relacionamentos amorosos, e provoca muitos risos nos ouvintes ali presentes. Frases ditas pelo apresentador, como “Vai estar muito bem preparado... ahn, tudo muito bem organizado”, verbalizadas pelo locutor, por meio do uso de advérbios – marcas verbais e da entonação discursiva, evidente tanto no tom de voz como na expressão corporal do apresentador, levam o interlocutor a entender que o que está posto no enunciado não é o posicionamento ideológico

defendido pelo locutor, corroborando o que teorizam Ducrot (1987), Passetti (1995) e Brait (2008).

Costa (2000), ao discorrer sobre a ironia, afirma ser essa uma estratégia argumentativa por mobilizar diferentes vozes e, conseqüentemente, posicionamentos ideológicos distintos. A autora, ao explicar a função argumentativa que se atribui à língua, comenta que “a argumentação conta com um conjunto amplo de procedimentos à obtenção da adesão, as técnicas argumentativas, elas funcionam como indicações, através das quais é possível reconstruir o evento da enunciação, explicar o roteiro de produção do texto” (Costa, 2000, p. 8). Logo, a partir dessas constatações, podemos concluir que as marcas linguísticas e extralinguísticas presentes nos enunciados irônicos levam à adesão ao pensamento do locutor, conforme atestado pela autora.

A pesquisadora, em suas análises, identifica a ironia presente em um artigo de opinião, denominado “Petição ao presidente”, de autoria do jornalista Clóvis Rossi, publicado na Folha de São Paulo, em 29 de julho de 1994. No enunciado, o locutor, que tem uma filha hipotética, pede “ajuda” ao presidente para que a auxilie a melhorar sua situação. Para isso, recorre a exposição do absurdo em frases como: “Afinal, ela é professora, profissão que, no Brasil, como o senhor bem sabe, goza de salários elevadíssimos e privilégios sem conta”. Nesse segmento, há uma crítica ao modo como os professores são tratados no Brasil por meio do discurso irônico que, para Costa (2000), surte efeito de uma estratégia argumentativa que pretende alcançar a adesão do leitor a seu discurso.

Brait (2008 p. 78) destaca a ironia pode se dar de forma referencial, não necessariamente pela contradição de fatos linguísticos, como a verbal, marcada pela oposição entre dois níveis semânticos ligados a uma mesma sequência significativa. Para a autora, “a dupla leitura mobilizada por um enunciado irônico envolve formas de interação entre os sujeitos, bem como a relação com o objeto da ironia e com as estratégias linguístico-discursivas que põem em movimento o processo” (Brait, 2008, p. 138).

Envolvendo-se aspectos verbais e extraverbais, é válido ressaltar que a ironia, em qualquer dimensão em que seja empregada, desencadeia-se como um jogo entre o que o enunciado diz e o que a enunciação faz dizer, com objetivos de desmascarar ou subverter valores, processo que normalmente conta com formas de envolvimento do leitor, ouvinte ou espectador. Brait (2008) aponta que para haver ironia há, necessariamente, a opacificação do discurso, ou seja, um locutor produz um enunciado de tal forma a chamar a atenção não apenas para o que está dito, mas para a maneira de dizer e para as contradições existentes entre as duas

dimensões. A compreensão da autora completa o percurso teórico que vimos traçando para o tratamento da ironia nos *posts* do Instagram anti e pró-vacina de nosso corpus. Discutimos, no próximo capítulo, os aspectos metodológicos de nossa pesquisa.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para tratarmos da metodologia utilizada em nosso estudo, é necessário discorrermos acerca dos princípios teórico-metodológicos dos estudos do Círculo de Bakhtin, aqui utilizados. Nesse sentido, é importante salientarmos que a ironia, nesta pesquisa tratada como uma estratégia de persuasão com vistas a fazer o interlocutor aderir ao discurso anti ou pró-vacina, é também um parâmetro utilizado para a seleção do corpus. Salientamos, no entanto, que a persuasão irônica, em si, não é o eixo principal de nosso estudo. Mesmo assim, foi o parâmetro central em nossa busca, considerando o contexto político-ideológico que suscitou os enunciados aqui analisados. Entendemos, como pesquisadores, que os efeitos de sentido causados pelos enunciados irônicos, que geralmente estão associados ao rechaço de um e a vingança de outro (Casagrande, 2021), são plenamente associáveis aos discursos de ódio com os quais nos deparamos no cronotopo da pandemia. Dessa maneira, reiteramos a utilização neste estudo da ironia como ferramenta de busca e a centralidade da metodologia bakhtiniana no direcionamento do que aqui apresentamos.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2017, p. 220), após considerar a interação verbal concreta como a forma material de existência da língua, afirma que:

Disso decorre que a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual.

Nossa pesquisa sobre a ironia no cronotopo pandêmico em postagens do Instagram alinha-se de maneira consistente à ordem metodológica defendida por Volóchinov (2017). Isso ocorre porque nosso estudo prioriza a interação discursiva concreta – as postagens e os comentários no Instagram – como ponto de partida para a análise, considerando-as no contexto específico da pandemia de covid-19. Dessa forma, a pesquisa não se limita a examinar estruturas linguísticas isoladas, mas situa os enunciados em seu ambiente social e histórico, atendendo ao primeiro passo proposto por Volóchinov: analisar as formas e tipos de interação discursiva em relação às condições concretas.

Além disso, a pesquisa avança para o segundo nível da proposta de Volóchinov (2017), ao tratar os *posts* do Instagram como gêneros discursivos singulares, moldados pela interação

no campo de comunicação midiática digital. Exploramos como a ironia se manifesta nesses enunciados multimodais, levando em conta a relação entre texto e imagem, bem como os comentários dos usuários, que funcionam como respostas ativas e parte constitutiva do diálogo. Essa abordagem permite compreender os *posts* não como unidades isoladas, mas como elos de uma cadeia discursiva mais ampla, que reflete e refrata disputas ideológicas no contexto pandêmico.

Por fim, a revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual – terceiro passo do método – é realizada por meio da identificação de estruturas verbais e não verbais que produzem efeitos de sentido irônico. Nossa pesquisa examina, por exemplo, o uso de advérbios, adjetivos, entonação implícita no texto e elementos visuais como caricaturas, cores, símbolos e desenhos como estratégias persuasivas e elementos axiológicos. No entanto, essa análise só é possível porque parte do contexto mais amplo da interação discursiva e dos gêneros que a materializam, conforme preconizado por Volóchinov (2017). Dessa maneira, o estudo demonstra como a língua é viva, social e ideologicamente marcada, confirmando a visão dialógica da linguagem defendida pelo Círculo de Bakhtin.

De acordo com Freitas (2002), o viés metodológico das pesquisas nas Humanidades difere substancialmente do que ocorre nas áreas das ciências exatas. A autora, em seu artigo em que discorre sobre os princípios teórico-metodológicos dos estudos do Círculo de Bakhtin, argumenta que:

Nas ciências exatas, o pesquisador encontra-se diante de um objeto mudo que precisa ser contemplado para ser conhecido. O pesquisador estuda esse objeto e fala *sobre ele ou dele*. Está numa posição em que fala *desse objeto*, mas não *com ele*, adotando, portanto, uma postura *monológica*. Já nas ciências humanas, seu objeto de estudo é o homem, "ser expressivo e falante". Diante dele, o pesquisador não pode se limitar ao ato contemplativo, pois encontra-se perante um sujeito que tem voz, e não pode apenas contemplá-lo, mas tem de falar com ele, estabelecer um diálogo com ele. Inverte-se, desta maneira, toda a situação, que passa de uma *interação sujeito-objeto* para uma *relação entre sujeitos*. De uma orientação monológica passa-se a uma perspectiva *dialógica* (Freitas, 2002, p. 24, itálicos da autora).

Assim, em consonância ao pensamento exposto pela autora, nesta pesquisa fazemos uma interação sujeito-objeto para uma realização entre sujeitos. Inegavelmente, há uma interação entre a pesquisadora e o corpus estritamente vinculada ao seu ponto de vista e sua vivência. Dialogamos com as postagens nos colocando como partes integrantes do processo investigativo. Volóchinov (2017), como vimos, opondo-se ao objetivismo abstrato e ao subjetivismo idealista da língua, afirma que a linguagem não se desvincula do que acontece na

sociedade, instituindo a interação verbal como lugar de estudo da linguagem. Além disso, confirma a ideia de que a vida do homem pode ser compreendida por meio dos signos e textos por ele criados. Por esse motivo, enquadramos nossa metodologia como a denominada pelo estudioso, ao dizermos performar como sócio-histórica. Ainda, na concepção de Freitas (2002, p. 22), “trabalhar com a pesquisa qualitativa numa abordagem sócio-histórica consiste pois, numa preocupação de compreender os eventos investigados, descrevendo-os e procurando as suas possíveis relações, integrando o individual com o social”. Este é o caminho a ser trilhado na realização de nossas análises.

Em relação ao nosso ponto de vista como pesquisadora, é válido pensarmos sob a ótica de Bakhtin (2008, p. 401). Em seus achados, dispõe que “um texto vive unicamente se está em contato com outro texto. Unicamente no ponto deste contato é que surge uma luz que ilumina atrás e adiante e que insere o texto dado no diálogo”. Assim, realizamos o nosso diálogo com as postagens em análise no intuito de que sentidos outros sejam produzidos.

3.1 A natureza da pesquisa

Esta é uma pesquisa qualitativa construtivista de caráter documental. O termo “qualitativo” se aplica ao estudo, pois os dados são analisados quanto ao teor dos conteúdos, enfatizando-se o “como” as construções irônicas são realizadas e não “o quanto” esse recurso se faz presente nas postagens analisadas (André, 2011). A abordagem qualitativa é particularmente adequada para investigar fenômenos complexos e subjetivos como a ironia, pois permite capturar a riqueza e a nuance dos processos de produção de sentidos, que seriam perdidos em uma abordagem puramente quantitativa. Esta opção metodológica reconhece que a linguagem não é um sistema neutro, mas um espaço de negociação e conflito, onde sentidos são construídos de forma dinâmica e contextual.

Sobre a inserção desta pesquisa no paradigma construtivista, ressalta-se o fato de que “a realidade é uma construção social baseada nas experiências de sujeitos”, logo, a autenticidade e a confiabilidade dos dados são inerentes ao modo como a pesquisa é realizada (Schwandt, 2006). Sob esta ótica, o conhecimento não é descoberto, mas sim construído através da interação entre o pesquisador e o objeto de estudo, sendo fundamentalmente interpretativo. O construtivismo, portanto, alinha-se perfeitamente com a Análise Dialógica do Discurso, uma

vez que ambas as perspectivas entendem a linguagem e a realidade como produtos da interação social, onde múltiplas vozes e perspectivas coexistem e se confrontam.

As definições metodológicas adotadas neste trabalho coadunam com o que é proposto por Schwandt (2006), uma vez que as perspectivas dos locutores dos enunciados e os pontos de vista dos pesquisadores são indissociáveis dos resultados a serem produzidos. Outra característica que nos permite qualificar este estudo inserido nesse paradigma aplica-se aos aspectos metodológicos, que enfatizarão observações e análises de textos variados. Os significados serão construídos a partir dos dados analisados. Isto implica que o processo analítico é, em si, um ato de interpretação situado, no qual o pesquisador, longe de ser um observador neutro, engaja-se ativamente com o corpus, trazendo para a análise seu próprio arcabouço teórico, suas experiências e seu entendimento do contexto sócio-histórico – o cronotopo pandêmico. A confiabilidade dos resultados, neste paradigma, não reside na replicabilidade, mas na transparência do processo de interpretação e na coerência argumentativa estabelecida entre os dados, a teoria e as conclusões.

Quanto ao caráter documental, afirmamos tal possibilidade visto que para Ludke e André (1986), esse tipo de análise busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. Segundo os autores, são considerados documentos materiais escritos em que sejam expressas informações relacionadas ao comportamento humano. A análise documental permite acessar traços dessas construções sociais de forma indireta, através dos registros que os sujeitos produzem. No contexto digital, os *posts* do Instagram funcionam como documentos que capturam e cristalizam performances discursivas, posicionamentos ideológicos e interações sociais específicas, no caso em estudo, do cronotopo pandêmico. Analisá-los é, portanto, investigar os rastros materiais de um intenso debate público.

Como as postagens a serem analisadas foram publicadas e estão disponibilizadas ao público em geral na rede social Instagram, são consideradas documentos para efeitos de pesquisa. Aproveitamos o ensejo para destacar que, por trabalharmos com corpus obtido por meio de pesquisa em contas públicas da referida rede social, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) nos isenta de submeter nosso estudo à análise devido ao que determina a resolução 510, de 7 de abril de 2016, no artigo 1º, parágrafo III, quando se diz que “não serão registradas e nem avaliadas pelo CEP/CONEP pesquisa que utilize informações de domínio público”.

Apesar dessa isenção formal, este trabalho compromete-se com rigorosos princípios éticos na condução da pesquisa. Isso inclui a garantia do anonimato dos perfis e usuários citados nas análises e o tratamento dos dados com o objetivo exclusivo de produção de conhecimento acadêmico, abstendo-se de qualquer reprodução que possa incitar discriminação ou expor indivíduos a situações constrangedoras. A pesquisa com fontes públicas digitais exige uma reflexão ética contínua que vá além da mera conformidade legal, considerando a potencial vulnerabilidade dos sujeitos mesmo em espaços considerados públicos.

3.2 O corpus da pesquisa

Para discorrermos sobre o corpus de nossa pesquisa, se faz necessário destacarmos os aspectos relacionados ao contexto sócio-histórico no qual as postagens foram produzidas. Por isso, neste tópico, inicialmente discorreremos sobre as condições de produção, imprescindíveis para estudos na ADD e, posteriormente, tratamos mais especificamente sobre como chegamos ao corpus de análise.

Como já mostramos no capítulo 1 desta dissertação, o cronotopo pandêmico – ou seja, o tempo-espaço singular marcado pela emergência global da covid-19 a partir de 2020 – constitui o contexto sócio-histórico indissociável de nossa análise. Este período foi caracterizado por profundas transformações nos modos de vida, na organização social e, sobretudo, nas dinâmicas comunicativas. O "novo normal" imposto pela pandemia alterou rotinas, reconfigurando drasticamente as relações entre tempo e espaço, acelerando a migração de interações sociais, debates políticos e disputas ideológicas para o ambiente digital. Nesse cenário de incerteza, medo e polarização, a linguagem, embora sempre tenha sido, ganha destaque como uma arena central de conflito, onde signos como "vacina", "isolamento" e "ciência" foram intensamente ressignificados e disputados por diferentes grupos.

Nesse contexto, o campo da comunicação online se tornou o palco principal onde dramas e tensões do cronotopo pandêmico se desenrolaram. O confinamento e o distanciamento social fizeram das redes sociais funcionassem como um refúgio para as pessoas impedidas de sair às ruas e o espaço privilegiado para a construção e circulação de narrativas sobre a realidade em transformação. Assim, nesse ambiente, começou-se a se travar uma disputa discursiva entre as vozes da ciência e os movimentos de desinformação, entre as campanhas pró-vacina e os

discursos antivacina, entre as políticas de saúde pública e os negacionismos de toda ordem. O Instagram, em particular, com sua natureza multimodal e sua capacidade de viralização, emergiu como uma dessas arenas digitais onde a luta por hegemonia simbólica se mostrou mais acirrada.

Esse cenário de profusão discursiva e confronto ideológico encontra eco teórico perfeito no conceito bakhtiniano de “arena discursiva”, que compreende a linguagem como um campo de batalha onde diferentes vozes sociais disputam a imposição de seus valores e visões de mundo. A pandemia, ao tornar mais agudas as contradições sociais e políticas preexistentes, transformou as redes sociais em praças públicas digitais onde se encenavam, em tempo real, os conflitos da sociedade em crise.

De acordo com Costa, Oliveira Junior e Oliveira (2021), o campo da comunicação midiática digital ganhou destaque desde o início da pandemia de covid-19. Nesse sentido, inegavelmente houve uma profusão discursiva com discursos e comentários acerca desses discursos que demonstram os achados de Bakhtin e seu Círculo, ao afirmarem que os enunciados funcionam como elos em uma cadeia discursiva. Isso ocorre dentro do que os autores russos denominam como “arena discursiva”, ao destacarem que existe, na produção de enunciados, um espaço de disputa ideológica marcado pela tensão entre discursivizações díspares. Magalhães e Queijo (2015, p. 169) definem arena como:

espaço de disputa e de luta; de natureza discursiva porque, a despeito dos embates físicos ali travados, a matriz da tensão são os valores projetados sobre o evento. Nessa condição de arena discursiva, as manifestações guardam um caráter de tensão entre o discurso oficial e o não oficial, que permite identificar aspectos de carnavalização no modo como se articula.

Conforme os autores citados acima, Bakhtin emprega o termo “carnavalização” ao discorrer sobre o conceito de arena discursiva, pois, no carnaval, nas ruas, acontecia a ruptura da hierarquização de classes sociais. As praças públicas se tornavam um lugar livre para diferentes discursivizações, com variados tons ideológicos, em uma polifonia de vozes sociais. É nesse sentido que transpomos para nossa pesquisa o pressuposto, amplamente empregado nos estudos discursivos. Aqui, consideramos o Instagram como um lugar/uma arena que assume as características descritas pelos estudiosos russos ao permitir a apresentação de diferentes posicionamentos ideológicos por meio dos discursos, que se materializam em postagens,

legendas e comentários, o que justifica como microcronotopo dentro de um macrocronotopo pandêmico.

Além disso, a rede social Instagram, entre outras redes, possibilita a interação entre os interlocutores por meio da publicação de comentários concordantes ou não com o que está posto. Em uma análise dos comentários publicados em uma página específica dessa rede, Costa, Oliveira Junior e Oliveira (2021) destacam que os textos que ali são publicados constituem uma prática social sobre a qual se faz necessária uma vasta reflexão, uma vez que nessa arena tudo é possível. Os autores destacam os efeitos negativos relacionados a comentários de ódio, que podem repercutir de forma negativa na sociedade. Comparam ainda textos desse gênero à carta do leitor, mas enfatizam a grande diferença entre eles: enquanto as cartas são produzidas, enviadas e reeditadas antes de sua publicação, os comentários são imediatos e quase que simultâneos ao texto situado no elo anterior de uma mesma cadeia discursiva, deixando a participação dos interlocutores mais dinâmica e democratizada.

Assim, os *posts*, enquanto forma de interação verbal, compõem um debate vivo que deve ser valorizado e que vai muito além de enunciados engraçados, que frequentemente contam com recursos imagéticos. Conhecer esses discursos é urgente, uma vez ao discorrermos sobre língua, é possível saber mais sobre como vive o homem (Bakhtin, 2008). Ademais, além dos aspectos linguístico-discursivos, há outras questões, até mesmo do campo jurídico, que a serem levadas em conta:

há urgência em criticidade para usarmos as redes sociais e, especialmente, nos precavermos do conteúdo de nossa postagem, considerando leis que orientam sobre o uso da Internet, e os direitos humanos, sob pena de cometermos crimes digitais, a depender do comentário que realizamos e a partir do que essa ação mobiliza e no que repercute. (Costa, Oliveira Junior e Oliveira, 2021, p. 63).

A pandemia de covid-19 proporcionou um contexto favorável à disseminação do discurso anti-ciência com consequências sociais irreparáveis como a não vacinação por uma parcela da população, levando à recorrência de mortes preveníveis. A desinformação tornou-se um verdadeiro problema social, prevalecendo sobre a falta de insumos necessários para a contenção da doença. Assim, em nossa pesquisa procuramos, a partir dos princípios teórico-metodológicos dos estudos do Círculo de Bakhtin, avaliar, por meio da ironia, como as questões ideológicas influenciaram os dizeres na rede social Instagram no cronotopo pandêmico.

Nos meses iniciais do período pandêmico, anteriormente ao início da vacinação anticovid no Brasil, em janeiro de 2021, a estratégia de contenção do vírus recomendada pelos cientistas brasileiros e de todo o mundo era o fechamento dos serviços considerados não essenciais à população, como comércios e empresas de serviços. No entanto, em um estudo sobre o discurso anticiência nesse mesmo período, Rezio e Silva (2020) destacam que, no Brasil, houve uma sobreposição dos interesses econômicos frente ao interesse pela vida das pessoas. Os pesquisadores constatarem, a partir de uma análise de notícias, vídeos e imagens que circularam pelas redes sociais, em especial o Whatsapp, que prevaleceu naquele momento a ideia de que é preciso escolher entre “salvar vidas” ou “preservar a economia” e que muitos empresários, motivados pelo receio de terem perdas financeiras, contribuíram para a disseminação de *fake news*, fazendo crescer ideias contrárias ao discurso científico.

Rezio e Silva (2020) observam que o discurso anticiência demonstra o tratamento dado às universidades públicas no viés de governos liberais. Destacam que os ataques liberais às academias se relacionam fortemente à necessidade mercadológica de que haja um enfraquecimento de formação de pensamento crítico formado no meio acadêmico, antes mesmo que se possa causar obstáculos às manobras que favoreçam o acúmulo de capital, ainda que prejudiquem diretamente a sociedade. Assim, para os autores, as *fake news*, que disseminaram pensamento anti-vacina e anti-isolamento social, nada mais foram do que uma continuidade do projeto de desmonte da educação pública nas universidades para enriquecimento de grandes contingentes empresariais.

Contudo, Empoli (2020), no livro *Engenheiros do caos*, afirma que as dificuldades à formação do pensamento crítico com consequente apelo às falsas notícias não são exclusivas da realidade brasileira. Ilustra essa mesma realidade em outros países como Estados Unidos e Itália, ao apresentar situações esdrúxulas nas quais foram colocados em dúvida feitos históricos como a chegada do homem à lua em tentativas de mover emoções negativas nos interlocutores para efeitos persuasivos em eleições. O autor chega a citar a definição de Goethe para o carnaval, quando esse afirma que “o carnaval não é uma festa oferecida pelas autoridades, mas uma festa que o povo oferece a si mesmo. Nenhum poder jamais conseguiu se libertar do carnaval e de seu espírito subversivo” (Empoli, 2020, p. 10). Dessa maneira, constatamos desde os primórdios do surgimento dessa festa popular, há quem queira dominar, seja por força, seja por ideias e há quem queira resistir. O pensamento científico, nesse viés, se torna uma forma de resistência às opressões capitalistas que buscam desviar a população do acesso ao conhecimento.

Ao tratarmos sobre a disseminação de fake news, é fulcral associar esse evento à utilização de redes sociais, principalmente no cronotopo pandêmico. É fato que as práticas de isolamento social mudaram a relação da sociedade com a internet e os dispositivos que a ela permitem acesso. Na perspectiva de Vermelho, Velho e Bertoncello (2015), a tecnologia pretende substituir uma ação anteriormente realizada pelas mãos e pela mente, com a finalidade de ampliar uma capacidade humana. As redes sociais, por sua vez, intensificam tendências contraditórias presentes no mundo. Outro ponto que os autores destacam é a possibilidade trazida pelas redes de compartilhamentos e de coletividades entre iguais, o que não ocorre fora dos espaços virtuais, onde são frequentes relações em que predominam a competição e o individualismo. Assim, esses espaços virtuais tornam-se propícios ao diálogo constante entre enunciados marcados por diferentes ideologias. A partir dessa perspectiva, as redes sociais se tornam espaços propícios a diálogos e duelos entre os mais variados pontos de vistas de sujeitos de todas os campos sociais. Empoli (2020) acredita que o aumento do nível de ódio na internet é uma consequência atribuída ao fato de os pregadores desse sentimento reconhecerem a internet como um lugar possível para isso. O autor, ao chamar os indivíduos e instituições que veiculam esses dizeres de “engenheiros do caos”, faz a seguinte pressuposição:

Juntos, esses engenheiros do caos estão em vias de reinventar uma propaganda adaptada à era dos *selfies* e das redes sociais, e, como consequência, transformar a própria natureza do jogo democrático. Sua ação é a tradução política do Facebook e do Google. É naturalmente populista, pois, como as redes sociais, não suporta nenhum tipo de intermediação e situa todo mundo no mesmo plano, com um só parâmetro de avaliação: os *likes*, ou curtidas. É uma ação indiferente aos conteúdos porque, como as redes sociais, só tem um objetivo: aquilo que os pequenos gênios do Vale do Silício chamam de “engajamento” e que em política, significa adesão imediata (Empoli, 2020, p. 16).

Especificamente, na presente pesquisa, a arena – espaço de luta - em que se profudem os discursos é a rede social Instagram. Essa rede mostrou-se, especialmente no contexto pandêmico, um lugar profícuo de divulgação científica (e anti-científica) entre pessoas e instituições (Velho e Bertoncello, 2015). Para os autores, uma das características do Instagram é a de facilitar as conexões entre usuários com interesses em comum, aumentando a probabilidade de um trabalho acadêmico alcançar novos públicos, sobretudo aquele que apresenta pouco contato com pesquisas e descobertas científicas. No entanto, a profusão discursiva nessa rede social possibilita também problemas com a desinformação e negação da ciência. Velho e Bertoncello (2015) fazem a seguinte descrição da rede social Instagram:

A plataforma do Instagram foi lançada em 2010 e logo se tornou um fenômeno de popularidade. Trata-se de uma mídia altamente visual, concebida inicialmente para o compartilhamento de imagens e uso em dispositivos móveis. Todavia, modificações incorporaram o compartilhamento de vídeos e transmissões ao vivo. Ademais, oferece possibilidade de envio de mensagens privadas, a opção de marcar o conteúdo como pesquisável a partir das hashtags, a capacidade de incluir várias imagens ou vídeos em uma única publicação, além do recurso de histórias (stories), com o qual os usuários postam conteúdo de um modo de destaque acessível a outras pessoas por 24 horas. Tais ferramentas permitem que os indivíduos se comuniquem com outros usuários de maneiras que variam em privacidade, formalidade e níveis de interação (p 870).

A partir das questões referidas, verifica-se o fato de que o Instagram e as redes sociais no geral colaboram, apesar dos riscos de propagação de desinformação, para a divulgação da ciência. Além disso, Velho e Bertonecello (2015) destacam que, para isso, ocorre uma “recodificação das linguagens”, necessária à circulação do conhecimento entre não especialistas, inclusive por permitir a circulação de enunciados em formas de diferentes gêneros discursivos. Tal recodificação garante à população a possibilidade de contactar e se comunicar com agências, com os cientistas, tirar dúvidas com especialistas e se inteirar de práticas com uma velocidade quase instantânea. É inegável a presença da ciência no meio digital, mesmo que o discurso anticiência também se faça presente. Portanto, como pesquisadores da linguagem e como educadores, distinguir esses dois tipos de discursos se constitui uma nova habilidade indissociável do papel do linguista e isso se tornou mais necessário desde o início da pandemia de covid-19.

As análises realizadas no presente estudo se dão a partir da obtenção de postagens irônicas utilizando-se a hashtag pró e antivacina da rede social Instagram, no período pandêmico, sendo incluídas no corpus enunciados publicados entre fevereiro de 2020 e maio de 2023, data formalmente considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como período pandêmico de covid-19 (OPAS, 2023). Em relação à obtenção dos dados, realizamos a coleta em pesquisa na rede social Instagram, no mês de julho de 2024. Em nossa busca, procuramos identificar ideologias e vozes sociais a partir da construção textual que se dá pelo fenômeno da ironia em postagens de cunho pró e antivacina publicadas em perfis dessa rede no cronotopo pandêmico.

Quanto ao levantamento dos *posts* que compõe o corpus, inicialmente, em setembro de 2023, realizamos uma pesquisa metódica na rede social Facebook, a mais acessada no mundo, utilizando os termos: “pandemia”, “vacina” e “kit covid”. Surpreendentemente, verificamos que havia muitas postagens apagadas ou que foram retiradas de publicação por teor indevido nessa rede social. Sendo assim, optamos por pesquisar na rede social Instagram e verificamos

uma extensa variedade de postagens favoráveis e contrárias à vacinação anticovid. Esse fato nos levou a optar por postagens disponíveis nessa rede.

Os *posts* selecionados foram obtidos por meio de pesquisa na rede social Instagram pela digitação dos termos #vacina e #antivacina. Cabe destacar que a hashtag consiste em uma palavra-chave antecedida pelo símbolo “#” (Padilha, 2024). A utilização dessa ferramenta de pesquisa tem a finalidade de agrupar publicações relacionadas a assuntos específicos, permitindo ao usuário agrupar informações acerca de um assunto de seu interesse. Para a obtenção das postagens, utilizamos as hashtags como uma forma de delimitação para melhor escolha das portagens com as quais iríamos dialogar. Na internet, esse é um recurso discursivo que marca a relação entre textos, marcando sua relação dialógica. Nesse sentido, voltemos à definição de texto que nos é apresentada por Bakhtin (2018), a de que um texto só existe em relação a outros textos, frente aos quais manifesta uma atitude responsiva-ativa. Os filósofos russos também apontam que embora as relações entre os textos nunca se findem, há ligações mais ou menos evidentes entre os textos, o que nos permite determinar o diálogo entre eles. Quando há maior diálogo, pressupõe-se um maior diálogo e, quando o inverso ocorre, concluímos que os textos dialogam menos.

No que tange às hashtags, Lima-Neto e Carvalho (2023, p. 6) as definem como um “fenômeno intertextual, que, embora não essencial, confere potencial criativo e argumentativo à textualização”. No entanto, em sua análise de textos obtidos a partir de buscas por hashtags específicas na rede social Instagram, os autores observaram que nem sempre, ao clicar sobre uma delas, surgirão textos semelhantes ou com o mesmo viés ideológico. A função atribuída pelos autores a esse fenômeno está relacionada a serem uma ferramenta para a formação de blocos textuais acerca de um determinado tema, independentemente do viés ideológico presente em cada texto encontrado. Silveira (2020, p. 4) aponta que “os espaços enunciativos informatizados organizam a interlocução de forma diferenciada” o que exige aos analistas que considerem as normatizações próprias de cada espaço. Nesse contexto, as hashtags, de acordo com a autora, buscam normatizar a busca por informações em uma rede. Com essa finalidade, buscam vincular textos permitindo acesso a um conjunto de dados, que fica armazenado na internet. Por esse motivo, na tentativa de “agrupar” e organizar as postagens de acordo com os critérios previamente estabelecidos, optamos pelo uso dessa ferramenta em nosso estudo.

Após a digitação e busca pelas hashtags “vacina” e “anti-vacina”, nos é pertinente salientar que, para este estudo, não foram consideradas postagens publicadas em contas oficiais, contas de empresas privadas, contas de políticos ou contas “fake”, mas somente aquelas

publicadas em contas pessoais. Tal delimitação se deu pela presença de humor predominante nas contas pessoais após a comparação das publicações com outras categorias de contas na mesma rede social. A exclusão de postagens obtidas a partir das contas “fake” ocorreu visto que para a descrição do contexto, parte imprescindível para nossas análises, é necessária a autodescrição presente no perfil dos sujeitos que aqui são nossos locutores. Para identificarmos se uma conta era ou não “fake”, analisamos a autodescrição e as demais postagens publicadas. A partir dessa breve análise, incluímos ou não os *posts* entre os que iríamos analisar.

Assim, os *posts* selecionados foram obtidos por meio de pesquisa na rede social Instagram pela digitação dos termos #vacina e #antivacina. Essa pesquisa foi realizada previamente durante a realização da disciplina “A construção heterogênea do texto”, ofertada no Programa de Pós Graduação em Letras (PLE-UEM), no mês de setembro de 2023, para um mapeamento prévio do uso da ironia como estratégia argumentativa na rede social Instagram no cronotopo pandêmico. Na ocasião, encontramos enunciados multimodais nos mais diversos gêneros discursivos tais como memes, vídeos, postagens com linguagem exclusivamente verbal, não verbal ou sincrética, o que nos possibilitou verificar uma ampla gama de material disponível na internet para nossa pesquisa.

A partir dessa rápida sondagem e verificação dos dados que poderíamos analisar, o emprego das hashtags para a primeira delimitação do corpus de pesquisa se mostrou uma ferramenta útil. Posteriormente, aplicamos a Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot (1987), para a seleção de quatro postagens que foram utilizadas nesse estudo inicial. Essa busca-teste nos encorajou à realização deste estudo, que decorreu em uma busca mais ampla, realizada no mês de julho de 2024.

Realizamos a referida busca – para a obtenção do corpus de pesquisa – no dia 1º de julho de 2024. Na rede social Instagram, no campo de busca, inicialmente digitamos o sinal “#”, seguido da palavra “vacina”. Consideramos as postagens que apareceram na aba “Para você”, excluindo aquelas disponíveis na barra “contas”, “reels” e “áudio”. Nessa aba que selecionamos para a pesquisa, apareceram, entre os resultados, *posts* com linguagem verbal e não verbal com e sem o signo “vacina”. Não foi possível encontrar o número de postagens decorrentes dessa busca, uma vez que essa rede social não enumera quantitativamente os itens resultantes de uma pesquisa, como podemos verificar, a título de exemplificação, na Figura 1, a seguir:

Figura 1: Resultado da busca pela hashtag “vacina”, na rede social Instagram⁶.



Fonte: Instagram

Nessa investigação, averiguamos item a item todos os *posts* que surgiram. Como a maioria deles apresentava teor informativo, priorizamos uma análise prévia daqueles publicados entre março de 2020 e dezembro de 2023 – o cronotopo pandêmico, período de importantes discussões político-discursivas acerca da temática vacinal.

⁶ A figura é apenas ilustrativa de como o Instagram apresenta a página à qual nos referimos, não diz respeito, portanto, à página à qual nos referimos no ato de nossa busca.

Tal seleção realizou-se de forma manual, visto que a rede social não possibilita pesquisa segundo período específico. O único delimitador que nos foi possível utilizar foram as hashtags. Colocamo-nos como interlocutores de todos esses enunciados e procuramos identificar a ironia presente nesses discursos. Para definir as postagens como “aptas” ou “não aptas” a participar de nosso estudo, iniciamos a análise do que encontramos sob a luz da Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot (1987). Desse modo, realizamos, como requisito prévio para a escolha dos *posts*, uma análise individual de cada enunciado para identificação de diferentes vozes proferidas por um locutor único. Para cada *post* encontrado após a busca pelas hashtags, fazíamos o seguinte questionamento: “há polifonia de vozes nesse enunciado”? Se a resposta fosse “SIM”, o *post* estava mais próximo de ser selecionado.

Além de apresentar um enunciado irônico seguindo os critérios acima referidos, um outro quesito foi levado em conta para a seleção dos *posts*: a combinação de linguagem verbal e não verbal ou imagética. Optamos por trabalhar apenas com postagens irônicas compostas por texto escrito e imagem para incluirmos a multimodalidade também a ser fator analisado em nossa pesquisa. O levantamento dos textos multimodais vai ao encontro ao que define Bakhtin (2008), ao afirmar ser necessário analisar as configurações da língua na sua interpretação linguageira, assim como os aspectos extra-verbais dos enunciados. Em um contexto de produção de enunciados multimodal, como as redes sociais, nos quais a disseminação da informação se dá de maneira até imediata após a publicação, é inevitável o fato de é frequente o uso de signos não verbais que aumentem a força argumentativa em uma enunciação. Por essa razão, Barbara e Romualdo (2023, p. 183) atestam que:

para que as axiologias presentes nas relações dialógicas sejam analisadas, as palavras e os símbolos não-verbais precisam ser tomados como signos ideológicos para uma análise discursiva de cunho dialógico. O cronotopo pode, dessa maneira, representar a situação extraverbal imediata de produção de enunciado, bem como seu contexto sócio-histórico de modo mais amplo.

Sob essa perspectiva, verificamos que o cronotopo pandêmico pode ter favorecido o uso de imagens associadas à pandemia, como símbolos de vacinas, medicamentos, morte e vida, com o objetivo de intensificar o jogo de sentidos inerente ao processo irônico.

Conforme Brait (2008, p. 81), a ironia verbal caracteriza-se pela contradição entre dois níveis semânticos ligados a uma mesma sequência significante. Já a ironia referencial, que pode se manifestar por meio de textos não verbais, consiste na contradição entre dois fatos contíguos, ainda que não haja marcas linguísticas explícitas que a evidenciem. No caso de enunciados que

integram linguagem verbal e não verbal, a ironia só pode ser identificada quando esses elementos são compreendidos como uma unidade coerente, na qual certos recursos coesivos operam como instauradores dessa coerência.

O *post* é o gênero discursivo analisado em nossa pesquisa. Barbara e Romualdo (2024) classificam os *posts* como textos que circulam no ambiente digital, produzidos e publicados nas redes sociais. Definem o *post* como um gênero como “todo e qualquer texto publicado em rede social”. Acrescentam ainda a possibilidade de delimitá-lo com uma locução adjetiva que o vincule à rede social a qual se vincula, como em *post* do Facebook, *post* do Instagram, entre outros. Uma particularidade relacionada ao que aqui pesquisamos diz respeito ao fato de que no contexto do Instagram, incorporam-se e ressignificam-se outros gêneros, por exemplo, o comentário, a fotomontagem, a charge. Desse modo, a pesquisa escolhe como objeto de análise fotomontagens, charges, que, de forma geral, serão considerados como elementos constitutivos das postagens. Ressaltamos que os comentários das postagens, mesmo que produzidos por outros interlocutores, são, neste estudo, abrangidos como parte integrante do mesmo *post*. Em suma, na análise de cada postagem, levamos em consideração o enunciado produzido pelo locutor e as respostas a esse enunciado (os comentários) como o mesmo *post*.

Diante da imensa gama de postagens com ou sem legenda, maior ou menor número de comentários, também focalizamos a multimodalidade presente nesses enunciados. Para uma melhor análise, levando em conta todos os aspectos verbo-visuais, foram recortadas postagens com imagens e texto verbal para a identificação da ironia como estratégia persuasiva. Distribuímos, então, os *posts* em dois grupos para posterior categorização. No primeiro, incluímos aqueles com ironia em nível verbal, nos quais o signo “vacina” estava explícito verbalmente. No segundo grupo, o signo linguístico estava ausente, mas a questão vacinal era expressa por meio de imagens, entonações, tamanhos de letra e outros fatores que, por meio do contexto, nos levavam a chegar à tal associação.

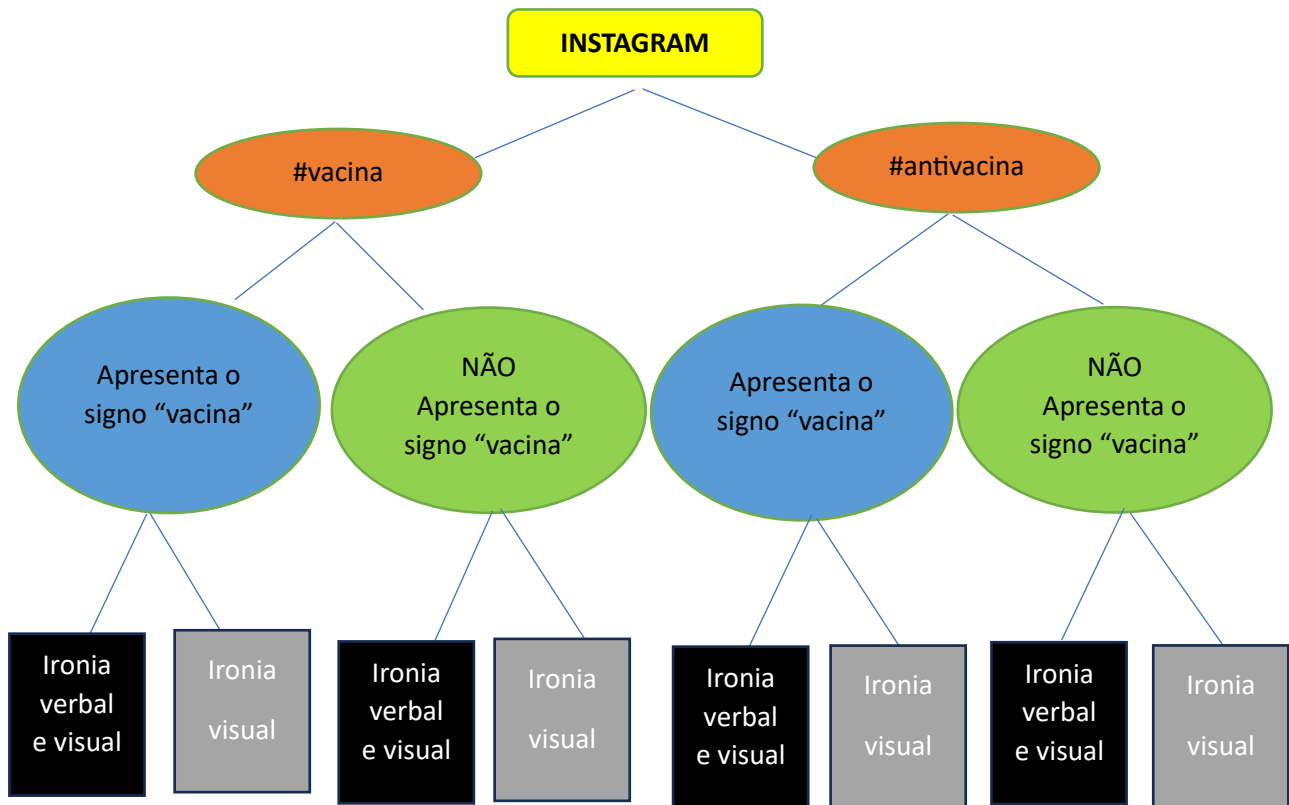
É importante esclarecer que não averiguamos todas as postagens, pois, como explicitamos, esse número foi incontável na busca pela hashtag “vacina”. O trabalho que realizamos foi, ao identificar a ironia, distribuímos as postagens entre os dois grupos já mencionados, encerrando essa procura ao encontrarmos um total de 20 (vinte) *posts* com ironia verbal e o mesmo número com ironia não verbal. Para afunilar ainda mais, foram analisadas as condições de produção que envolveram a enunciação, tais como a autodescrição do locutor, a legenda do enunciado e os comentários dos interlocutores da rede social Instagram. Dessa forma, o total de *posts* pró-vacina somam 40 (quarenta). Por fim, após esse trabalho de análise,

para compor nosso corpus de pesquisa a partir da #vacina foram definidas 3 (três) postagens com ironia verbal e 3(três) com ironia não verbal, que constituem nosso corpus de análise

Os mesmos critérios foram utilizados na busca de postagens pela hashtag antivacina. Embora não nos seja possível afirmar o número exato de *posts* que compuseram o levantamento inicial da pesquisa a partir dessa hashtag, é possível destacarmos que houve maior facilidade em encontrarmos o corpus de análise – 3 (três) postagens com ironia verbal e 3 (três) com ironia não verbal. Isso porque, ao realizarmos a pesquisa, o número de *posts* com teor informativo foi bem menor do que ao pesquisarmos pela hashtag “vacina”. A ironia, tanto em nível verbal, como não verbal, segundo os critérios ducrotianos, era facilmente identificada e, em poucos dias de análise, nos foi possível agrupar as 20 (vinte) primeiras postagens com ironia em nível verbal e as 20 (vinte) primeiras em nível não verbal para posterior análise das condições contextuais.

Para melhor compreensão da categorização dos enunciados, a figura 1 é um fluxograma no qual apresentamos os critérios adotados para a análise das postagens. Pontuamos que a categorização das postagens encontradas se deu segundo os seguintes critérios: I) apresentar ou não o signo linguístico “vacina”; II) ter o sentido irônico produzido a partir da imagem; ou III) ter o sentido irônico produzido a partir da associação entre imagem linguagem verbal. A seleção e organização das postagens ocorreram de acordo com o seguinte fluxograma:

Figura 2: Critérios de categorização das postagens obtidas na rede social Instagram pelas #vacina e #antivacina em julho de 2024.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

Assim, com base na pesquisa realizada no Instagram através das hashtags #vacina e #antivacina, o corpus da pesquisa foi constituído por 40 *posts*, sendo 20 com ironia verbal e 20 com ironia não verbal para cada uma das hashtags. Após a aplicação dos critérios de análise fundamentados na Teoria Polifônica da Enunciação (Ducrot, 1987) e na avaliação das condições de produção, o corpus de análise foi delimitado a 12 *posts*, 6 de cada hashtag, divididos igualmente entre ironia verbal e não verbal.

3.3 Procedimentos para análise

Realizamos a contextualização das postagens para identificar os sentidos produzidos pelos enunciados na rede social Instagram no cronotopo pandêmico. Para isso, analisamos as informações da autodescrição do perfil do locutor do enunciado, a legenda da postagem quando presente e os comentários da publicação. Os comentários são analisados junto à postagem, pois,

embora provenham de locutores diferentes ao do post, consideramos, neste estudo, *post* mais comentário como um mesmo enunciado.

Para analisar o contexto dos enunciados, padronizamos o seguinte quadro (Quadro 3) como instrumento de avaliação:

Quadro 3: Critérios para análise do contexto de produção dos enunciados obtidos pela pesquisa no Instagram pela #vacina e #antivacina

POSTAGEM	LEGENDA	COMENTÁRIOS	AUTODESCRIÇÃO DO PERFIL

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

O Quadro 3 foi essencial para sistematizar a coleta de dados contextuais, permitindo um registro uniforme das informações provenientes de três fontes complementares: a legenda da postagem, os comentários dos usuários e a autodescrição do perfil do locutor. Essa triangulação de fontes viabilizou uma compreensão mais abrangente das condições de produção e recepção dos enunciados, fundamentais para identificar o posicionamento ideológico subjacente e os sentidos irônicos construídos.

Após a contextualização, aplicamos os princípios teórico-metodológicos dos estudos do Círculo de Bakhtin para estudo das postagens. Nessa análise, descrevemos os aspectos linguísticos e os imagéticos a fim de estabelecer relação de sentido a partir do uso dos dois tipos de linguagem em um mesmo enunciado (verbal e imagética). A partir dessa descrição, aplicamos a teoria polifônica da enunciação de Ducrot (1987) para identificar os sentidos irônicos produzidos a partir do cronotopo pandêmico.

Para descrição das postagens, identificação e caracterização da ironia, o quadro 4 será utilizado. Os enunciados serão analisados a partir da descrição dos aspectos verbais, dos aspectos visuais e da relação entre a imagem e os signos linguísticos na construção do sentido irônico.

Quadro 4: Posicionamento ideológico do locutor e dos enunciadorees nas postagens obtidas pela #vacina e #antivacina, de acordo com a teoria polifônica da enunciação de Ducrot.

Posicionamento ideológico do locutor	Posicionamento ideológico do enunciador sério	Posicionamento ideológico do enunciador absurdo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Por sua vez, o Quadro 4 orientou a categorização dos posicionamentos ideológicos identificados, com base na teoria polifônica de Ducrot (1987) e de Passetti (1995). Nele, registramos o papel assumido pelo locutor, bem como as vozes do “enunciador sério” e do “enunciador do absurdo”, conforme manifestados em cada postagem. Esse procedimento foi crucial para sistematizarmos o mecanismo irônico e interpretar o alinhamento discursivo de cada enunciado em relação ao debate vacinal.

Dessa forma, a metodologia aqui detalhada, que articula a contextualização das postagens, a análise multimodal e a identificação polifônica da ironia, constitui a base para a investigação de nossa pesquisa. No próximo capítulo, apresentamos a análise propriamente dita do corpus, aplicando esses procedimentos aos 12 (doze) *posts* selecionados, a fim de demonstrar como ironia foi mobilizada para construir argumentos e persuadir os interlocutores no cenário discursivo da pandemia.

4. ANÁLISE DOS *POSTS*

Neste capítulo, apresentamos os *posts* encontrados a partir da busca pela hashtag *antivacina* e pela hashtag *vacina* na rede social Instagram, publicadas entre março de 2020 e dezembro de 2023, período que denominamos, sob a influência da teoria bakhtiniana, de cronotopo pandêmico. É importante ressaltar, contudo, que a classificação inicial baseada nas hashtags não implica uma adesão automática ou unívoca ao posicionamento que essas tags parecem sugerir. A dinâmica discursiva das redes sociais, marcada pela apropriação, ressignificação e embate de ideias, faz com que seja possível encontrar, por exemplo, publicações pró-vacina associadas à hashtag *#antivacina*, assim como conteúdos críticos à vacinação podem circular sob a hashtag *#vacina*. Desse modo, a análise que se segue leva em conta essa fluidez e complexidade, investigando não apenas o posicionamento explícito, mas também as estratégias enunciativas e os sentidos construídos a partir desse cruzamento de perspectivas.

Selecionadas as postagens irônicas que encontramos nesse levantamento, criamos dois capítulos para melhor entendimento de nossa discussão. Na primeira delas, discorremos sobre o uso da ironia como estratégia argumentativa com o emprego do signo “vacina”, ou similares, como “vacinação”, “vacinar”, “antivacina”, e, na outra, analisamos textos que, embora estejam relacionados à vacinação, não apresentam o signo de maneira explícita. A partir daí, descrevemos os aspectos linguísticos e fazemos relação com as imagens para verificar a influência desses elementos na construção da ironia. Na sequência, fazemos a análise à luz das questões socio-histórico-ideológicas que emergiram e ganharam força no cronotopo pandêmico e discutimos os posicionamentos ideológicos dos enunciadores e as respostas presentes nos comentários dessas postagens como uma maneira de diálogo, conforme pressupõem os estudiosos do Círculo.

4.1 Postagens obtidas pela pesquisa utilizando a hashtag *#antivacina*

Após pesquisa realizada no mês de julho de 2024, na rede social Instagram, com a *#antivacina*, apareceram como resultado da busca as seguintes contas: “gavialliance”, uma associação não governamental pró-vacina, de Bill e Melinda Gates, com 92,8 mil seguidores no momento da pesquisa; a conta “unicef”, da Organização das Nações Unidas para a Infância,

11,5 milhões de seguidores; e a conta “who”, da Organização das Nações Unidas, à época com 11,9 milhões de seguidores. Logo abaixo, encontramos o seguinte link: “See more results – ver mais resultados”, que nos levou às contas particulares, das quais obtivemos o corpus para esta pesquisa.

Lembramos que, em nosso estudo, não incluímos *posts* encontrados em contas de órgãos governamentais e de organizações não governamentais. A opção por contas particulares abertas ao público em geral se deu pois, a nosso ver, seriam fontes com maior recorrência de enunciados irônicos, objetos de nossa análise. Após clicar em “see more results”, foram encontradas mais de mil postagens na data da pesquisa, em julho de 2024. Para a composição de nosso material de estudo, a partir da pesquisa pela #vacina e pela #antivacina, selecionamos as vinte primeiras em cada uma das hashtags, por ordem de surgimento, que apresentavam ironia, segundo a definição de Ducrot (1987).

Cabe destacar que, além dos sentidos irônicos produzidos pelos enunciados, também analisamos o contexto de produção de cada postagem, o que também será descrito na análise. Realizamos essa descrição pois, conforme postula Volóchinov (2017), o enunciado por si só não produz os sentidos em sua totalidade pois o contexto influencia os sentidos produzidos. Dessa maneira, para identificar o posicionamento ideológico do locutor pró-vacina ou antivacina, precisamos, necessariamente analisar o contexto de produção, vinculado ao cronotopo pandêmico, que alterou significativamente os sentidos possíveis para o signo linguístico “vacina” desde o início da pandemia.

4.1.1. *Enunciados da hashtag #antivacina com o signo linguístico “vacina” explícito*

O primeiro *post*, representado pela Figura 3, é uma charge da autoria de Bruno Struzani e foi publicado no dia 24 de dezembro de 2021, momento em que, apesar de, segundo dados do site UOL (G1, 2021), cerca de 80% dos adultos no Brasil já terem sido vacinados contra a covid-19, com pelo menos a primeira dose de vacina, no entanto as crianças ainda não haviam tido a vacinação iniciada. Na charge, uma caricatura do então presidente Jair Messias Bolsonaro mantém um diálogo com a caricatura do ministro da saúde da época, o médico Marcelo Queiroga, a respeito da vacinação contra a covid-19 em crianças.

Figura 3: Bolsonaro e Queiroga⁷



Só tá levando propina pra bancar o genocida

Fonte: Instagram

Na postagem em análise, verificamos a presença de texto verbal e imagético. Há um balão de fala atribuído a Bolsonaro, à frente da presidência da república brasileira no cronotopo pandêmico. Nesse balão, o político expressa uma fala voltada a Marcelo Queiroga, então ministro da saúde, com os verbos “vai”, “dificulta” e “coloca”, todos no modo imperativo, enfatizando que quem realmente decide as atitudes a serem tomadas para o controle pandêmico é o presidente, e não o ministro, tecnicamente habilitado para tal. Nesse enunciado, o ex-presidente assume a imagem do diabo, o que indica o estabelecimento de um diálogo entre dois campos da comunicação humana: o da saúde e o da religião. Esse relação dialógica se dá visto que, desde antes da eleição, um dos lemas de sua campanha era a frase: “Deus, pátria e família”, o que culminou no apoio de entidades cristãs ao então candidato. A vinculação da figura política de Bolsonaro, que se autodenominava como “Messias”, a aspectos religiosos permaneceu forte

⁷ Os títulos das figuras apresentadas neste capítulo foram atribuídos por nós, visto que os *posts* não são titulados na rede social Instagram.

durante seu mandato e é justamente essa associação que fomenta a ironia com efeito pró-vacina que observamos no *post*. O político, que, segundo notícia publicada no site UOL de notícias (UOL, 2022), cresceu depois de ter sido batizado na fé católica, em 2016, quando deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, batizou-se como evangélico e, quando perguntado sobre sua religião, se autodenominava como um híbrido religioso. Esse trânsito entre as religiões garantiu sua associação à religião de maneira geral.

Diante do fato apresentado e da agressividade como característica marcante dos enunciados irônicos, é pertinente que o locutor do enunciado produza o rechaço às atitudes genocidas a partir de um ponto considerado “forte” no governo bolsonorista - a questão da religião. Na Figura 3, o diabo “sopra” a ideia antivacina na orelha de Queiroga, que deveria tomar as decisões aceca do manejo pandêmico. Há uma analogia entre o bem e o mal, o que é muito forte sob o prisma religioso e, o ex-ministro, tentado, pelo diabo Bolsonaro, acaba cedendo ao mal, retomando a relação entre o bem e o mal, enraizada nas religiões de modo geral.

Observamos que a caricatura do ministro aparece de máscara, embora colocada de forma incorreta, pois, o nariz fica de fora da máscara, o que expressa alguma preocupação com a transmissão do vírus, o que seria ainda certa forma de relutância em relação ao mal – incutido em sua mente pelo diabo. As vozes do mal são um gatilho que despertam a já existente falta de autonomia do líder da pasta da saúde no momento crítico da pandemia, além de rechaçar Bolsonaro e seus apoiadores. A imagem de Bolsonaro em forma de demônio com destaque à faixa presidencial verde e amarela ridiculariza sua figura de autoridade tornando-o motivo de riso e estardalhaço para os interlocutores com posicionamento ideológico semelhante ao do locutor, conforme destaca Passetti (1995).

Quadro 5: Descrição da postagem Bolsonaro e Queiroga segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.

DATA DA POSTAGEM	COMENTÁRIOS	DESCRIÇÃO DO PERFIL
24/12/21	1)#Forabolsonarogenocida 2)#Foragovernogenocida 3)Servos do diabo no executivo 4)Assassino. 5)Que horror 6)Lamentável, mas é bem isso mesmo.	Não há maior dádiva de que ter a consciência despertada para perversões que antes ignorávamos.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

A partir das informações que configuram o contexto de produção, identificamos o posicionamento ideológico pró-vacina do locutor do enunciado. O signo linguístico “genocida” presente na legenda e associado à figura de Bolsonaro em forma de diabo remete à ideia de que o posicionamento antivacina do ex-presidente está associado ao “maligno”, ou seja, ao que não é bom. Os comentários reforçam a referida associação, além de disporem de outros signos como “assassino” e “horror”, também relacionados à figura do político e sua conduta frente ao manejo da pandemia. Quanto à autodescrição no perfil do locutor, inferimos que a expressão “consciência despertada para perversões que antes ignorávamos” pode ser aplicada ao cronotopo pandêmico, em que o sentido do signo “vacina”, anteriormente associado ao benefício à saúde das pessoas, ganha conotação negativa em nome da defesa da postura governista antivacina.

Quadro 6: Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Bolsonaro e Queiroga.

Posicionamento ideológico explícito (enunciador absurdo)	Posicionamento ideológico implícito (enunciador sério)	Posicionamento ideológico locutor irônico do enunciado
O então ministro da saúde Queiroga deve colocar a vida de milhares de crianças em risco, dificultando a vacinação.	Bolsonaro e Queiroga não deveriam dificultar a vacinação e nem colocar a vida de crianças em risco por esse motivo.	Pró-vacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Há uma polifonia de enunciadores na postagem, segundo a teoria polifônica da enunciação de Ducrot (1987). Ao analisarmos os comentários e a legenda da postagem, descritos no Quadro 5, verificamos que esses enunciados são concordantes com uma ideologia implícita no enunciado. Posto no enunciado pelo locutor está a recomendação bolsonarista ao ministro de colocar a vida de milhares de crianças em risco é realmente o que deve ser feito e que o Bolsonaro é um diabo com chifres, vestes vermelhas e orelhas animais, o que, no mundo material é, de fato, impossível. Esses signos não verbais demonstram a existência de uma voz específica de um enunciador absurdo, como também atesta Passetti (1995).

Além disso, os signos “propina” e “genocida” da legenda complementam o sentido produzido de que o que o locutor realmente acredita que Queiroga se beneficiou de propina para sustentar as atitudes genocidas de Bolsonaro em relação ao enfrentamento da pandemia, especificamente ao dificultar a aquisição das vacinas. A outra voz existente no enunciado é, por fim, a do enunciador sério, cujo posicionamento ideológico é aquele com o qual o locutor se

identifica. A análise do enunciado em questão também confirma o que é defendido por Passetti (1995), ao destacar que o locutor não se responsabiliza pelo que está posto, o que chamamos aqui de enunciador absurdo.

Outro ponto pertinente à discussão é a expressão do signo ideológico “vacinação” na postagem. A expressão desse signo por Bolsonaro no dia 24 de dezembro de 2021, na rede social Instagram, tem um tom valorativo diferente de quando esse termo era expresso anteriormente à pandemia. Esse fato ilustra a afirmação de Bezerra e Menegassi (2021), de que o contexto de produção é determinante na axiologia de um signo dentro de um enunciado. O termo “vacinação” no contexto em que foi produzido o enunciado, junto aos aspectos não verbais da postagem no contexto político e social decorrentes da covid-19, conferiu ao enunciado uma entonação discursiva política e ideológica, embora a vacinação se trate de uma ação concernente à área da saúde e a vacina um simples insumo farmacêutico capaz de produzir imunidade em relação a um vírus. Nesse âmbito, pela valoração do signo em meio ao cronotopo pandêmico, o signo “vacinação” assume um sentido e valor totalmente diferente do que quando visto em outro contexto. No *post* Bolsonaro e Queiroga (Figura 3), o signo “vacinação” é utilizado como um meio de coagir Queiroga a ocasionar a morte de crianças como uma estratégia política que favoreça o então presidente.

Em nossa análise, podemos confirmar as afirmações dos autores que discutem a ironia, ao reafirmar que ela não é apenas uma figura de linguagem, uma antífrase, em que se dizia A para dizer não-A. Contrariamente a essa tese, configura-se uma estratégia discursiva para a argumentação textual e a persuasão dos interlocutores que conta com elementos de textuais e extra-textuais inseparáveis do contexto da enunciação. Na visão dos estudiosos do Círculo, além de corresponder ao contexto, o cronotopo é a “porta de entrada” para a produção dos sentidos. Na postagem Bolsonaro e Queiroga (Figura 3), fica evidente a aplicação desse pressuposto bakhtiniano, uma vez que anterioriente à março de 2020, período em que a pandemia de coronavírus ganhou dimensão expressiva no Brasil, seria pouco provável que um leitor produzisse os mesmos sentidos ao enunciado se deparar com o enunciado em análise.

A rede social Instagram, no cronotopo pandêmico, configura-se como um microcronotopo, visto que nesse lugar há uma profusão vários discursos possíveis. Podemos considerá-lo, como “arena discursiva”, termo apropriado a partir da Teoria Dialógica do Discurso, resultado dos estudos de Bakhtin e seu Círculo. Na Figura 3, no *post* em análise, há uma disputa de poderes em torno do signo vacinação. O locutor, com seu posicionamento

ideológico pró-vacina, utiliza a ironia como estratégia argumentativa para se juntar ao interlocutor com mesmo posicionamento, sugerindo que a não vacinação levará à morte de milhares de crianças. O enunciado atua como elo em uma cadeia discursiva, dialogando com outros enunciados com posicionamento coincidente ou diverso, marcando um diálogo entre vozes sociais, conforme o pressuposto do dialogismo, definido pelos estudiosos do Círculo. No enunciado, a ironia lança mão de relações dialógicas com o campo da religião ao colocar Bolsonaro como demônio. Há uma contradição evidente para o interlocutor no absurdo ao associar uma figura que se diz cristã, como a do ex-presidente, a alguém com comportamento contrário ao cristianismo por não querer salvar a vida das crianças por meio da vacina.

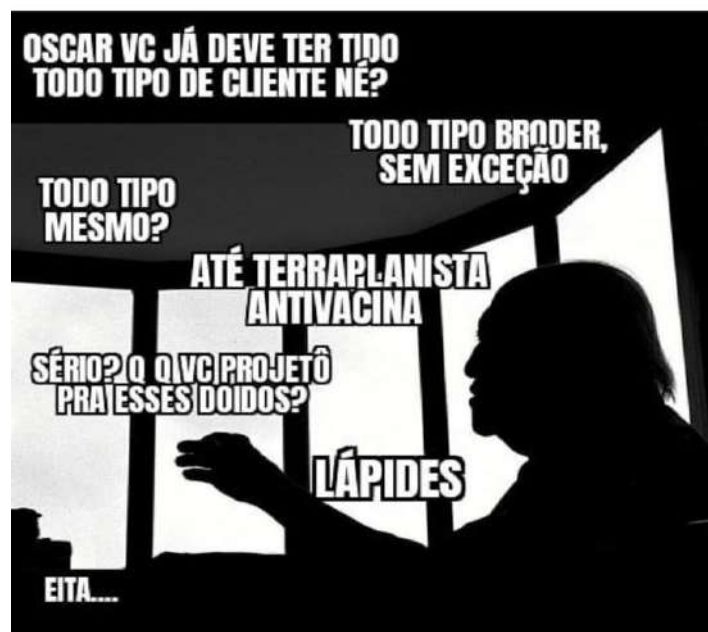
É possível compreendermos, pela Análise dialógica do discurso (ADD), este enunciado como um elo significativo na cadeia discursiva do cronotopo pandêmico, onde a ironia opera como estratégia de mobilização ideológica. A apropriação criativa do gênero *post* do Instagram, articulando verbal e visual, mostra como o microcosmo dessa rede social se constitui como arena de disputas simbólicas, na qual signos como "vacina" e "genocida" são ressignificados em meio aos embates políticos. A efetividade do discurso irônico quanto à argumentação e persuasão do interlocutor reside justamente na maneira como o locutor, ao subverter expectativas e mobilizar um repertório compartilhado de críticas ao governo, consegue ativar no interlocutor a identificação com o enunciador sério, reforçando, pelo humor e pela crítica, uma visão de mundo específica. Assim, confirma-se que a ironia, longe de ser mero recurso retórico, é uma prática discursiva profundamente dialógica, que só alcança plenitude de sentido quando ancorada nas condições sócio-históricas e no jogo de vozes que caracterizam seu contexto de produção.

No *post* a seguir (Figura 4), intitulado por nós como “Lápides e antivacinas”⁸, identificamos uma imagem que se assemelha ao perfil do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer. Na charge, o suposto “Oscar” conversa com vozes não identificadas sobre os clientes que o arquiteto já teve em vida. No diálogo, uma das vozes sugere que Niemeyer tenha projetado lápides para um suposto cliente terraplanista antivacina, o que fez com que o *post* fosse incluído em nosso corpus de análise. A postagem foi publicada no dia 21 de dezembro de 2021, em um

⁸ Oscar Niemeyer foi um renomado arquiteto e urbanista brasileiro, um dos maiores nomes do modernismo mundial, conhecido por suas obras icônicas marcadas por formas curvas e o uso inovador do concreto armado. Ele projetou mais de 600 obras no Brasil e no exterior, incluindo a sede da ONU em Nova York e o planejamento urbanístico de Brasília. É importante lembrar o fato de que a morte de Niemeyer ocorreu no ano de 2012, quase 8 anos antes do início da pandemia. Desse modo, o urbanista não teve envolvimento nas questões discursivas no cronotopo pandêmico. Sua imagem foi utilizada pelo locutor do enunciado mesmo que não tenha tido relação com a epidemia de coronavírus.

contexto no qual o Brasil, diante de uma possibilidade de relaxamento das medidas preventivas da covid-19, presenciava o registro de uma segunda onda de novos casos da doença, finalizando o mês com mais de 18 mil mortes, o maior número de mortes mensais observados desde o início da pandemia (Pinheiro, 2020). Esse aumento do número de mortes ocorreu no mesmo mês que Bolsonaro se destaca negativamente pela afirmação “se virar jacaré, o problema é seu”, o que ilustra o descaso total do governo em relação à situação sanitária.

Figura 4: Lápides e antivacinas



Todo dia um antivacina falando merda

Fonte: Instagram

No *post* apresentado, o locutor utiliza linguagem verbal e não verbal para expressão de seu posicionamento pró-vacina. Há a imagem de uma sombra que é chamada por alguém de “Oscar”, sugerindo uma relação com o arquiteto urbanista Oscar Niemeyer, que projetou Brasília. Assim, Niemeyer representa, metonimicamente, a cidade onde está a base do governo brasileiro. Há um diálogo entre uma sombra de um homem situado no canto inferior esquerdo do *post* e a sombra do arquiteto. A sombra questiona Oscar sobre os tipos de clientes por ele já atendidos e tem como resposta de que os antivacinas estão entre os clientes atendidos e que, para essas pessoas, o profissional realiza projeção de lápides.

Quadro 7: Descrição da postagem Lápides e antivacina segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.

DATA DA POSTAGEM	COMENTÁRIOS	DESCRIÇÃO DO PERFIL
21/12/2020	Sem comentários	Curvas, ousadia e alegria

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

É possível inferir desse enunciado que ser antivacina aumenta as chances de morrer precocemente, uma vez que, do ponto de vista do locutor e do enunciador sério, não tomar vacina pode levar à doença, que pode resultar na morte. Identificamos a ironia do enunciado a partir do conhecimento prévio de que Oscar Niemeyer, arquiteto renomado brasileiro, tornou-se especialista em arquitetura moderna, sem nenhuma relação com lápides. Portanto, afirmar que o arquiteto projetava lápides para os antivacina, como posto, é um dizer absurdo. A legenda que faz a descrição do enunciado pelo próprio locutor que atribui aos antivacinas a atitude de “todo dia dizer merda” também aponta para uma contradição entre o que está posto e o posicionamento ideológico do locutor na produção de um enunciado irônico, conforme atesta Ducrot (1987).

Quadro 8: Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Lápides e antivacina.

Posicionamento ideológico explícito (enunciador absurdo)	Posicionamento ideológico implícito (enunciador sério)	Posicionamento ideológico locutor do enunciado
Os clientes antivacina de Oscar Niemeyer contratam seus serviços para a projeção de lápides.	Pessoas que não tomam vacina precisam de lápides pois têm maior chance de morrer de covid-19.	Pró-vacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Na Figura 3, as cores utilizadas indicam um contexto sombrio que pode ser relacionado à morte. O nome próprio “Oscar” estabelece uma relação do enunciado com o arquiteto Oscar Niemeyer, falecido em 2012, oito anos antes do início da pandemia de covid-19. A associação do signo lápide às cores utilizadas e à figura de alguém já falecido remete à ideia de que a morte está próxima, especialmente no momento em que o interlocutor de Oscar menciona os termos “antivacina” e “terraplanista”, representativos de pessoas pertencentes a grupos que negam a ciência.

Há na charge uma manifestação de posicionamento político-ideológico, visto que o movimento terraplanista está associado à figura de Jair Bolsonaro. A inclusão dos termos

“antivacina” e “terraplanista” no mesmo período, associados ao adjetivo “doidos”, presente no período seguinte, atribui o valor axiológico dado pelo locutor do enunciado às pessoas que seguem as referidas correntes. A expressão “eita”, proveniente do interlocutor de Oscar, indica surpresa diante da relação de lápide ao fato de ser antivacina, expressa pelo já falecido arquiteto.

A data da publicação, dia 20 de dezembro de 2020, a coloca como enunciado do cronotopo pandêmico. Anteriormente a esse período, a junção dos termos “antivacina” e “terraplanista” e sua relação a um adjetivo pejorativo, como “doidos”, presente na postagem, produziria outros sentidos no leitor, pois vacinação e terraplanismo pertenciam a campos do cotidiano totalmente diversas. No entanto, o cronotopo pandêmico coloca os dois signos em um mesmo campo com viés ideológico contrário ao que defendem os seguidores de Bolsonaro. Indiretamente, o *post* chama de doidos os seguidores do então presidente, dialogando com aqueles de ideologia semelhante, rechaçando todos os antivacinas e terraplanistas, performando o triângulo composto pelo locutor, enunciador absurdo e enunciador sério, próprios da ironia.

Além disso, podemos confirmar a ideia de Lemke (2012), que atesta que a linguagem visual não apenas complementa a linguagem verbal, como também multiplica os seus sentidos, ao relacionarmos o perfil facial de Niemeyer ao nome “Oscar” e o ato de projetar lápides. Se não houvesse no *post* a imagem, é provável que o interlocutor demorasse a associar o nome “Oscar” à projeção de lápides, visto que esse não era o seu ofício, mencionado pelo enunciador absurdo. A entonação discursiva também se mostra na Figura 4, pois a linguagem coloquial utilizada pela expressão dos termos “bróder”, “projeto pra esses doidos”, compele o leitor a inferir a que as “lápides” não são nada sério e a questão vacinal não é importante. Pressupomos uma relativização da pandemia e da necessidade de vacina pelo interlocutor de Niemeyer, utilizando um tom de brincadeira para tratar de um assunto sério.

Dessa forma, “aceitar a entonação valorativa como elemento inerente ao enunciado, obriga o sujeito, na condição de leitor, a considerá-la na produção de sentido” (Silva e Menegassi, 2020, p. 841). O tom irônico e coloquial empregado pelo locutor dialoga com o leitor, levando ao entendimento de que, de acordo com o enunciador sério, pessoas que não tomam vacina precisam de lápides pois têm maior chance de morrer de covid-19 e esse fato tem sua importância diminuída pelos antivacina, alvos da ironia do *post*.

Vemos, neste *post*, a ironia como estratégia discursiva no microcronotopo do Instagram, arena privilegiada de embates ideológicos no macrocronotopo pandêmico. A articulação entre os elementos verbais e visuais (as cores sombrias, a figura de Niemeyer, a menção às lápides) multiplica os sentidos, potencializando o caráter polifônico do enunciado, no qual o locutor, ao

se distanciar do enunciador absurdo, constrói uma crítica sarcástica aos movimentos antivacina. A eficácia persuasiva do *post* reside na forma como recupera um repertório compartilhado de referências (Niemeyer, terraplanismo, a associação morte/antivacina) para, pelo riso e pelo absurdo, reforçar a adesão ao posicionamento pró-vacina. Assim, a ironia, enquanto fenômeno dialógico, só alcança plenitude de sentido quando ancorada nas condições sócio-históricas específicas do cronotopo pandêmico, onde signos como "vacina" e "lápide" são ressignificados em meio às disputas políticas que marcaram esse período. Há, nesse *post*, um diálogo no campo do capital, uma vez que o locutor do enunciado, com ideologia pró-vacina, faz uma crítica aos clientes de Niemeyer, pessoas com elevado poder aquisitivo, comprometidas com a negligência governamental no enfrentamento da pandemia, que tem como resultado o enriquecimento dos empresários que tentavam impedir ações sanitárias como o isolamento social e o uso da máscara, tendo em vista sua intenção de minimizar os efeitos do período pandêmico.

O próximo *post* (Figura 5), uma charge da autoria de FMaia, intitulado por nós como “Bolsonaro, jacaré e 100 anos de sigilo”, é uma charge que apresenta uma caricatura de Jair Bolsonaro com várias características corporais que se assemelham a de um jacaré: patas ao invés de mãos e pés, pescoço verde com escamas e também rabo do réptil. Há também texto verbal, que representa uma fala do presidente, fazendo menção aos 100 anos de sigilo sobre conteúdos de documentos públicos, sancionados pelo político durante seu mandato, nos dias que antecederam a publicação.

O *post* foi publicado no dia 08 de janeiro de 2021, menos de um ano após o início da pandemia de coronavírus no Brasil. Nesse período, de acordo com o Instituto Butantan de Notícias, o Brasil havia recém atingido a marca de 200 mil mortos pela pandemia, ficando em segundo lugar no número de mortos, apenas atrás dos Estados Unidos. A menção aos cem anos de sigilo é feita nesse momento específico, pois, no dia anterior à postagem, 7 de janeiro de 2021, o Palácio do Planalto havia declarado 100 anos de sigilo sobre a carteira de vacinação de Bolsonaro. Cabe destacar que cerca de um mês antes da publicação, no dia 17 de dezembro de 2020, o político, em um evento de Porto Seguro, na Bahia, ao comentar sobre a vacina contra a covid-19, proferiu: “se virar jacaré, é problema seu” (G1, 2020).

Figura 5: Bolsonaro, jacaré e 100 anos de sigilo



E ainda vai ter imbecil que não vai se vacinar achando que ele também não se vacinou... O gado merece ser enganado mesmo... O problema é ferrar todo o plano de imunização por causa disso...

Fonte: Instagram

A ironia, nessa postagem, é marcada pela escolha lexical de termos contraditórios associados à imagem de Bolsonaro sorrindo, com as mãos e pés substituídos por membros superiores e inferiores de jacaré. A contradição se dá entre a frase “não tenho nada a esconder” e o sintagma “sigilo de cem anos padrão”. Os signos “nada” e “sigilo” causam a contradição do enunciado irônico, pois se Bolsonaro não tivesse algo a esconder, provavelmente não precisaria manter sigilo em relação à sua vacinação. O enunciado foi publicado em um cenário de caos pelo aumento de mortes casadas pela covid-19 simultâneo às falas do político que desincentivavam a compra de vacinas no país e colocavam em dúvida a eficácia vacinal.

A imagem do ex-presidente com formas de jacaré demonstra uma contradição expressa pela linguagem visual, visto que se Bolsonaro, que explicitamente se posiciona contrariamente à vacina. Além disso, o ex-presidente utiliza a questão do sigilo como uma estratégia de disfarce do fato de ter tomado a vacina, apresentado pelo locutor ao mostrar ao interlocutor a transformação do político em jacaré que, segundo ele mesmo, seria efeito esperado da vacinação anticovid. A expressão “quem nunca”, expressa pela caricatura de Bolsonaro, traz à

postagem uma regularidade linguística frequentemente encontrada nos *posts* que faziam menção ao político no cronotopo pandêmico. O emprego de uma afirmação seguido da expressão “quem nunca” produz o sentido de justificar atitudes de baixo valor moral, como o fato de esconder, com sigilo de 100 anos, o fato de ter tomado vacina, dando destaque à contradição irônica presente na própria expressão. O site de notícias Carta Capital publicou, em setembro de 2021, outra fala da autoridade em que utiliza o sintagma “quem nunca”. Ao declarar achar desnecessário regulamentar a remoção de notícias falsas das redes sociais no Brasil, Bolsonaro faz a seguinte comparação quando questionado pelo jornalista: “Fake news faz parte da vida. Quem nunca contou uma mentirinha para a namorada?” (CARTACAPITAL, 2021). Há uma contradição discursiva, potencializada pelo texto imagético, conforme destaca Lemke (2010), ao dizer que o texto visual não apenas aumenta os sentidos do texto verbal, como também multiplica os seus sentidos.

Quadro 9: Descrição da postagem Bolsonaro, jacaré e 100 anos de sigilo segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.

DATA DA POSTAGEM	COMENTÁRIOS	DESCRIÇÃO DO PERFIL	POSICIONAMENTO
08/01/21	1) Reptilionaro 2) Fui obrigada a tomar...uma merda...país de merda 3) Eu não tomei 4) Boa sorte pra quem está tomando essas bombas!!!	Cirurgião dentista com 40 anos de experiência na área.	PRÓ-VACINA

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

É possível identificar posicionamento pró-vacina do locutor devido à expressão do substantivo “imbecil”, ao se referir às pessoas que não tomam vacina por acharem que “ele” também não se vacinou. Além disso, utiliza o substantivo “gado” para se referir aos seguidores bolsonaristas, remetendo a eles a ideia de que não pensam por si e apenas fazem o que as outras pessoas fazem, a partir do que dita o político. No governo de Bolsonaro, especificamente no cronotopo pandêmico, a palavra “gado” desempenha função de signo ideológico pois deixa de ser uma menção única e exclusiva a um animal que vive em manada para, além de se referir aos seguidores de Bolsonaro, caracterizá-los como seres pouco pensantes, que realizam atitudes absurdas, como não tomar vacina, apenas para andar com a “manada”, que em sentido figurado,

representa os bolsonaristas em geral. Portanto, a partir do signo ideológico “gado”, é possível inferir que o posicionamento do locutor é pró-vacina.

Ao analisarmos a legenda e os comentários que contextualizaram a figura 4 na rede social Instagram, observamos que houve um comprometimento no entendimento dos interlocutores acerca do *post* em análise. No primeiro comentário, o usuário da rede comenta o *post* com o neologismo “Reptilionaro”. Há, nesse comentário, ideologia que coincide com a do produtor do enunciado, pois o interlocutor demonstra perceber a contradição no enunciado, ao combinar a palavra “réptil” ao nome de Bolsonaro, por meio da palavra-valise “Reptilionaro”⁹. Seguindo a perspectiva do enunciador sério, o uso da palavra-valise faz crer que o político tomou a vacina e virou jacaré, conforme sua própria fala proferida no evento da Bahia. No entanto, nos comentários 2, 3 e 4, identificamos o substantivo “merda” (comentário 2), fazendo menção à vacina, o registro de não ter tomado (comentário 3) e o uso do sintagma “essas bombas” (comentário 4), fazendo também menção às vacinas. Tais comentários colocam-se ideologicamente contrários à posição do locutor do enunciado, podendo indicar o não entendimento da ironia por esses interlocutores da postagem, como também um posicionamento contrário em relação à orientação argumentativa, conforme apregoa Passeti (1995) sobre a recepção irônica.

Quadro 10: Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Bolsonaro, jacaré e 100 anos de sigilo.

Posicionamento ideológico explícito (enunciador absurdo)	Posicionamento ideológico implícito (enunciador sério)	Posicionamento ideológico locutor do enunciado
Bolsonaro não precisa esconder a carteira de vacinação, mas mesmo assim determinou sigilo de 100 anos e virou jacaré.	Bolsonaro pede 100 anos de sigilo para a carteira de vacinação para esconder o fato de ter se vacinado. Uma prova disso é o fato de ter virado jacaré.	Pró-vacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

O locutor joga com as ideias e palavras contraditórias expressas pelo ex-presidente em relação à questão vacinal. No *post* em análise, a vítima do rechaço é qualquer pessoa que se enquadre no perfil de “gado”, ou seja, aquela que acredita piamente que Bolsonaro não tomou a vacina e que, por suposta falta de capacidade crítica, também não vê motivo para o ex-presidente solicitar sigilo sobre sua vacinação. Conforme expresso na legenda, esse eleitor, denominado pejorativamente de “gado”, tampouco cogitaria a possibilidade de Bolsonaro

⁹ "Palavra-valise" é um termo usado em linguística para descrever uma palavra criada a partir da fusão de duas ou mais palavras.

“estar virando jacaré” por ter tomado o imunizante, uma vez que aceita de forma acrítica tudo o que seu líder afirma.

As informações contextuais foram essenciais para identificar o posicionamento do locutor, conforme defendem os estudiosos do Círculo de Bakhtin. Como vimos, para eles, o cronotopo, em suas dimensões de tempo e espaço, funciona como porta de entrada para a produção de sentidos. Para compreender os sentidos da postagem, era necessário que o leitor tivesse acesso tanto às falas do então presidente quanto às notícias sobre os 100 anos de sigilo, divulgadas dias antes da publicação da charge.

Verificamos que esse *post* articula verbal e visualmente uma crítica irônica ao então presidente Jair Bolsonaro. A representação híbrida do político como jacaré, associada à sua declaração anterior “se virar jacaré, é problema seu”, contrasta com a afirmação textual “não tenho nada a esconder”, mostrando a contradição entre o discurso público e a imposição de sigilo centenário à sua carteira de vacinação. Estabelece-se uma relação dialógica no campo da política, pois, Bolsonaro sempre se apresentou como um político honesto, contrário a uma gama imensa de corruptos. A ironia mobiliza relações dialógicas no sentido de colocar em dúvida tais afirmações do líder de extrema direita. Essa dissonância constitui o núcleo da estratégia irônica, onde o locutor, através do enunciador absurdo, explicita o paradoxo entre a transparência declarada e a ocultação documental.

Em relação especificamente à linguagem verbal, a legenda do *post* demonstra o posicionamento pró-vacina do locutor ao classificar como “imbecil” e “gado” aqueles que seguem o negacionismo vacinal bolsonarista. O signo ideológico “gado”, ressignificado no cronotopo pandêmico, opera como marcador axiológico que desqualifica a adesão acrítica ao discurso presidencial. A recepção polifônica nos comentários explicita tanto a compreensão da ironia (como no neologismo “Reptilionaro”), quanto a resistência de vozes contrárias à vacinação, confirmando que a eficácia da ironia depende de compartilhamento de pressupostos contextuais, conforme previsto por Passetti (1995).

Os três enunciados analisados neste subitem demonstram consistentemente como a ironia em *posts* com o signo “vacina” explícito, na hashtag #antivacina, opera como instrumento de crítica política e mobilização ideológica pró-vacina. Por meio de diferentes estratégias, como a caricatura de Bolsonaro como diabo, a associação Niemeyer/lápides e a metamorfose do então presidente em jacaré, os locutores constroem um discurso que desestabiliza o negacionismo às vacinas pela exposição do absurdo inerente. O ex-presidente e seus apoiadores são sistematicamente representados como figuras ridicularizadas, cujas ações e discursos são

desmontados pela ironia. O discurso acerca da vacina não se faz exclusivamente com diálogos no campo da ciência. Como vimos nas figuras acima, essas relações dialógicas perpassam o campo religioso, político e financeiro, respectivamente.

A polifonia manifesta-se na constante articulação entre o enunciador absurdo, que explicita as contradições do bolsonarismo, e o enunciador sério, que defende a vacinação como imperativo ético e sanitário. A eficácia desses enunciados depende intrinsecamente do cronotopo pandêmico, no qual signos como “gado”, “genocida” e “jacadé” adquirem valoração específica, e do domínio compartilhado de informações contextuais pelos interlocutores. Nos casos analisados, a ironia vai além da busca pelo humor, constituindo-se como ferramenta discursiva de intervenção política no debate público sobre vacinas, instituindo o Instagram como arena onde se travam batalhas ideológicas através do riso e do destronamento de figuras políticas poderosas (Romualdo, 2000).

4.1.2. *Enunciados da hashtag #antivacina sem o signo “vacina” explícito*

Neste capítulo, os *posts* apresentados foram selecionados, como vimos mostrando, a partir do contexto sócio-histórico emergente no cronotopo pandêmico da covid-19. São apresentados aqui posts que não tenham explícito o signo “vacina”. É importante destacar que o governo brasileiro à época se opunha à aquisição de vacinas, seja para não gastar com esses insumos, seja para negar a existência de um problema de saúde pública que, para ser enfrentado com eficácia, exigiria que medidas efetivas fossem realizadas, desconectadas de privilégios políticos e “alianças” comerciais que levassem ao enriquecimento de poucos. Para que tais ações fossem realizadas, seria necessário um plano de contingência para a doença tratado com seriedade, o que é praticamente impossível em um meio em que interesses próprios prevalecem em relação ao interesse da sociedade.

Dessa maneira, para que os problemas relacionados a uma gestão ineficiente fossem disfarçados, foram utilizadas estratégias discursivas para convencer o público em geral que a vacinação anticovid – única medida eficaz contra a doença comprovada pela Ciência – não era necessária. Para isso, mitos como a existência de microchips no conteúdo vacinal e até mesmo uma substância que transformasse humanos em jacarés foram criados para fazer com que esse insumo fosse desacreditado. Assim, encontramos diversos *posts* que não mencionavam explicitamente o signo ideológico “vacina”, mas que indiretamente levavam as pessoas a crenças negativas quanto à questão da vacinação. A Figura 6, a qual intitulamos “Máscaras e

chip”, é um exemplo desse tipo de postagem, na qual o locutor utiliza o recurso argumentativo da ironia ao fazer um questionamento sobre a necessidade de “chip” para fazer compras em supermercados em 2026. Não há menção ao signo “vacina”, porém, para que o leitor entenda o sentido produzido pelo *post*, deve ser subentendido que o chip será veiculado por meio da vacina.

Figura 6: Máscaras e chip



◆ (IMAGEM 1) ● 16: A todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, faz que recebam uma marca na mão direita, ou na frente, ● 17: para que ninguém pudesse comprar ou vender, senão aquele que tinha a marca, ou o nome do animal poderoso, ou o número do seu nome. ● 18: Aqui há sabedoria. A pessoa que tem entendimento, calcule o número do animal poderoso; porque é o número de homem, e o seu número é seis, seis e seis . - 📖
(Livro das Revelações - 13:16 -18)

◆ (imagem 2) → O flautista de Hamelin ↷

◆ (imagem 5) → E o GADO acha que uma simples máscara é capaz de "prevenir" alguma coisa... Acorda! O que você está usando é uma FOCINHEIRA DE ESCRAVO(A) , é um símbolo de submissão, controle e escravidão. Absolutamente ninguém na sociedade é livre de verdade ! !

Ficar todo o tempo com máscara só TE PREJUDICA, pois acaba respirando GÁS CARBÔNICO que prejudica o pulmão!

ACORDEM ! !

Fonte: Instagram

Na imagem acima, verificamos um enunciado publicado na rede social Instagram no dia 20 de maio de 2020, aproximadamente dois meses após o diagnóstico do primeiro caso de covid-19 no Brasil. A imagem é dividida em duas partes, sendo que na primeira, há um homem

jovem utilizando boné preto, fone e luva preta com roupa semelhante a de um vigia dentro de um supermercado. O homem segura um walkie talkie na mão esquerda com um fone e a diferença entre as duas partes que têm a mesma imagem é que, na primeira, ele está utilizando uma máscara e, na segunda, está sem a máscara.

Na linha que separa as duas imagens, há uma faixa preta com letras em amarelo em que está escrito: “NÃO PODERÁ COMPRAR NEM VENDER”. Acima desse dizer, em branco, consta “2020” e, logo acima, em verde, “SEM MÁSCARAS, NÃO”. Abaixo da frase em amarelo, consta o ano de “2026” e, abaixo, em verde o dizer: “SEM O CHIP, NÃO”. O que se infere do enunciado absurdo, que está posto, é que em 2020 não é possível comprar e vender no mercado sem utilizar máscaras, ao passo que, em 2026, não será possível essa relação comercial sem que os clientes estejam com chip, associado, na pandemia de covid-19, ao uso da vacina, segundo aqueles com ideologia antivacina. O emprego do verbo no modo imperativo no sintagma: “não poderá comprar nem vender” produz sentido de ordem, remetendo ao cerceamento do direito à liberdade de escolha de não tomar vacina. Ou seja, quem não estiver com o chip, não poderá fazer coisas rotineiras, como ir ao supermercado.

Quadro 11: Descrição da postagem Máscara e chip segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.

DATA DA POSTAGEM	DESCRIÇÃO DO PERFIL	POSICIONAMENTO
20/05/2020	Blogueiro(a)  Cristão Conservador Desperto  → "A visão é inútil quando a mente é cega". Vamos despertar e expandir a dimensão da mente?	Antivacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

No Quadro 11, na coluna “legenda”, identificamos comentários do locutor do enunciado apontam para um entendimento de que há questões conspiratórias relacionadas ao incentivo vacinal. Esse sentido pode ser produzido a partir do signo “Livro das revelações”, que faz menção ao livro bíblico do Apocalipse, relacionado por muitos cristãos ao anúncio do fim dos tempos. Embora o signo ideológico “vacina” não tenha sido mencionado na postagem em si, o locutor o indica na legenda de sua postagem logo após citar versículos do livro apocalítico, ao

redigir o número “seis” três vezes. Para muitos cristãos, esse número relaciona-se à imperfeição e à besta, ou seja, ao demônio, que vem em forma de vacina para arrebatar os povos. Esses dizeres marcam um forte diálogo no campo religioso, quando o autor cita versículos bíblicos para defender seu posicionamento ideológico.

Outra relação dialógica feita pelo locutor se dá ao incluir na legenda o título do conto “O flautista de Hamelin”. Na narrativa citada, um flautista chega a uma cidade, convidado a utilizar sua flauta para acabar com uma infestação de ratos. No entanto, depois de ter acabado com infestação de ratos, a cidade se recusou a pagá-lo, o que levou, além do sumiço dos ratos, ao sumiço de todas as crianças daquele lugar. No cronotopo pandêmico, é possível afirmar que há, na postagem, especificamente pela leitura da legenda, uma associação da vacinação ao fim dos tempos e ao extermínio das crianças, como houve também na história referida. Esse achado corrobora o que atesta Passetti (1995), ao afirmar que a ironia ultrapassa os limites da frase, uma vez que necessita para seu entendimento, que o interlocutor conheça o contexto de produção. No corpus em análise, as informações contextuais apresentadas no Quadro 11 contribuem significativamente para produção do sentido irônico. O conhecimento prévio do interlocutor também é imprescindível para que ocorra a persuasão que se busca pela produção do enunciado irônico. O leitor que não conhece o conteúdo e os significados do livro apocalíptico citado e do clássico escrito pelos Irmãos Grimm não conseguirá produzir o sentido pensado pelo locutor.

Além das informações destacadas, há, na legenda, o uso de verbos no imperativo, como “acorda” e “acordem”, sendo, o segundo, conjugado no plural produzindo o sentido de que o locutor do enunciado dialoga com uma coletividade. Esses verbos são empregados para indicar ao leitor a necessidade de se atentar aos perigos oferecidos pela vacina, segundo o locutor. A palavra “gado” em letras maiúsculas chama a atenção visto que esse substantivo é utilizado pela esquerda para fazer menção aos seguidores bolsonaristas, frequentemente refratados pela ideologia antivacina propagada pelo político. Contudo, há uma entonação valorativa irônica, pois, quem a emprega é justamente um “Blogueiro Cristão Conservador Desperto”. Para Silva e Menegassi (2022, p. 842), “a entonação é concebida como uma imagem mental da voz, que ressoa no interior da mente do indivíduo”. Nesse sentido, o signo “gado” aqui utilizado não faz menção aos bolsonaristas antivacina, mas sim às pessoas que tomam vacina. O locutor do enunciado atribui esse termo às pessoas que acreditam que utilizar máscara irá prevenir a infecção pelo coronavírus no sentido de que são pessoas que não pensam e apenas “seguem o fluxo”. Houve uma apropriação do termo para rechaçar os indivíduos com posicionamento pró-

vacina, característica própria do enunciado irônico, conforme destacam Ducrot (1987) e Brait (2008).

A menção à crença do locutor, que ganha destaque na autodescrição, conforme o Quadro 11, demonstra a relação da religião com a ideologia antivacina. Mencionar essa questão não é uma escolha aleatória do locutor visto que o ex-presidente, em seus discursos, frequentemente se auto-associava a grupos religiosos como forma de ganhar força política. Dessa maneira, no governo Bolsonaro, especialmente no cronotopo pandêmico, autodenominar-se cristão significava autodenominar-se bolsonarista e antivacina. Essa afirmação não significa afirmar que todos os cristãos são antivacina, mas sim que houve uma apropriação de algumas denominações religiosas pelos bolsonaristas antivacinas.

Quanto aos comentários vinculados à postagem, verificamos que há um reforço por parte de um dos interlocutores ao uso do termo “gado” para referência aos indivíduos pró-vacina no comentário 1. O segundo comentário mostra adesão do locutor ao posicionamento ideológico pela expressão do sintagma “verdade sem camuflagem”, indicando que tudo o que contradiz o pensamento do locutor é mentira camuflada. Chama atenção o terceiro comentário no qual verificamos que o locutor desconhece a história sobre o flautista e, por fim, não compreende, em sua totalidade, o jogo irônico proposto pelo produtor do enunciado.

Quadro 12: Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Máscara e chip.

Posicionamento ideológico explícito (enunciador absurdo)	Posicionamento ideológico implícito (enunciador sério)	Posicionamento ideológico locutor do enunciado
Se em 2020 for necessário o uso de máscara para comprar e vender coisas no mercado, em 2026 será necessário o uso de um chip para fazer a mesma coisa.	O uso de máscaras como forma preventiva da covid-19 é uma forma de promover o uso de vacina, que servirá para inserir chip e controlar as pessoas	Antivacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

O *post* apresentado na Figura 6 foi incluído no corpus da presente pesquisa por conter um enunciado absurdo que representa uma voz vinculada a um posicionamento ideológico antivacina. Sob nosso viés, consideramos absurda a ideia de inserção de chip por meio da vacinação, uma vez que chips líquidos, até o momento da publicação, eram inexistentes. Sendo assim, a ideia do chip é absurda em nosso ponto de vista, embasado na ciência. É a partir dele que aplicamos a Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot (1987), segundo a qual há no enunciado um locutor com dois ou mais enunciadores, sendo pelo menos um deles um enunciador absurdo (Passetti, 1995), cujo ponto de vista se opõe ao do locutor e um enunciador

sério, que tem posicionamento ideológico coincidente com o produtor do enunciado. Dessa maneira, a inserção de chip é uma possibilidade absurda, que está posta no enunciado, tornando-o assim um enunciado absurdo.

Em relação ao posicionamento ideológico assumido pelo enunciador sério, podemos a ele atribuir o signo vacina a partir do contexto de produção do enunciado, que se encontra dentro do cronotopo pandêmico. Ao analisarmos os acontecimentos noticiados no espaço tempo da postagem – o Brasil, no mês de maio de 2020 – é impossível desconsiderar as intermináveis falas negacionistas do então presidente brasileiro. Nesse período, houve grande resistência dos empresários diante da necessidade do fechamento de estabelecimentos comerciais para a contenção do vírus. A utilização de máscaras, a princípio uma aliada útil como barreira mecânica na contenção de secreções respiratórias supostamente contaminadas, deveria ser bem aceita pela população em geral. No entanto, isso não aconteceu visto que as pessoas, ao utilizarem essa proteção, de maneira implícita, aceitariam o fato de que uma pandemia letal existia. Essa aceitação iria contra a lógica mercantilista de que não havia necessidade de fechar os comércios e ter cautela na circulação de pessoas. O *post* foi encontrado na rede social Instagram após pesquisa pela hashtag antivacina, em maio de 2020, momento em que não havia ainda uma vacina. A indicação de uso de chip em 2026 sugere que uma possível vacina deverá injetar chips nas pessoas que utilizam máscaras, que seriam, na época, as pessoas que se vacinariam caso houvesse uma vacina disponível contra o vírus naquele momento.

A ironia, na Figura 6, é uma estratégia discursiva utilizada para persuasão que visa rechaçar as pessoas que utilizam a máscara, denominando-as de “gado”, ou seja, seres que não são pensantes e seguem uma corrente de morte apocalíptica. O locutor do enunciado trabalha a partir do medo que pode ser incutido em relação à vacina, vista como muitos antivacinas como obra do “inimigo”, ou do diabo propriamente dito. Há um diálogo entre diferentes vozes pois o locutor dialoga tanto com os leitores antivacina, com os quais se une para diminuir os de posicionamento ideológico contrário, como também com os pró-vacina a quem, além de criticar, ridiculariza por meio da agressividade presente no humor irônico.

O *post* apresentado na Figura 7, uma charge de autoria de Bruno Lanza, é outro exemplo obtido em pesquisa pela hashtag antivacina em que o signo “vacina” não está explícito no texto. O que está posta é uma imagem que faz referência à cidade de Manaus, capital do Amazonas, na qual um homem está se afogando por falta de oxigênio. Por ser publicada no cronotopo pandêmico, em que a vacinação é a única forma de combate aceito pela Ciência, essa postagem reforça o posicionamento negacionista do governo federal em relação ao manejo da

pandemia de covid-19, posicionamento que se destacou em relação à oferta da vacina e incentivo do uso pela população brasileira. Dessa maneira, podemos afirmar que o que é apresentado não se desvincula da questão vacinal no contexto político brasileiro.

Figura 7: Pazuello e Manaus



CADÊ O O₂, PAZUELLO? Enquanto pacientes morrem sem oxigênio em Manaus, o Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, atribui o colapso ao clima e à falta de "tratamento precoce" com medicamentos sem comprovação científica, como a hidroxiclороquina.

Fonte: Instagram

A imagem reproduz uma charge publicada no Instagram em janeiro de 2021, durante o colapso da saúde vivenciado em Manaus, no estado do Amazonas nesse mesmo período. Na charge, o ministro da saúde da época, Eduardo Pazuello, é representado por uma caricatura assoviando, enxugando um recipiente de vidro pelo lado de fora. No interior do recipiente, que imita um copo grande de vidro, há a imagem de um homem de pele parda e cabelos escuros, fenotípicos da população manauara, vestido com roupa de hospital, com os olhos esbugalhados, se afogando submerso na água, prestes a morrer afogado. Embaixo do copo que detém a imagem do homem, aparece em letras pretas com fundo amarelo o nome da capital amazonense, enquanto aos pés da imagem de Pazuello, está escrito na mesma cor e com o mesmo fundo entre aspas a palavra “ministro” seguido da locução adjetiva “da saúde”, que, no *post* não está entre aspas.

De acordo com a teoria de Authier-Revuz (2004), o aspeamento em torno do termo "ministro" na expressão "'ministro' da Saúde" constitui um operador de heterogeneidade mostrada, que rompe a ilusão de transparência da linguagem. Esse recurso introduz no enunciado uma voz alternativa que questiona a legitimidade e a competência de Eduardo Pazuello para exercer o cargo. O aspeamento, portanto, não é um mero detalhe gráfico, mas um procedimento enunciativo crucial para a construção da ironia: ao mesmo tempo em que se profere a palavra "ministro", as aspas realizam uma negação implícita dessa qualificação, sugerindo que o titular era um ministro apenas no nome, mas não na função ou na autoridade esperada. Dessa forma, a ironia se efetiva pela dissonância entre o termo designado e o comentário crítico que as aspas silenciosamente acrescentam, expondo o descrédito em sua atuação à frente da pasta durante a crise sanitária.

Pazuello está com um terno preto ao invés da farda, que rotineiramente utilizava por ser um militar. Além disso, na Figura, aparece com a mão na cintura e expressão facial de tranquilidade com os olhos semicerrados, que contradizem o desespero do homem dentro do vidro. Há ainda na imagem, próximo à boca do ministro, que faz um bico para assoviar, notas musicais com diferentes tempos de duração.

Quadro 13: Descrição da postagem Pazuello e Manaus segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.

DATA DA POSTAGEM	COMENTÁRIOS	DESCRIÇÃO DO PERFIL	POSICIONAMENTO
15/01/2021	1) Acorda @rodrigomaiarj #impeachmentbolsonaro 2) 🤔🤔 3) Bem sem conhecimento essa charge, os recursos provenientes do governo federal foram roubados pelos governantes do Estado, que chegaram a ser presos. 4) Msm assim os puxa saco do bozo, continuam enchendo a paciência 🤔 5) Que falta faz uma guilhotina!	músico, chargista e ilustrador. autodidata, letrista, compositor. intenso e sobrevivente. - música / shows / lives no REELS -	Pró-vacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

O contexto de produção foi preponderante para a elaboração e postagem da charge Pazuello e Manaus, apresentada na Figura 6. Em grande parte dos noticiários da semana, no dia 10 de janeiro de 2021, recebeu destaque a visita de Eduardo Pazuello a Manaus, devido à falta de oxigênio líquido nos hospitais da localidade. A passagem do político pela cidade havia

ocorrido com o objetivo, entre outros, de planejar ações para o enfrentamento emergencial da covid-19. Segundo o site de notícias G1, em notícia do dia 18 de janeiro de 2021, o ex-ministro ainda se contradissera ao afirmar que não havia recomendado o tratamento precoce com cloroquina para a covid-19 (G1, 2021). Havia, à época, uma atmosfera de acusação em relação ao dirigente da pasta da saúde visto que anteriormente ao caos na capital amazonense, o ministério recomendou fortemente a utilização dos medicamentos indicados no suposto “Kit covid”¹⁰, seguindo a postura de Bolsonaro, desvalorizando o risco das complicações da doença causada pelo coronavírus.

Ao observarmos a legenda da postagem, verificamos o posicionamento pró-vacina pela pergunta inicial que o locutor do enunciado atribui à legenda: “Cadê o O2, Pazuello?”, indicando a omissão do governo brasileiro frente às centenas de morte por covid-19 decorrentes da falta de oxigênio nas UTIs dos hospitais. O locutor faz ainda outra crítica ao manejo da pandemia por parte do governo, criticando diretamente o ex-ministro ao destacar que mesmo com o caos acontecendo, Pazuello não reconhece culpa e relação com as mortes. Atribui a responsabilidade aos próprios pacientes que não fizeram uso do tratamento precoce criado por Bolsonaro e seus seguidores anticiência.

Entre os comentários dos seguidores, vemos, no comentário 3, que há discordância em relação ao posicionamento ideológico apresentado pelo locutor. Verificamos essa divergência pela expressão “bem sem conhecimento essa charge”, que julga o locutor do enunciado como desconhecedor da realidade por ele defendida, a de que o problema que levou à falta de oxigênio não foi a negligência do governo federal, mas sim os governantes estaduais que roubaram todo o dinheiro repassado para os hospitais. Esse comentário sugere posicionamento ideológico divergente dos outros três encontrados, semelhantes ao do locutor do enunciado, pois, como vimos no comentário 3, de um interlocutor com posicionamento ideológico distinto do locutor do enunciado, que não houve produção sentido engraçado, visto que esse enunciado expressa pelo sintagma “bem sem conhecimento” que o enunciador sério não tem autoridade no assunto e o que diz não está correto. Há mais expressão de ofensa do que de humor quando há discordância de ideologias. As divergências verificadas destacam que a ironia constitui uma forma de discurso que pode ser produzido a partir do humor (Brait, 2008). Esse discurso assume o papel de elo em uma cadeia discursiva, na qual há uma resposta para cada enunciado. Os comentários são respostas ao *post* Pazuello e Manaus e ao mesmo tempo dialogam entre si,

¹⁰ O chamado “Kit covid” ou “tratamento precoce”, defendido pelo governo de Jair Messias Bolsonaro, consistia no uso de medicamentos sem eficácia comprovada, como cloroquina e ivermectina, para tratar a covid-19.

travando batalhas com posicionamentos ideológicos divergentes, suscitados pelo humor da charge.

Quadro 14: Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Pazuello e Manaus.

Posicionamento ideológico explícito (enunciador absurdo)	Posicionamento ideológico implícito (enunciador sério)	Posicionamento ideológico locutor do enunciado
O “ministro” Pazuello está tranquilo mesmo que as pessoas em Manaus estejam morrendo por falta de oxigênio.	O ministro não exerce sua função de ministro adequadamente, ignorando uma situação desesperadora de sufocamento em Manaus.	Pró-vacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

A postagem “Pazuello e Manaus” é uma postagem irônica a partir dos pressupostos ducrotianos, uma vez que, no papel social a ser desempenhado por um ministro da saúde, a tranquilidade enfatizada pela expressão facial que vimos na caricatura (Pazuello assoviando e olhando para cima), enquanto um homem se afoga é, de fato, absurda. Não é um comportamento normatizado para o que se espera do chefe da pasta da saúde, especialmente no caos pandêmico situado à época da publicação, em janeiro de 2021. Para compreender o sentido produzido e o posicionamento do enunciador sério, que faz uma crítica à ineficácia governamental evidenciada por índices de mortalidade elevadíssimos em Manaus devido à falta de oxigênio hospitalar para pacientes com covid-19, é necessário que o interlocutor esteja inserido no contexto e tenha as informações prévias do que ocorria na cidade naquele momento histórico.

Assim, mais uma vez destacamos os aspectos aventados por Passeti (1995) em sua pesquisa, ao explicar que o sentido irônico se faz a nível do discurso, e não somente no nível do texto. Se as informações do contexto são desconhecidas, dificilmente o sentido irônico é produzido. Além disso, a polifonia de vozes propostas por Ducrot (1987) também se faz presente na Figura 7, por meio dos enunciadores sério e absurdo, conforme descrito no Quadro 14.

Com base na Análise Dialógica do Discurso, podemos compreender a postagem “Pazuello e Manaus” como um complexo enunciado que materializa as relações dialógicas do cronotopo pandêmico. Por meio da ironia, este *post* constitui-se como um elo significativo na cadeia discursiva sobre o manejo governamental da crise sanitária, articulando diferentes vozes sociais em disputa. A charge opera o que Brait (2008) identifica como uma “encenação discursiva” que, ao dramatizar a contradição entre a postura impassível do ministro e o desespero concreto da população, demonstra os fundamentos axiológicos do debate público sobre a pandemia no Brasil.

O caráter dialógico deste enunciado manifesta-se na recepção ativa dos comentários, que constituem uma arena discursiva onde se confrontam diferentes posicionamentos sobre a responsabilidade governamental no colapso de Manaus. Como prevê a teoria bakhtiniana, o texto não existe isolado, mas se insere em uma cadeia de respostas e réplicas que constituem o tecido dialógico da comunicação social. As diferentes vozes presentes nos comentários testemunham a natureza intrinsecamente polifônica e conflituosa do discurso político no espaço digital. As características do gênero discursivo *post* favorece a construção do enunciado ironia e o confronto de vozes (Romualdo e Rosa, 2017).

A ironia, nesse contexto, mostra-se como estratégia discursiva profundamente ancorada no cronotopo pandêmico, recuperando um repertório de sentidos compartilhados sobre a atuação ministerial e a crise humanitária em Manaus. O Enunciador absurdo, que naturaliza a falta de ação governamental diante do colapso hospitalar, funciona como operador crítico que expõe a desconexão entre as responsabilidades formais do cargo ministerial e as práticas efetivamente adotadas. Esta análise corrobora a perspectiva de Passetti (1995) de que a ironia transcende o nível frasal para constituir-se como fenômeno discursivo de natureza essencialmente contextual e ideológica e axiológica.

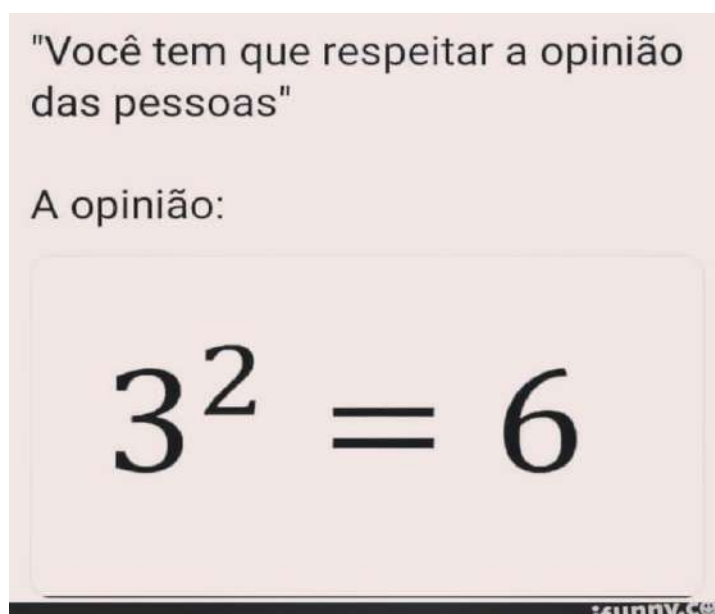
A dimensão cronotópica é particularmente relevante para compreender a eficácia discursiva desta postagem. O tempo-espaço específico de janeiro de 2021 em Manaus, com seu colapso sanitário amplamente noticiado, conforma o horizonte de inteligibilidade necessário para a produção dos sentidos irônicos. Como assinalam Bezerra e Menegassi (2021), a entonação valorativa que perpassa o enunciado deriva diretamente das condições concretas de produção e das experiências socialmente compartilhadas neste momento histórico singular. A charge, assim, condensa e refrata as tensões vividas, transformando-se em documento discursivo do cronotopo pandêmico brasileiro.

Os recursos multimodais (a caricatura, o aspeamento irônico, a composição visual) atuam conjuntamente na construção da crítica política. A imagem do ministro assoviando indiferentemente enquanto um homem se afoga sintetiza visualmente a tese do enunciador sério sobre a negligência governamental. Esta síntese verbo-visual exemplifica o potencial persuasivo dos gêneros discursivos que emergem nas redes sociais (Barbara; Romualdo, 2024), onde a ironia se mostra como forma eficaz de contestação e mobilização ideológica no campo midiático de comunicação digital.

Na sequência, no terceiro *post* sem o signo “vacina” explícito (Figura 8), obtido por pesquisa pela hashtag #antivacina, há a exposição de uma equação matemática com resultado

incorreto. O locutor do enunciado realiza uma comparação de um resultado incorreto de uma equação lógica à opinião das pessoas, que no discurso posto, deve ser respeitada. Destacamos o fato de que mesmo aparentemente não apresentando relação explícita com a questão vacinal, essa postagem coube em nosso corpus de análise visto que no contexto de enunciação – o cronotopo pandêmico – sua leitura remete a diferentes opiniões acerca da adesão ou não ao uso da vacina anticovid no Brasil. Salientamos a data da postagem – final de dezembro de 2020 – quando a vacinação anticovid ainda não havia iniciado no Brasil. Destacamos que mesmo antes do insumo ser disponibilizado para os brasileiros, essa já era uma questão amplamente discutida.

Figura 8: Opinião e matemática



Fonte: Instagram

Ao analisarmos a Figura 8, em que apresentamos o *post* que intitulamos como “Opinião e matemática”, verificamos que há, no discurso, uma metáfora em que se compara uma equação matemática com resultado incorreto ao fato de uma parcela da população acreditar que a sua opinião está sempre correta, mesmo que cause danos à saúde alheia, como é o caso dos antivacinas que, ao não se vacinarem contra a covid-19, se tornam suscetíveis a adoecer e transmitir o vírus, prejudicando os outros indivíduos com os quais convivem. Esse enunciado estabelece uma relação dialógica sobre a liberdade de expressão, muito defendida pelos antivacinas, ao argumentarem sobre o direito de escolha em relação aos procedimentos a serem realizados em seu corpo. Chegar a essa constatação a partir da leitura do enunciado é possível

ao retomarmos o conceito de arena discursiva proposto por Volóchinov (2017), ao afirmar que a arena é um lugar em que diferentes vozes dialogam e no qual em um mesmo signo há uma disputa de forças.

Especificamente em nossa análise, o Instagram, como microcronotopo, por suas especificidades de interlocução se faz um espaço para diálogo entre diferentes vozes sociais, o que é tratado na Figura 8. No enunciado em questão, o locutor, utilizando-se da função conativa da linguagem, por meio do pronome “você” e do verbo no imperativo “tem que respeitar”, traz à tona um assunto amplamente discutido no cronotopo pandêmico da covid-19: o direito ou não-direito da escolha de se vacinar. A utilização de aspas duplas antes do pronome “você” e após o final do período composto por subordinação indica ao interlocutor que essa é a opinião de alguém diferente do responsável pelo enunciado, uma vez que o emprego das aspas como recurso ortográfico que marca um diálogo explícito e se dá ao se trazer uma fala de outrem para determinado contexto, o que está posto na postagem em questão.

Na linha subsequente ao que está escrito entre aspas, há uma outra frase, sem aspas, que corresponde ao que é expresso pelo locutor. Há uma frase não verbal, “a opinião”, seguida por dois pontos e uma lousa escolar cor de rosa (quase imperceptível), com números em fonte bem maior que os dizeres anteriores indicando uma expressão matemática com resultado incompatível com a realidade.

Em relação à equação apresentada, matematicamente, é certo que o número três elevado ao quadrado (3^2), no *post*, seria igual a nove, uma vez que ao se elevar um número ao quadrado, o resultado é igual ao número multiplicado por ele mesmo. Logo, três multiplicados por três são iguais a nove. No entanto, o locutor acrescenta um sinal de igual logo após o 3^2 e, na sequência, o número seis, indicando ao interlocutor que esse seria o resultado, o que, matematicamente, sabemos estar incorreto. Utiliza-se outra regularidade comum nos *posts* publicados na rede social Instagram: há uma frase asseverativa seguida por um sintagma nominal encapsulador da frase. Nessa frase se declara algo de que se tem certeza, na postagem, o fato da necessidade de respeitar a opinião das pessoas. O sintagma nominal que a segue é a opinião de que três elevado ao quadrado é igual a seis. Essa é uma regularidade que caracteriza o gênero *post* multimodal no microcronotopo em questão, visto que é uma estrutura frequentemente encontrada, associada ou não à ironia. O locutor do enunciado, ao utilizar a metáfora apresentada, no cronotopo pandêmico, dialoga tanto com enunciados com posicionamento pró-vacina, como com enunciados antivacina a partir do direito à liberdade de escolha, frequentemente utilizado por indivíduos que se recusaram a receber a vacina. O

discurso irônico questiona tal direito quando seu exercício coloca em risco a vida de outras pessoas. Isso se dá ao apresentar o resultado da opção de não se vacinar equivalente ao resultado seis, como produto da equação três elevados ao quadrado. Há um reforço de que a ideia de não se vacinar não é correta, mesmo quando a “opinião das pessoas” deve ser respeitada.

O conceito bakhtinano de valoração, ao analisarmos esse enunciado, também deve ser destacado. Verificamos que, no cronotopo pandêmico (macrocronotopo) e na rede social Instagram (microcronotopo), a utilização de números associados ao signo “opinião” não pode ser desvincilhada da entonação valorativa que emerge de cada signo ideológico (Silva e Menegassi, 2022), especialmente ao analisarmos o contexto em que a vacinação foi fortemente polemizada. Fora do cronotopo pandêmico e da discussão sobre as vacinas, o que é mostrado no quadro é valorado unicamente como uma equação matemática resolvida de forma incorreta. No entanto, no macro e no microcronotopo que circundam este estudo, uma simples equação matemática resolvida incorretamente é valorada de forma que os sentidos produzidos coadunem a ideologia pró-vacina. O emprego da hashtag antivacina também auxilia na produção dos sentidos e na valoração do enunciado como um enunciado pró-vacina. Ademais, ao analisarmos o formato da resposta que seria a correta, número nove, e o da resposta incorreta, presente na materialidade do corpus, o número seis, verificamos que um número é o outro de cabeça para baixo. Ou seja, são números parecidos, mas diferentes e, em termos de categorização, fazem com que a resposta esteja certa ou errada, o que muda e muito o resultado do problema.

A seguir, no Quadro 15, são apresentados os dados relacionados à postagem e comentários realizados pelos interlocutores da postagem na rede social Instagram.

Quadro 15: Descrição da postagem Matemática e opinião, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.

DATA DA POSTAGEM	COMENTÁRIOS	DESCRIÇÃO DO PERFIL	POSICIONAMENTO
18/12/2020	1) Pois é	A #matemática está em tudo. Se temos que conviver com ela de qualquer jeito, melhor amá-la!	Pró-vacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Embora a postagem tenha sido obtida por meio de pesquisa pela hashtag antivacina, verificamos o posicionamento pró-vacina do locutor do enunciado. Ao analisarmos a descrição do perfil, fica evidente a interseção de diferentes áreas do conhecimento para tratar de um mesmo tema: a questão vacinal da covid-19. Na autodescrição de seu perfil na rede social

Instagram, o locutor do enunciado deixa claro acreditar que a matemática se aplica a todas as outras áreas e que a questão do direito de escolha de se vacinar ou não é também abrangido por essa teoria. Para ele, é melhor amar a matemática, pois, como na postagem em análise, não há como discordar dela, ou seja, as pessoas que acreditam que é seu direito não tomar vacina estão tão corretas quanto três elevado ao quadrado é igual a seis.

Quadro 16: Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Matemática e opinião.

Posicionamento ideológico explícito (enunciador absurdo)	Posicionamento ideológico implícito (enunciador sério)	Posicionamento ideológico locutor do enunciado
A opinião das pessoas deve ser respeitada mesmo que as pessoas acreditem que três elevados ao quadrado são iguais a seis	Nem todas as opiniões devem ser respeitadas uma vez que há opiniões ilógicas que destoam da realidade	Pró-vacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Na postagem, verificamos que, para o enunciador absurdo, posto no enunciado, toda opinião deve ser respeitada, independentemente de essa opinião ser um erro. No entanto, no cronotopo pandêmico, a voz representada pelo enunciador sério leva o interlocutor a pensar na vacina e no movimento antivacina como uma maneira irracional de lidar com o vírus. A estratégia argumentativa – a ironia – empregada pelo locutor do enunciado rechaça aqueles interlocutores que se filiam ao discurso de que devem ter a liberdade de se vacinar ou não, como se a vacina fosse uma opção dispensável frente a prevenção da covid-19. Desse modo, a partir do contexto de produção do enunciado e do comentário que reafirma a ideia destacada, “pois é”, identificamos a parceria indicada por Brait (2008) entre o enunciador sério e o interlocutor no rechaço ao enunciador absurdo e àqueles que seguem a mesma linha de pensamento expressa por esse enunciador. Percebemos o trio essencial que autora menciona para que se conclua o processo irônico: o locutor, o enunciador sério e o alvo ao qual se deseja derrubar.

A postagem "Opinião e Matemática" se apresenta como um exemplo significativo de como os gêneros discursivos que emergem nas redes sociais mobilizam recursos multimodais para construir posicionamentos ideológicos no debate público. Este *post*, aparentemente simples, constitui-se como um elo importante na cadeia discursiva sobre a vacinação durante o cronotopo pandêmico, articulando de forma criativa diferentes campos do conhecimento (a matemática e a saúde pública), para produzir um efeito de sentido crítico.

A ironia, neste contexto, apresenta-se como fenômeno discursivo fundamental para a construção da argumentação, conforme proposto por Ducrot (1987) e desenvolvido por Passetti (1995). Através do enunciador absurdo, que defende o respeito incondicional a opiniões

factualmente equivocadas, o locutor consegue mostrar o que Brait (2008) identifica como o caráter bivocal do discurso irônico, ou seja, a capacidade de dizer e não-dizer simultaneamente, criando uma zona de tensão semântica que exige do interlocutor um posicionamento ativo. A equação matemática incorreta funciona, assim, como metáfora visual da irracionalidade atribuída ao movimento antivacina, estabelecendo uma relação entre o erro matemático e o que seria, na perspectiva do locutor, um equívoco sanitário.

O caráter dialógico desta postagem manifesta-se pela sua construção interna e, especialmente, pela relação que estabelece com outros enunciados da arena discursiva pandêmica. Como afirma Volóchinov (2017), todo enunciado constitui-se como resposta a enunciados anteriores e antecipação de respostas futuras. Neste caso, a postagem posiciona-se criticamente frente ao discurso da "liberdade de escolha" frequentemente apregoado pelos movimentos antivacina, deslocando-o para o campo do absurdo através da comparação com um erro matemático flagrante. A data da publicação, dezembro de 2020, anterior ao início da vacinação no Brasil, demonstra como esse debate já se encontrava intensamente travado no espaço público digital, constituindo um horizonte de expectativas compartilhado que permitia a compreensão da ironia.

A dimensão cronotópica é particularmente relevante para verificarmos a eficácia discursiva desta postagem. O tempo-espaço específico do final de 2020, momento de intensa expectativa e polarização em torno da iminente campanha vacinal, constitui as condições de produção e recepção que tornam possível o efeito de sentido irônico. Como destacam Bezerra e Menegassi (2021), a entonação valorativa que perpassa o enunciado deriva diretamente das tensões sociais vividas neste momento histórico singular, em que a controvérsia sobre a obrigatoriedade vacinal alcançava seu ápice. A postagem condensa e refrata essas tensões, transformando-se em documento discursivo do cronotopo pandêmico.

A multimodalidade, característica fundamental dos gêneros que circulam no Instagram, revela-se como elemento crucial para a construção do sentido irônico. A articulação entre o texto verbal, com seu uso estratégico das aspas para marcar a heterogeneidade enunciativa, e o texto visual, com a equação matematicamente absurda, cria uma síntese verbo-visual que potencializa o efeito crítico. Esta estratégia corrobora a perspectiva de Romualdo e Rosa (2017) sobre a importância dos recursos não-verbais na construção da argumentação irônica, especialmente em gêneros adaptados às especificidades das redes sociais.

As análises dos *posts* da hashtag #antivacina realizadas até aqui demonstram como a ironia operou como estratégia discursiva fundamental no debate vacinal durante o cronotopo

pandêmico. Por meio de diferentes recursos, desde a caricatura política à metáfora matemática, os enunciados constroem uma crítica contundente ao negacionismo científico, articulando o verbal e o visual para expor o absurdo inerente às posições antivacina. A polifonia manifesta-se na constante tensão entre o enunciador absurdo, que explicita as contradições do discurso negacionista, e o enunciador sério, que defende a vacinação como imperativo ético e sanitário, confirmando que a ironia transcende a mera figura de linguagem para constituir-se como fenômeno discursivo de natureza intrinsecamente dialógica e contextual.

A eficácia persuasiva desses enunciados depende inerentemente do cronotopo pandêmico, no qual signos como "gado", "genocida" e "jacaré" e resultados matemáticos adquirem valoração específica, e do domínio compartilhado de informações contextuais pelos interlocutores. O Instagram constitui-se como microcronotopo privilegiado para essas disputas, por ser uma rede social na qual a multimodalidade potencializa os efeitos de sentido irônicos. Os embates nos comentários demonstram a natureza dialógica desses *posts*, que funcionam como elos em uma cadeia discursiva mais ampla sobre a vacinação.

Essas análises apresentadas preparam o caminho para examinarmos, no próximo capítulo, como estratégias semelhantes foram utilizadas nos *posts* da hashtag #vacina, na qual veremos a ironia sendo acionada para fins persuasivos distintos, porém igualmente reveladores das complexas dinâmicas discursivas que caracterizaram o debate público durante a pandemia.

4.2 Postagens obtidas pela pesquisa utilizando a hashtag #vacina

A análise dos enunciados coletados por meio da hashtag #vacina apresenta enunciados irônicos pró e antivacina, contrariando a univocidade sugerida pelo marcador, pois ela é constantemente desestabilizada pelo cruzamento de perspectivas antagônicas. Assim, neste capítulo, examinamos como a ironia foi utilizada tanto para a construção de um consenso pró-vacina quanto para a infiltração de críticas ao discurso científico hegemônico, demonstrando a fluidez e a complexidade dos posicionamentos que circularam sob essa tag.

Dividimos a exposição em duas subseções, seguindo os aspectos metodológicos apresentados no capítulo 3 desta dissertação, analisando inicialmente os *posts* que trazem o signo linguístico "vacina" de forma explícita e, posteriormente, aqueles que, mesmo vinculados à hashtag, produzem sentidos referentes a esse tema por meio de refrações e associações indiretas. O exame desses enunciados à luz da Análise Dialógica do Discurso permite

compreender as estratégias enunciativas através das quais diferentes vozes sociais disputaram o sentido e o valor da vacinação no cronotopo pandêmico, transformando o Instagram em uma arena onde se travou uma verdadeira disputa em torno deste signo ideológico central.

4.2.1. Enunciados da hashtag #vacina com o signo linguístico “vacina” explícito

Ao buscarmos na rede social Instagram os enunciados utilizando a hashtag vacina, encontramos postagens publicadas em contas individuais de sujeitos que manifestaram posicionamento pró-vacina e antivacina. Várias delas apresentavam fenômenos de linguagem evidentes, mas, após a aplicação da Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot (1987), selecionamos apenas aquelas irônicas com texto verbal e imagético na potencialização dos efeitos de sentidos presentes no enunciado, conforme determinado em nossa metodologia. Neste subcapítulo, analisamos esses enunciados à luz dos pressupostos teóricos apresentados, discutindo a ironia, sua elaboração e produção de sentidos, que se emergem no cronotopo pandêmico.

Na Figura 9, uma charge publicada em janeiro de 2022, de autoria de Iotti Carlos, há uma crítica aos seguidores antivacina de Olavo de Carvalho, escritor brasileiro conhecido por muitos como “pai da direita” no cenário político de ascensão da extrema-direita no país. A publicação foi feita no dia 28 daquele mês, quatro dias após a morte de Carvalho, nos Estados Unidos. Após o falecimento, Lopes (2022), em notícia publicada no site UOL de notícias, retoma o papel do influenciador no contexto político brasileiro. Afirma que a referida figura pública sustentou o bolsonarismo e a extrema direita no Brasil, inclusive ajudando a disseminar discursos anticiência e antivacina. Por se autointitular como filósofo e professor, a charge apresentada na Figura 9, na qual vemos uma caricatura de Carvalho, joga com a palavra “alunos”, estabelecendo um diálogo importante entre grupos com ideologia anti e pró-vacina. A postagem, encontrada em um perfil privado da rede social Instagram, gerou comentários de adesão às ideias pró-vacina, provocando riso e escárnio:

Figura 9: Alunos antivacina



Papai Do Chão tá orgulhoso 🍌

Fonte: Instagram

Os efeitos de sentido do texto se dão após a leitura das duas partes da postagem. Há, entre o canto superior esquerdo e uma linha imaginária que corta o texto na diagonal, uma imagem que representa um carro de som com dois burros com olhos esbugalhados e com os dentes projetados para fora. Um deles veste a camiseta amarela da seleção brasileira de futebol. Escritos em letra caixa alta, os enunciados “NÃO TOME VACINA!” e “VACINA NÃO!” representam as palavras de ordem que saem da caixa de som com o objetivo de expressar a reivindicação dos bolsonaristas. No canto inferior direito, abaixo da linha imaginária, há, sobre um fundo cinza, a caricatura de Olavo de Carvalho, com um cachimbo na boca, junto a imagem de um diabo vermelho, com um tridente na mão. Os dois estão atrás de chamas que simbolizam o fogo do inferno. No balão de fala temos os dizeres do diabo, escritos em preto e caixa alta: “QUE ORGULHO DOS TEUS ALUNOS!”. A ironia se faz pela relação dialógica direta com Olavo de Carvalho e seus seguidores.

No *post* em análise, vários signos marcam o uso da ironia como estratégia persuasiva. Além disso, a associação de texto verbal e imagético potencializa a ideia proposta pelo locutor de que ser antivacina não é uma atitude inteligente. A imagem de dois burros em um carro de som branco com um vírus desenhado na traseira do veículo, sendo que um deles utiliza uma camiseta amarela – aparentemente da seleção brasileira de futebol – é uma forte marca da opinião do produtor do enunciado. O desenho do vírus como adesivo do carro produz o efeito de sentido de que esses indivíduos são veiculadores da doença. No fundo da imagem, podemos

observar, em branco, várias lápides de um cemitério, o que remete às mortes ocasionadas pela covid-19, que está sendo levada pelo carro antivacinas e difundida aos quatro ventos pelo megafone. A cor amarela também indica uma associação de ser antivacina com ser bolsonarista, uma vez que houve, por parte de Bolsonaro e seus seguidores, a apropriação de símbolos nacionais, como a bandeira brasileira e a camisa da seleção de futebol, durante todo o período de seu governo¹¹. Associar a imagem de bolsonaristas alunos do professor Olavo de Carvalho a burros significa, de maneira implícita, atribuir adjetivos como “pouco inteligente”, “ignorante”, “desprovido de entendimento”, “com déficit cognitivo” a essas pessoas¹². Desatacamos que o formador de ideias é considerado por muitos estudiosos de política no Brasil um dos precursores dos ideais bolsonaristas, o que vincula fortemente os preceitos por ele defendidos às ideias antivacina no cronotopo pandêmico.

Quadro 17: Descrição da postagem Alunos antivacina, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.

DATA DA POSTAGEM	COMENTÁRIOS	DESCRIÇÃO DO PERFIL	POSICIONAMENTO
28/01/2022	1)Iotti, sempre magnífico! 2) 🤡 🤡 🤡 🤡 🤡 3)Gênio 🙌 🙌 🙌 🙌 abraço do irmão Dunga 4) que o papai do chão ô receba de braços abertos, seu Olavo. 5) Os desgraçados patrocinadores dessas merdas, duvido que não se vacinaram. 🧑 🧑 🧑	Cartunista, jornalista, estamos aqui pra incomodar!	Pró-vacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Em várias partes da postagem “Alunos antivacina” identificamos pistas/marcas que levam à interpretação da ironia (Passetti, 1997, Romualdo e Rosa, 2017) e seu uso argumentativo. É importante considerarmos para a leitura desse *post* que, embora a causa da morte de Olavo de Carvalho não tenha sido oficialmente divulgada, ele fora diagnosticado com covid-19 oito dias antes (G1, 2022).

O signo “orgulho” empregado pelo diabo na charge é o ápice dos recursos irônicos utilizados nesse discurso. Ao menos se olharmos pela perspectiva do interlocutor, para o qual, obviamente, o inferno, lugar em que Olavo de Carvalho está na charge, é ruim. A postagem, realizada no final de janeiro de 2022, quatro dias após a morte do influenciador, indica que não

¹¹ Esta apropriação de símbolos nacionais pelo bolsonarismo é descrita por Lima (2024).

¹² Essas são algumas qualificações que encontramos no Instagram para aos bolsonaristas.

foi “correto” o discurso por ele proferido, caso contrário, não estaria nas trevas. No entanto, Carvalho parece confortável, no lugar em que está, fumando um charuto – um hobbie famoso do personagem – enquanto ouve pacientemente o que seu interlocutor diz. Este, por sua vez, refere-se ao professor com um sorriso sarcástico no rosto afirmando que o mestre fez um trabalho do qual se orgulha. O orgulho aí mencionado é, para o senso comum, algo totalmente inesperado, o que caracteriza o enunciador absurdo (Passetti, 1995), que destoa totalmente dos sentidos produzidos pelo enunciador sério, com ponto de vista coincidente ao do locutor, e que satiriza os seguidores e admiradores do bolsonarista. Na perspectiva do enunciador sério, Olavo deve estar queimando no fogo do inferno por ter apoiado atitudes antivacina. Desse modo, o signo “orgulho” é o signo utilizado por quem produz o enunciado para atingir veementemente a todos aqueles com posicionamento que divergem ao do locutor e do enunciador sério.

Os comentários da postagem, descritos no Quadro 17, também são sugestivos de que há uma crítica presente no enunciado. Em sua autodescrição do perfil da rede social Instagram, o responsável pela postagem se autodenomina como “cartunista, jornalista, estamos aqui para incomodar”. Essa descrição indica grande possibilidade de que o uso de recursos linguísticos como a ironia, que incomodam de certo modo o interlocutor, seja comum entre as publicações em seu perfil. O substantivo “papai do chão”, presente na legenda, faz menção à imagem do diabo presente na postagem, e o internauta ainda complementa, destacando o sentido produzido pela leitura do texto, o orgulho mencionado no balão de fala. Há ironia também na legenda, uma vez que no Brasil, país em que mais de oitenta por cento da população se declara cristã, o esperado papai com maior aceitação na “normalidade” seria o papai do “céu” e não o do “chão”, correspondente ao inferno, lugar onde, para os cristãos, não se tem motivo para ter orgulho de nada. Há, novamente, uma polifonia de vozes marcada pelo discurso do bem (cristão, para os religiosos) e do mal, inserido no campo da religião. De forma recorrente ao que se mostra na postagem “Bolsonaro e Queiroga”, apresentada na Figura 3, o locutor do enunciado, com posicionamento pró-vacina, ataca a ideologia contrária por meio da religião. Assim, a ironia extrapola os limites no enunciado migrando também para a legenda e para os comentários, o que torna o Instagram, por essa especificidade, um microcronotopo pandêmico. No comentário 4, também há utilização desse recurso linguístico e, assim como destaca Brait (2008), nota-se um jogo em que o locutor brinca com os seus interlocutores, fazendo com que se sintam todos em um mesmo time, unidos por um posicionamento ideológico. Esse jogo se dá quando o interlocutor adere ao mesmo signo (“papai do chão”) que o locutor, unindo-se a esse em seu discurso pró-vacina. Além disso, desejar que o “papai do chão” receba Olavo de braços abertos

não dialoga com o absurdo expresso na postagem, atacando os seguidores de Olavo por meio da exposição do absurdo como o “normal” para o mestre adversário. No Quadro 18, apontamos os posicionamentos ideológicos do enunciador sério e do enunciador absurdo identificados na postagem “Alunos antivacina”. Salientamos a confirmação do posicionamento ideológico do locutor pelo enunciador sério, conforme mostram Passetti (1995) e Brait (2008) em suas análises.

Quadro 18: Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Alunos antivacina.

Posicionamento ideológico explícito (enunciador absurdo)	Posicionamento ideológico implícito (enunciador sério)	Posicionamento ideológico locutor do enunciado
Os burros - alunos antivacina do professor Olavo de Carvalho - são motivo de orgulho para o diabo por estarem disseminando o vírus e ocasionando a morte de pessoas pela covid-19.	Propagar ideias antivacina é muito ruim e isso pode até mesmo levar pessoas para o inferno, como ocorreu com o professor Olavo de Carvalho.	Pró-vacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Com base nas informações apresentadas no Quadro 19, reiteramos o posicionamento pró-vacina do enunciador sério e do locutor do enunciado. É imprescindível que para compreender os dois pontos de vista apresentados, o interlocutor conheça as condições de produção para que ambos os sentidos sejam produzidos. Para ilustrar esse fato, faz-se necessário lembrarmos a definição de cronotopo segundo os estudiosos do Círculo de Bakhtin (2008), que o indicam como as “portas de entrada para a produção dos sentidos”. A publicação do texto reflete as condições sociais, históricas e ideológicas de seu tempo. Este período foi marcado pela pandemia de covid-19 e pelos intensos conflitos políticos em torno da vacinação. A própria questão vacinal assumiu a função de um signo ideológico, tornando-se um símbolo de disputa. De um lado, posicionaram-se grupos de direita, que propagavam um discurso antivacina. De outro, estavam outros setores da sociedade, que buscavam a vacina como um meio de promover a saúde e se proteger contra o vírus.

A postagem, enquanto um elo na cadeia discursiva da pandemia, responde ativamente aos discursos antivacina e, ao mesmo tempo, antecipa e provoca respostas de seus interlocutores. O *post* não é um enunciado isolado, mas um gesto de resposta a um “já-dito” (as narrativas negacionistas) e um “não-dito” (as consequências trágicas da não-vacinação). Ao colocar Olavo de Carvalho no inferno, o locutor estabelece uma relação dialógica direta com os enunciados do próprio filósofo e de seus seguidores, refutando-os de forma contundente

através do riso carnavalesco, materializando a "luta de classes" no interior do signo ideológico "vacina", conforme postulado por Voloshnov (2017).

O cronotopo pandêmico é fundamental para a produção dos sentidos irônicos. A charge, publicada em janeiro de 2022, encapsula um tempo de morte e um espaço de polarização, nos quais a rede social Instagram, ao se configurar como microcronotopo, mostra-se como uma arena discursiva por excelência. A imagem do cemitério ao fundo não é apenas dado ilustrativo, mas um índice cronotópico que remete às centenas de milhares de mortes que já haviam ocorrido, muitas delas evitáveis. A valoração negativa atribuída aos "alunos antivacina" só é plenamente inteligível quando situada neste tempo-espaço específico, em que a adesão ou não à vacina era uma decisão com consequências materiais diretas para a vida e a morte, carregando uma intensa entonação valorativa, conforme Bezerra e Menegassi (2021).

A polifonia bakhtiniana manifesta-se na charge através da encenação de vozes sociais em conflito. O locutor, ao construir o "enunciador absurdo" (o diabo que expressa orgulho), coloca em cena a voz do campo antivacina apenas para desqualificá-la, distanciando-se dela de forma crítica. Já o "enunciador sério" é a voz implícita, compartilhada com o público que comenta e ri da postagem, que compreende o absurdo da situação e a contradição de um "mestre" cujos ensinamentos, na visão do locutor, levaram seus seguidores a uma cruzada contra a ciência e a favor da morte. Os comentários analisados no Quadro 18 funcionam como respostas ativas que corroboram e amplificam essa voz séria, demonstrando o circuito dialógico.

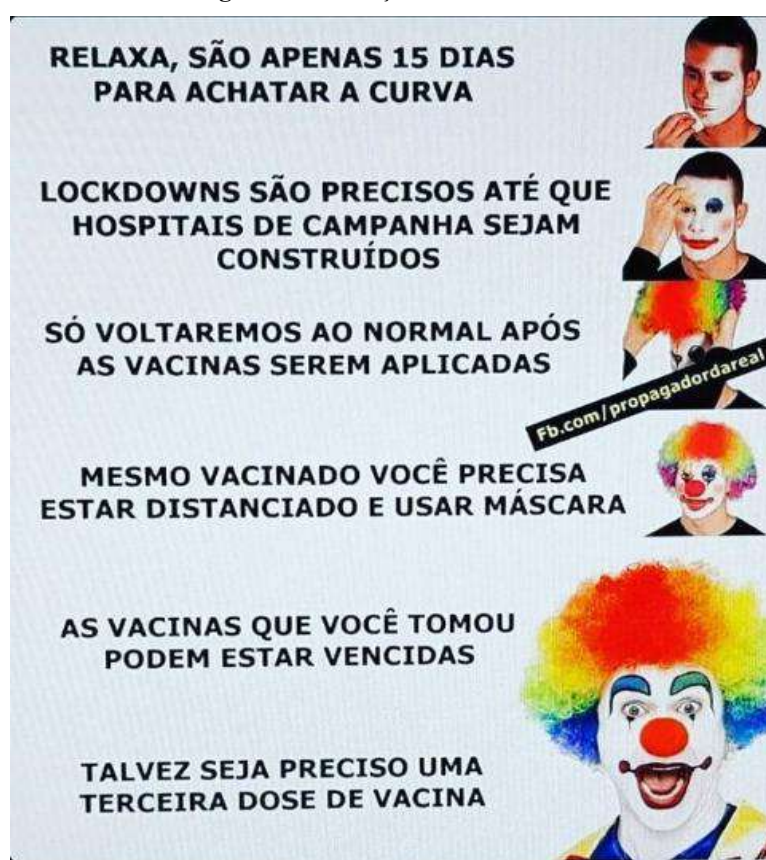
A construção composicional multimodal do *post* é constitutiva do sentido. A escolha estilística de representar os seguidores como burros e o líder no inferno não é gratuita; é uma estratégia de carnavalização, em que a hierarquia e a autoridade do "professor" são invertidas e ridicularizadas publicamente. Essa forma de enunciado, típica do campo da comunicação midiática digital, permite uma condensação de sentidos e uma velocidade de circulação que potencializam seu caráter persuasivo.

O segundo *post* selecionado pela hashtag vacina com o signo "vacina" explícito, por nós denominado como "Palhaço em metamorfose", é apresentado na Figura 10. A postagem, publicada no dia 24 de agosto de 2021, se dá em meio ao avanço da variante Delta do coronavírus no Brasil (Garcia, 2021). As vacinas disponíveis até então não ofereciam proteção imunológica ao contágio por essa variante, porém, funcionavam como medida profilática, pois, embora não garantissem proteção total, reduziam a gravidade dos sintomas mesmo pela nova variante. Tudo isso ocorre em um contexto de volta às aulas presenciais na maioria das escolas

municipais e estaduais brasileiras (UOL, 2021) e o fim gradual das restrições na maior parte das cidades (Roscoe, 2021).

No enunciado, há uma sequência de imagens que ocorrem simultaneamente à transformação facial de um homem, inicialmente com metade do rosto sem maquiagem, em um palhaço com peruca e roupa apropriados para a função. O texto escrito faz menção às medidas profiláticas relacionadas à prevenção da covid-19 desde o surgimento da pandemia no Brasil, enquanto no texto imagético, o produtor do enunciado relaciona a adesão às medidas recomendadas pela Ciência à transformação do homem em palhaço.

Figura 10: Palhaço em metamorfose



A pessoa toma vacina, fica doente por causa da reação, é obrigada a continuar usando máscara e ainda tem chance de pegar covid, não faz sentido.

Fonte: Instagram

No enunciado apresentado na Figura 10, a ironia se manifesta no contraponto da linguagem verbal com as imagens correspondentes. Se lermos apenas o texto escrito, não há ironia pelo uso das palavras. Há, sim, uma falta de coerência entre os fatos linguísticos apresentados, mas não há, de fato, um enunciado irônico. O verbo “relaxa”, presente na primeira frase dá ao interlocutor a ideia de que a pandemia é de certo modo uma coisa tranquila, uma

vez que serão “apenas” quinze dias para achatar a curva de transmissão de casos. O advérbio de intensidade “apenas” também produz o sentido contrário ao do que se espera em uma situação problemática. Os dois períodos seguintes produzem o mesmo sentido e se conformam ao discurso de cientistas que se manifestaram em veículos de comunicação no início da pandemia, reiterando a necessidade de isolamento, uso de máscaras e a necessidade de uma vacina. Na sequência, a conjunção concessiva “mesmo” denota a ideia de que há uma contradição entre estar vacinado e ainda assim estar distanciado e usando máscara, além da possibilidade de as vacinas estarem vencidas, o que desmoraliza o insumo e os empenhos da Ciência sem, no entanto, utilizar a ironia como estratégia argumentativa, mesmo ao informar o interlocutor com o modalizador “talvez” sobre a possibilidade de necessidade de uma terceira dose como reforço.

O sentido irônico é produzido pela associação da linguagem verbal escrita às imagens. A cada frase apresentada, a transformação do homem em palhaço vai se configurando, o que indica ao interlocutor que a realização das ações propostas para a prevenção da infecção pelo vírus são motivo de escárnio, geralmente associado à figura do personagem formado. As expressões “relaxa”, “lockdowns são precisos”, “voltaremos ao normal”, “você precisa estar distanciado e usando máscara” e “talvez seja preciso uma terceira dose de vacina” justapostas à configuração gradativa de um palhaço indicam que esses são os passos a serem seguidos para que alguém seja enganado.

Na postagem, a associação da figura do palhaço – aquele de quem se pode rir – aos preceitos científicos de combate à covid-19 reforça os apontamentos de Rezio e Silva (2019) e Empoli (2020). Nos dois diálogos, os autores enfatizam ser proposital o enfraquecimento do pensamento crítico e do conhecimento técnico-científico almejado nas escolas e universidades públicas em detrimento do enriquecimento de grandes blocos empresariais. Essa constatação é evidente, visto que o escárnio ao conhecimento científico se torna explícito inclusive pela expressão facial do palhaço que vai sendo formado, que adquire olhar de espanto, nariz vermelho e sorriso sarcástico rechaçando os sujeitos que apresentam posicionamento ideológico distinto ao do locutor do enunciado. Ressaltamos que, embora a desvalorização das instituições acadêmicas seja um problema iminente no Brasil há algumas décadas, no cronotopo pandêmico esse embate entre ideologias se acentuou ainda mais. Isso porque nesse contexto sócio-histórico-ideológico as vozes sociais que emergiram do campo acadêmico foram as que lideraram o discurso contrário à política de morte adotada pelo governo no manejo da pandemia

de coronavírus no Brasil. No Quadro 19, apresentamos os dados do contexto de produção da postagem, a legenda e os comentários dos interlocutores na rede social Instagram.

Quadro 19: Descrição da postagem Palhaço em metamorfose, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.

DATA DA POSTAGEM	COMENTÁRIOS	DESCRIÇÃO DO PERFIL	POSICIONAMENTO
24/08/2021	1. Tudo bem Sr anti vacina 2. É cada idiotisse kkkkk 3. Verdade burro e quem toma 4. Até que fim encontrei um perfil que me identifico 5. lembremos nos de como hitler levou os judeus para o holocausto...não foi de uma hora pra outra...os judeus foram sendo excluidos aos poucos como hj se vê...já tem lugares onde quem não apresentar o comprovante de picada não pode entrar ou seja segregação ditadura médica...nunca se viu um médico obrigar do paciente que esse faça o tratamento sugerido...e no caso em questão se os protocolos e picadas são eficazes basta que cada um faça sua parte...não querem comprovante de voto mas querem comprovante de picada kkkkkkkk tem que ser muito idiota mesmo pra cair em certas conversas 1. muita palhaçada até quando será isso.	Perfil criado para fazer as pessoas refletirem sobre as vacinas e tudo mais relacionado ao COVID-19	antivacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Ao analisarmos a autodescrição do perfil da rede social do Instagram, identificamos a intenção, pelo uso da preposição final “para”, do usuário da internet que, segundo ele mesmo, seria “informar” pessoas sobre a covid-19 e as vacinas, o que mostra o quão comprometido está com a ideologia antivacina. Na postagem, também publicada no cronotopo pandêmico, o internauta faz uma descrição do que ocorreria a uma pessoa ao seguir as recomendações propostas pelos cientistas, porém não faz uso da ironia como recurso argumentativo. Todas as suposições são realizadas em um período composto por coordenação e separados por vírgulas e um “e” e, ao final, o locutor termina o período com a oração “não faz sentido”, em relação às medidas profiláticas citadas anteriormente.

Os comentários, por sua vez, indicam identificação de posicionamento ideológico dos interlocutores em relação ao locutor e são marcados por substantivos como “idiotice” e “palhaçada”, que indicam concordância com o posicionamento ideológico defendido pelo

produtor do enunciado. Essa identificação pode ser notada pela presença do verbo “indico” no comentário 4. Em relação ao comentário 5, há uma comparação entre a obrigatoriedade da vacina contra a covid-19 e a influência de Hitler sobre os nazistas na Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, os antivacinas são colocados como vítimas de um sistema opressivo no qual lhes é negado o “direito” de escolha de não se vacinar. Essa analogia é consolidada pelas expressões “segregação” e “ditadura médica”, que atribuem uma entonação discursiva negativa à vacina, colocando o insumo como uma forma de opressão àqueles que não desejam ser vacinados, comparando-os aos judeus, vítimas do Holocausto. Além disso, a filiação às ideias bolsonaristas é marcada pela menção ao voto impresso (não querem comprovante de voto impresso”), questão arduamente defendida por Bolsonaro e seus seguidores. Esse comentário demonstra a relação dos bolsonaristas com o movimento antivacina no cronotopo pandêmico. No Quadro 20, destacamos o enunciador absurdo e o enunciador sério, além do posicionamento ideológico do locutor do enunciado.

Quadro 20: Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Palhaço em metamorfose.

Posicionamento ideológico explícito (enunciador absurdo)	Posicionamento ideológico implícito (enunciador sério)	Posicionamento ideológico locutor do enunciado
É necessário adotar todas as medidas propostas para o manejo da pandemia de covid-19 para se tornar um palhaço durante o processo de prevenção.	As medidas propostas são ridículas e quem as segue faz papel de palhaço.	antivacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

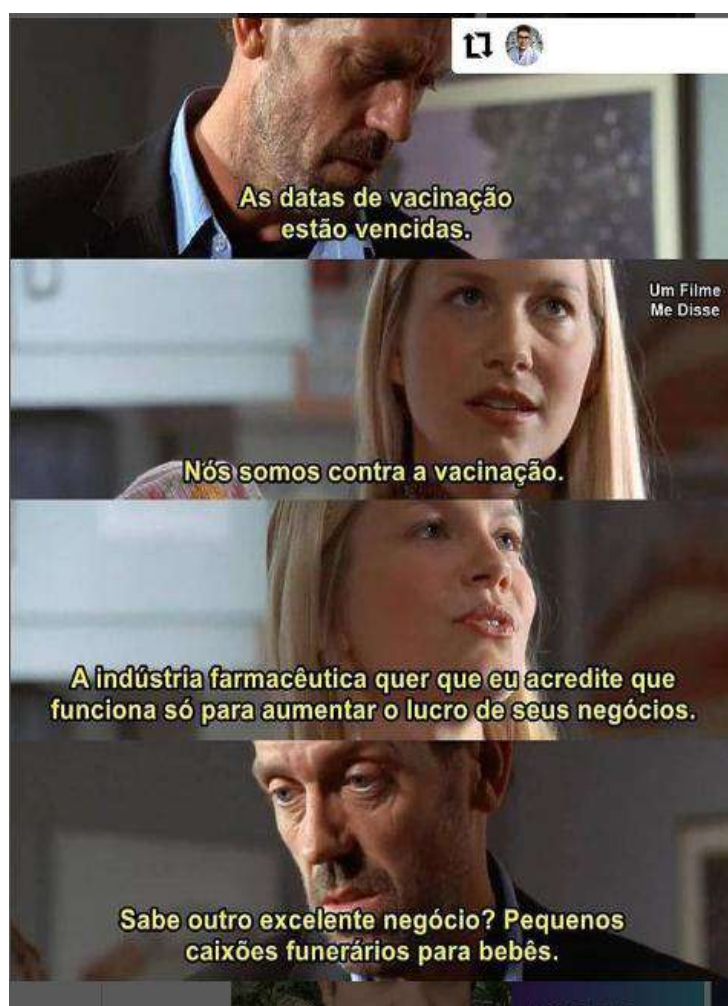
A polifonia do *post* mostra nas vozes do enunciador sério, ao rechaçar as medidas pró-isolamento social, uso de máscaras e vacina, e do enunciador absurdo, ao indicar a necessidade de aderir a tais medidas para compor um palhaço ao final de todos esses eventos. O locutor, com posicionamento ideológico que se assemelha ao do enunciador sério, usa de ironia na produção do enunciado com a finalidade de se unir aos interlocutores com as mesmas crenças e ideias anticiência. Embora esse *post* tenha sido publicado em uma conta da rede social Instagram com o emprego da hashtag vacina, o posicionamento ideológico do responsável pela publicação é contrário ao uso desse produto. Dessa maneira, observamos que a utilização da hashtag vacina agrupou, entre os *posts* que compõem o corpus de nossa pesquisa, enunciados com posicionamentos ideológicos diferentes, contrastando com os resultados encontrados no levantamento de Lima-Neto e Carvalho (2023), que colocam a hashtag como uma “ferramenta argumentativa”.

Sob a ótica da Análise Dialógica do Discurso, o *post* "Palhaço em metamorfose" materializa-se como um elo significativo na cadeia discursiva do cronotopo pandêmico, no qual o signo ideológico "vacina" é intensamente disputado. O locutor, ao empregar a estratégia polifônica da ironia, coloca em cena um enunciador absurdo que, aparentemente, defende a adesão às medidas sanitárias, apenas para, através da associação verbo-visual com a figura do palhaço, desqualificá-las e atribuir-lhes um valor de ingenuidade e fraqueza. Este gesto responde dialógica e agressivamente ao "já-dito" pelas autoridades sanitárias e pela comunidade científica, refratando-o como uma narrativa de engano. A metamorfose em palhaço funciona como uma metáfora visual cronotópica, condensando a percepção do locutor sobre a passagem do tempo (a sucessão de medidas) e a transformação do espaço social (a adesão às regras) em um processo de infantilização e perda de autonomia.

A arena discursiva do Instagram, nesse caso, demonstra o caráter dialógico e conflituoso da linguagem, no qual a hashtag #vacina, longe de agrupar um consenso, torna-se um campo de batalha ideológico. O comentário que estabelece uma analogia entre a exigência vacinal e o holocausto judeu é um exemplo extremo da refração do signo "vacina" para um sentido de opressão e violência, exibindo como os enunciados se constituem em resposta a outros e antecipam reações. A valoração negativa, expressa por signos como "idiotice" e "palhaçada" nos comentários, mostra a entonação axiológica compartilhada por essa comunidade interpretativa, que constrói coletivamente um horizonte de sentido contra-hegemônico. Dessa forma, o *post* não é um monólogo, mas um gesto de interação verbal profundamente situado no tempo-espaço da pandemia, onde a luta ideológica se trava por meio da manipulação criativa e polifônica de signos verbais e visuais.

Na figura 11, House e antivacina, encontramos um *print* de um trecho da série televisiva House, produzida entre os anos de 2004 e 2012 e disponível em plataformas de *streaming*. Na série, o protagonista House é um médico que desvenda casos de difícil resolução, além de ter relacionamentos diversos e lidar com casos mais simples entre os atendimentos de maior complexidade. A postagem apresentada na figura é uma montagem com *prints* de tela de um trecho do episódio "Paternidade", na temporada 1, episódio 02, da série. Nesse episódio, o médico está em consulta com uma bebê e sua mãe. Durante a conversa, a questiona em relação às vacinas, dizendo que não foram realizadas. A mulher responde que não vacina a filha por acreditar que a vacinação seja apenas um meio de enriquecer os grandes produtores desse produto. House, para refutar o posicionamento antivacina apresentado por sua interlocutora, utiliza a ironia, conforme vemos no *post*.

Figura 11: House e antivacina



#Repost@doutorquímica

Ceará

Grande Dr House

Fonte: Instagram

Ao analisarmos a Figura 11, verificamos que os sentidos são produzidos pela interação entre o texto verbal e as imagens. Essa constatação pode se dar a partir da análise das expressões faciais dos personagens do *post* juntamente com as falas colocadas na legenda. Há três linhas imaginárias que dividem a postagem em quatro partes de igual tamanho. Na primeira delas de cima para baixo, House tem expressão facial atenta e séria, analisando a carteira de vacinação da criança e percebe que ela não foi vacinada. Concomitantemente a essa imagem, o locutor acrescenta a legenda com o aviso de que as vacinas estão incompletas. Na continuidade, a expressão facial da mulher ganha tom de desaprovação, coincidindo com o posicionamento antivacina que expressa pelo verbo “somos” e adjetivo “contra” em relação ao substantivo “vacinação” e continua com a mesma expressão, que na terceira parte ganha tom de sarcasmo

ao mesmo tempo em que justifica sua atitude ao indicar que a medida profilática vacinal nada mais é do que uma estratégia da indústria farmacêutica para obter mais lucros.

A ironia, estratégia argumentativa utilizada para rechaçar posicionamento ideológico contrário por meio da apresentação de um enunciado absurdo (Passetti, 1995; Brait, 2008), aparece apenas na última parte do enunciado, quando House utiliza o adjetivo “excelente” para qualificar o substantivo negócio, ao se referir ao comércio de caixões funerários para bebês. Associada aos aspectos irônicos, há uma outra estratégia utilizada pelo produtor do enunciado, uma pergunta retórica, para potencializar ainda mais os efeitos de sentidos produzidos.

Destacamos ainda que, para que seja possível ao interlocutor identificar os aspectos relacionados à ironia, há dois contextos a serem apontados. O primeiro, refere-se à interlocutora de House, mãe de uma bebê, em um hospital, em busca de tratamento médico para a filha. Obviamente, para a mulher em questão, a pior de todas as opções possíveis é a morte da criança, ideia totalmente contrária à apontada pelo protagonista da série, ao informá-la que caixões funerários para bebês são altamente lucrativos. A expressão facial do médico, ao colocar a mãe da paciente como alvo da ironia, corrobora com o pressuposto por Lemke (2010), ao constatar que a imagem potencializa os efeitos de sentido produzidos em um texto. O olhar ácido de House com um meio sorriso sarcástico são tão contundentes ou mais do que as próprias palavras utilizadas em seu discurso.

O segundo contexto que apontamos é o sentido mais amplo em que o *post* é publicado, o da rede social Instagram, o microcronopo, dentro do macrocronotopo, o cronotopo pandêmico. Para Amorin (2005), identificar o cronotopo de uma produção discursiva possibilita inferir uma determinada visão de homem, ou seja, as diferentes vozes sociais e os posicionamentos ideológicos representados por elas. Na Figura 14, partindo do que sugere a autora, identificamos visão pró-vacina, apresentada no discurso do médico, e visão antivacina, defendida por sua interlocutora. Em outras palavras, a apresentação dessas diferentes perspectivas em relação à vacinação no momento sócio-histórico vivido no Brasil e no mundo caracteriza uma marca cronotópica no enunciado em análise. Anteriormente ao período pandêmico, os efeitos de sentido produzidos pelos mesmos signos não teriam a mesma relação com questões político-ideológicas que tiveram no Brasil depois de fevereiro de 2020, quando surgiram os primeiros casos de covid-19. Para melhor análise desse *post*, apresentamos, no Quadro 21, a legenda e os comentários dos internautas que interagiram com a publicação à época em que foi postada.

Quadro 21: Descrição da postagem House e antivacina, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.

POSTAGEM	LEGENDA	COMENTÁRIOS	DESCRIÇÃO DO PERFIL
#vacina 04/09/2020		1. Eu amo esse ep ainda mais nos dias atuais 2. Legal é que esse movimento antivacina começou nos EUA justamente porque as vacinas lá SÃO PAGAS!!! A questão primordial é financeira... De fato, um lucro enorme para a indústria farmacêutica, o que é errado, mas não quer dizer que não seja importante se vacinar), já aqui não temos esse problema, mas o povo adere simplesmente por babar ovo dos EUA e acreditar cegamente em teoria da conspiração e historinha fantástica 3. Adoro esse pessoal que não gosta de vacina e vai no médico pra se curar. Hipocrisia. 4. Esse episódio deveria passar em loop até as pessoas entenderem a importância da vacinação. 5. Amo House	Divulgando a ciência com camisetas desde 2013.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

No Quadro 21, em que são demonstradas as condições contextuais de produção do enunciado “House e antivacina”, identificamos comentários que expressam posicionamentos ideológicos que se assemelham ao locutor do enunciado. A própria legenda apresentada pelo responsável pela postagem também indica o posicionamento pró-vacina do locutor, por meio do uso do adjetivo “grande” ao qualificar “dr House”, que rechaça a postura antivacina de sua interlocutora no *post*. Há, no comentário 2, uma concordância parcial à ideologia antivacina da mãe do bebê, quando uma usuária da rede social Instagram justifica esse movimento nos Estados Unidos, pelo fato desses insumos não serem ofertados gratuitamente à população, conforme escreve em letras caixa alta o sintagma “SÃO PAGAS”, seguido por pontos de exclamação para enfatizar sua concordância parcial com a ouvinte de House. No entanto, na segunda metade de seu comentário, que surge como um novo elo na cadeia discursiva dialogando com a postagem, identificamos também posicionamento pró-vacina, visto que a internauta, por meio da expressão “não temos esse problema”, faz menção à gratuidade da vacina anticovid no Brasil e, além disso, utiliza o signo ideológico “baba ovo” ao se referir ao comportamento subalterno do povo brasileiro aos Estados Unidos, que a seu ver demonstra não ter suas próprias razões, uma vez que não precisam pagar pelas vacinas.

No comentário 3, uma outra interlocutora utiliza também a ironia como estratégia argumentativa. A locutora desse enunciado emprega o verbo “adoro” para se referir a “esse pessoal que não gosta de vacina e vai no médico pra se curar”. O enunciador absurdo é identificado no nível do posto, na sequência, pelo uso do substantivo “hipocrisia”. Para Passetti (1995), há, no enunciado irônico, necessariamente, uma contradição de posicionamentos ideológicos, o que se aplica à postagem “House e antivacina”, pois não há como adorar uma atitude hipócrita, termos utilizados em um mesmo enunciado para descrever uma mesma conduta. No Quadro 22, apresentamos os posicionamentos ideológicos do locutor, do enunciador sério e do enunciador absurdo para análise.

Quadro 22: Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem House e antivacina.

Posicionamento ideológico explícito (enunciador absurdo)	Posicionamento ideológico implícito (enunciador sério)	Posicionamento ideológico locutor do enunciado
Deixar de vacinar crianças é uma boa opção para mães de bebês, pois o comércio de pequenos caixões é um ótimo negócio.	As crianças devem ser vacinadas para não morrerem precocemente por falta de prevenção de doenças.	Pró-vacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

No Quadro 22, destacamos a polifonia de vozes apontada por Ducrot (1987), ao observarmos os diferentes enunciadores presentes no mesmo enunciado. Corroborando a ideia de Brait (2008) e Passetti (1995), apontamos a identificação do posicionamento ideológico do locutor do enunciado e a desidentificação em relação ao posicionamento do enunciador absurdo. Constatamos o posicionamento pró-vacina assumido pelo locutor a partir da análise da legenda e da autodescrição, na qual o internauta responsável pela postagem se apresenta como um divulgador de Ciência por meio de camisetas. Ao se intitular como alguém que se importa com a “Ciência”, observamos, no cronotopo pandêmico, a valorização atribuída a esse signo nesse tempo-espaco específico no qual os “amigos” da Ciência assumem, em geral, posicionamento ideológico distinto ao do governo federal em relação ao manejo da pandemia – modelos antivacina, marcados pela valorização do discurso anti-ciência (Empoli, 2020).

A postagem "House e antivacina" exemplifica como os gêneros discursivos migram e se ressignificam em diferentes campos de comunicação. A transposição do trecho da série televisiva para o ambiente do Instagram representa mais do que uma simples reprodução; constitui uma reapropriação criativa que atualiza o diálogo original, reinserindo-o no contexto do debate vacinal pandêmico. Nesse processo, o locutor assume um papel ativo de curadoria

discursiva, selecionando e recortando um enunciado da cultura midiática para responder aos embates ideológicos de seu próprio tempo. A escolha não é neutra: ao eleger House como porta-voz de sua posição, o locutor utiliza o capital de autoridade científica associado ao personagem, estabelecendo uma cadeia discursiva que conecta a ficção televisiva às controvérsias sanitárias contemporâneas, demonstrando como os sentidos se constroem através de empréstimos e ressignificações entre diferentes campos culturais (Bakhtin, 2008).

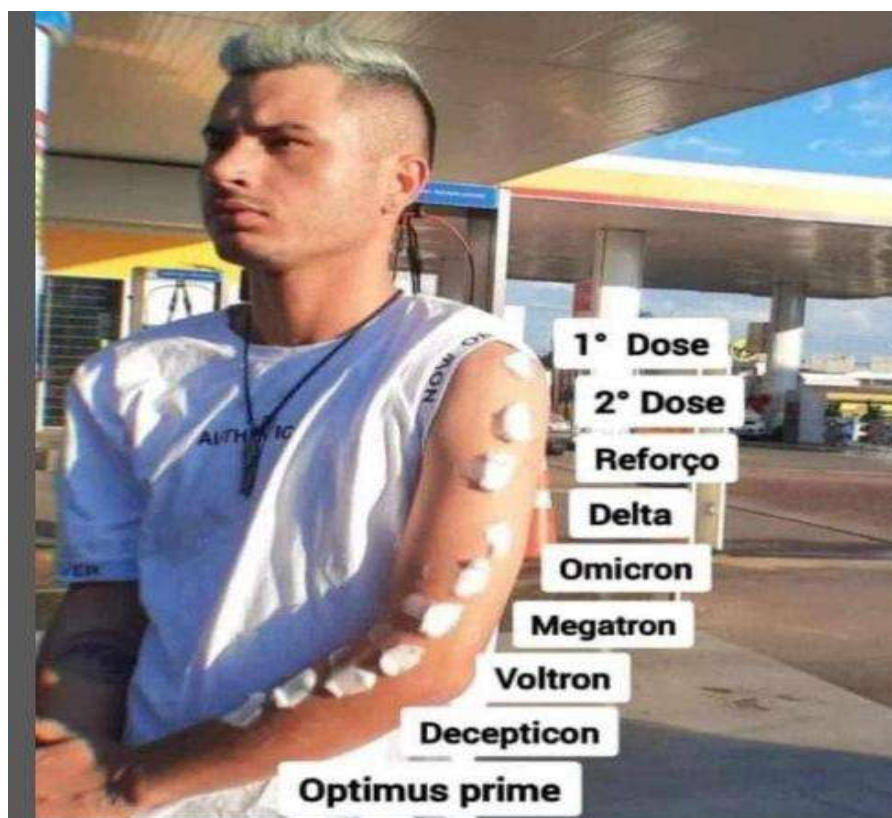
A multimodalidade do *post* apresenta-se fundamental para compreender sua eficácia argumentativa no ecossistema digital. A combinação entre os frames da série e o texto da legenda opera uma síntese cronotópica que condensa tempos e espaços distintos: o tempo da produção original da série (2004-2012) e o tempo pandêmico (2020), o espaço ficcional do consultório médico e o espaço virtual do Instagram. Esta justaposição gera um terceiro sentido, amplificado pela economia de atenção característica das redes sociais. Os comentários analisados no Quadro 21 funcionam como testemunho dessa ressonância dialógica, na qual os interlocutores não apenas recebem o enunciado, mas o completam com suas próprias experiências e posicionamentos, exemplificando o conceito de compreensão responsiva ativa (Bakhtin, 2008). A menção à gratuidade das vacinas no Brasil, por exemplo, expande o diálogo para além do quadro original, incorporando especificidades do contexto nacional à discussão, demonstrando como os enunciados nunca são completamente fechados, mas sempre abertos a serem refletidos e refratados por vozes sociais diversificadas.

4.2.2. *Enunciados da hashtag #vacina sem o signo linguístico “vacina” explícito*

Neste capítulo, apresentamos três postagens obtidas na rede social Instagram, no cronotopo pandêmico, obtidas pela hashtag vacina sem o signo ideológico “vacina” expresso verbalmente. Encontramos outros signos diversos à palavra “vacina” propriamente dita, que também remetiam à questão vacinal, de grande relevância no cronotopo pandêmico. A partir dessa perspectiva, valorizamos a refração do signo, apontada por Bakhtin (2008), ao concluir que esse postulado destaca a natureza dinâmica e social da linguagem, onde o valor do signo é construído e reconstruído nas interações sociais e discursivas. Ao selecionarmos *posts* em que o signo “vacina” não está posto, encontramos novos signos que produzem sentidos parecidos e sendo valorados de acordo com o contexto social no momento de sua publicação.

Na Figura 12, denominado por nós como “Vacinas e microchips”, embora exista referência a uma pessoa com marcas de picadas de vacina, o signo não está explícito, levando à inclusão do *post* neste capítulo. Há uma menção a um desenho animado e a filmes (portanto de outros campos culturais) e o interlocutor precisa ter alguns conhecimentos prévios para chegar aos sentidos desejados pelo locutor do enunciado. Os aspectos verbais e imagéticos são apresentados na figura que segue:

Figura 12: Vacinas e microchips



Fonte: Instagram

Destacamos, para a análise deste *post*, a relevância de aspectos verbais e imagéticos na produção dos sentidos. Há, na imagem, um homem jovem, em frente a um posto de combustível, vestido de camiseta branca com um colar, cabelos descoloridos, raspados na lateral. A expressão no rosto é séria com olhar perdido e em seu braço esquerdo há, hiperbolicamente, dez pedaços de algodão semelhantes aos que são colocados sobre uma picada de injeção ou de vacina após atendimento em ambiente ambulatorial ou hospitalar. Ao lado do braço com as marcas existem nomes que parecem corresponder aos curativos de algodão. Mesmo não havendo a verbalização do signo linguístico “vacina” no texto verbal, é evidente a relação do *post* com as questões sócio-histórico-ideológicas que se destacam no cronotopo

pandêmico no Brasil. A data da postagem, dia 24 de janeiro de 2022, e o suporte em que se fez a publicação, a rede social Instagram, remetem diretamente à questão vacinal, vastamente discutida nesse tempo-espaço. Nessa data, no contexto brasileiro, a vacinação já havia sido iniciada há pouco mais de um ano, e ainda assim havia muitos casos da doença acontecendo. No entanto, como advertido por vários cientistas à época, a maioria das pessoas vacinadas que se infectavam pelo coronavírus apresentavam sintomas mais brandos, com menor risco de mortalidade que aqueles que não haviam se vacinado. Embora essa informação fosse amplamente divulgada pelos meios televisivos de comunicação, pela internet se espalhavam ainda diversas publicações contestando a eficácia da vacina, como é possível vermos pela análise do *post*.

Na linguagem imagética, a utilização do braço esquerdo para as supostas picadas de vacina remete a uma associação do uso desse insumo aos opositores do governo de Bolsonaro (“esquerdistas”), que pressionavam a instituição governamental para aquisição e aplicação de doses. Além disso, a oposição questionava os discursos antivacina do então presidente Bolsonaro em suas *lives* e as falas que desmereciam a eficácia vacinal durante a explosão de casos de covid-19 no Brasil. Dessa forma, a escolha do lado do jovem para as vacinas aparenta ser proposital, como uma metonímia que critica o discurso pró-vacina, comum nas falas dos opositores à conduta dos dirigentes da pasta do Ministério da Saúde.

O texto verbal, pelas expressões “1ª dose”, “2ª dose” e “reforço”, dispostas ao lado das primeiras picadas de cima para baixo indica ao interlocutor que se trata das vacinas anticovid, tendo em vista que esse era o assunto predominante em todas as arenas discursivas da época. Sendo assim, conforme cita Passetti (1995), conhecer o contexto é imprescindível para que o sentido irônico seja produzido. Adaptando a perspectiva da autora para nosso referencial teórico, podemos dizer que os signos são valorados para além do texto, e fazem parte de uma tessitura que compõe um discurso que relaciona diferentes campos.

Ainda em relação aos aspectos imagéticos, em uma descida, indicando a decadência do discurso pró-ciência, são apresentados ao interlocutor os substantivos próprios “Delta” e “Ômicron”, representando as novas variantes do vírus que transmite a doença, enfatizando que, mesmo após tomar as doses das vacinas e o reforço, um indivíduo ainda pode ser infectado pelas novas variantes, ou seja, há um indício da possibilidade de ficar doente apesar do seguimento das recomendações dos cientistas de se vacinar. Ainda assim, a crítica à vacina não termina aí. Na parte mais inferior da imagem, são listados quatro novos nomes ao lado dos curativos. Esses, por sua vez, fazem menção a nomes de robôs, personagens da série de filmes

“Transformers”, baseada em uma linha de brinquedos robóticos com o mesmo nome. Tal associação valoriza o discurso que ganha força entre os antivacinas, que defende a ideia conspiratória de que as vacinas são meios de inserir microchips para controlar a população. A ironia, estratégia argumentativa que trabalha com a repulsão de ideias contrárias às do locutor, foi empregada neste *post* pelo conjunto de sentidos produzidos pela associação entre imagens e palavras. A expressão séria do rapaz vacinado e a postura corporal robótica indica sua transformação aos poucos em um robô pela inserção de microchips vacinais que produziram tal efeito.

A contradição irônica se dá ao associar a vacina – um produto farmacêutico que custa dinheiro e tem a finalidade de produzir uma boa ação, a de imunizar – à decadência de transformar alguém em robô pela introdução de microchips em forma de doses. Há uma ambiguidade de sentidos para a vacinação e toda a eficácia dessa forma de prevenção é desmoralizada. No Quadro 23, apresentamos as bases contextuais da publicação e os comentários dos interlocutores no período da postagem:

Quadro 23: Descrição da postagem Vacinas e microchips, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.

DATA DA POSTAGEM	COMENTÁRIOS	DESCRIÇÃO DO PERFIL
24/01/2022	1. Ainda tem o outro braço 2. Kkkkkkkooooooooo 3. Tratamento precoce sempre teve. Quero ver quem vai ser o responsável por todas essas mortes e sequelas deixadas em milhões de pessoas???	Cirurgião dentista com mais de 40 anos de experiência na área

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Conforme a descrição apresentada no quadro acima, o responsável pela postagem do enunciado é auto-descrito como cirurgião dentista, categoria profissional que se enquadra entre os profissionais de saúde. Mesmo assim, a ideologia antivacina predomina a partir da leitura do enunciado. Chama a atenção também o surgimento do *post* na pesquisa pela hashtag vacina, devido ao posicionamento anti e não pró-vacina. Em relação aos comentários, identificamos uma ironia no comentário 1, quando o interlocutor afirma “ter o outro braço”, como um oferecimento à colocação de chips para a formação de novos robôs, caso apenas um braço não seja suficiente para isso. Essa afirmação é uma ironia pois, ao contrário de indicar o interesse em ceder outra parte do corpo para vacinação, há um sarcasmo evidente quanto à atitude de deixar-se vacinar, que, pelos sentidos produzidos, pode transformar uma pessoa em robô. O

comentário 2, que imita um riso por meio de uma onomatopeia, aponta para o humor produzido a partir do enunciado irônico, ao passo que, no comentário 3, há uma forte alusão ao discurso de Bolsonaro e outros integrantes de seu governo, ao difundirem a ideia de que o tratamento precoce, com medicamentos sem comprovação científica de segurança e eficácia, seria a melhor alternativa para a prevenção da doença. A internauta ainda utiliza uma pergunta retórica para falar sobre a responsabilização por supostas “mortes e sequelas” decorrentes da adesão à vacinação anticovid. Os comentários mostram um diálogo, conforme apontam Bakhtin e os estudiosos do círculo (2008), elos da cadeia discursiva, em que um enunciado responde a outros enunciados (Volóchinov, 2017). O uso da ironia como estratégia persuasiva serviu como ponto de partida para novos enunciados irônicos.

A agressividade presente no humor irônico potencializa as chances da propagação de discursos de ódio, frequentemente identificados em redes sociais de amplo alcance, como a rede social Instagram, aumentando cada vez mais esse tipo de discurso. No Quadro 24, apresentamos os posicionamentos ideológicos dos enunciadores sério e absurdo, além do posicionamento defendido pelo locutor do enunciado.

Quadro 24: Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciadador absurdo e enunciadador sério da postagem Vacinas e microchips.

Posicionamento ideológico explícito (enunciador absurdo)	Posicionamento ideológico implícito (enunciador sério)	Posicionamento ideológico locutor do enunciado
É necessário tomar várias picadas de vacina com microchips para se tornar um robô	As vacinas não devem ser utilizadas pois são meios de inserção de microchips em humanos.	Antivacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Como descrito no quadro acima, verificamos que o posicionamento do enunciadador absurdo e do locutor do enunciado coincidem entre si e diferem da descrição da hashtag pela qual foi encontrado em pesquisa na rede social Instagram. Esse fato, conforme já mencionado, contraria a ideia de que a hashtag é sempre uma ferramenta argumentativa, visto que utilizando a #vacina, foram encontrados *posts* com posicionamento ideológico pró-vacina e antivacina, como o apresentado na Figura 12. Isso pode ser explicado pela ideia de alguns influenciadores digitais de utilizar, para uma mesma postagem, mais de uma hashtag com a finalidade de que essa postagem tenha um maior alcance. Identificamos a polifonia de vozes destacada por Ducrot (1987) em suas análises, representadas pela voz que incentiva o interlocutor a utilizar as vacinas para se tornar um robô (enunciador absurdo) e pela outra voz que defende a não utilização de

vacinas para evitar a inserção de microchips em massa como forma de controle da população (enunciador sério).

Na figura 13, uma charge da autoria de Samuel de Gois, intitulada por nós como “Opinião e poliomielite”, analisamos um enunciado também obtido por pesquisa pela hashtag “vacina”. Embora a publicação seja de janeiro de 2024, período no qual o Brasil apresentava média diária de 30 mortes por covid-19 (BRASIL, 2024), e a OMS já havia declarado fim da pandemia, a postagem foi elencada entre as do corpus de análise por tratar de um assunto resultante das questões sócio-histórico-ideológicas que regem o cronotopo pandêmico: o limite entre o direito à liberdade de individual e o risco das escolhas individuais fazerem mal à coletividade. Há uma composição de linguagem verbal e imagética, que leva à produção dos sentidos irônicos a partir de sua leitura. A figura traz uma charge em que um humano conversa com um cachorro a respeito da opinião das pessoas e as consequências dessa opinião, sendo a “volta da poliomielite” apontada pelo cão como uma consequência de pensamentos “simpáticos” de pessoas que defendem suas opiniões.

Figura 13: Opinião e poliomielite



Fonte: Instagram

No *post* apresentado, identificamos duas figuras que externam posicionamentos ideológicos diferentes em relação ao respeito às opiniões dos outros. Há um homem passeando com um cachorro enquanto conversam durante a caminhada. O cachorro está preso a uma

coleira, segurado pelo homem, que o domina. O humano utiliza óculos que escondem os seus olhos e apresenta expressão facial séria, sem qualquer emoção aparente. O cão, por sua vez, caminha com aspecto cansado, olhos fechados e língua de fora, sem interação afetiva com o humano que o domina. Mesmo assim, as duas caricaturas conversam entre si. Primeiramente, o humano utiliza a expressão “todo mundo” como sujeito da oração cujo verbo é “tem” e o complemento “um ponto de vista”. Nesse caso, o sintagma nominal composto pelo pronome indefinido que assume função sintática de sujeito representa as pessoas conhecidas também como “gado” ou “massa” no cronotopo pandêmico. O sintagma “ponto de vista”, por sua vez, significa uma perspectiva sobre determinado assunto que, pelo fato de o enunciado ter sido obtido pela hashtag “vacina”, podemos inferir que esse assunto tem grandes chances de estar relacionado à vacina. No entanto, o que se constata pela leitura da voz social representada pelo humano é a ideia de que a vacina é um assunto sobre o qual é possível ter um ponto de vista. Há, novamente, uma relação dialógica do ponto de vista da ciência (pró-vacina) com a liberdade de expressão, aqui associada ao ponto de vista antivacina, ou anticiência. Para esse indivíduo, que representa outros indivíduos com o mesmo posicionamento ideológico, é um direito ter opinião sobre a vacina, um insumo defendido pela Ciência como principal forma possível de redução de mortes pela pandemia de coronavírus. O que esse indivíduo não menciona em seu discurso com o seu cão é o fato de que, ao ter um ponto de vista contrário ao uso da vacina, não só a sua vida poderá ser colocada em risco como também a das pessoas com as quais conviva, caso infectado pela doença. Essa ideia se concretiza pelo do verbo “deviam”, no segundo balão de fala. Esse posicionamento de que as pessoas têm direito à opinião, a dizerem o que quiserem, mesmo proferindo discursos de ódio contra etnias, comunidades LGBTQIAPN+, crenças religiosas etc., reflete a posição dos seguidores de Bolsonaro.

É importante considerarmos que, no cronotopo pandêmico, as pessoas que normalmente não “respeitam” a opinião dos outros são aquelas que deixam claro a importância da vacinação e a necessidade de que todos se vacinem, uma vez que o salvamento de vidas pela profilaxia vacinal não pode depender de uma opinião, visto que a saúde é um direito garantido pela Constituição Federal Brasileira e não resultado de uma opinião ou bondade governamental pelo suprimento desses insumos.

A ironia, por sua vez, ganha forma na fala do cão - inclusive no fato de ele falar - ao responder às indagações de seu humano. O emprego do adjetivo “lindo” produz o sentido irônico, visto que, ao continuar sua fala, o cachorro menciona a “volta da poliomielite”, uma doença já erradicada no Brasil desde 1990 pela adesão em massa à vacina oral contra a

poliomielite, representada pela figura do “Zé gotinha”. A contradição irônica expressa por Passetti (1995) se dá pelo contraponto entre o adjetivo “lindo” e o sintagma nominal “pensamentos simpáticos como esse” à grande perda em saúde pública que seria a incidência de novos casos de poliomielite, uma doença totalmente prevenível por meio da imunização. A contrariedade entre “lindo”, “simpático” *versus* “poliomielite” é o que marca a ironia na postagem. Os sentidos irônicos produzidos advêm da humanização do animal que se destaca diante da bestialidade do humano, contradições estas que chamam a atenção do interlocutor e reforçam a ideia da irracionalidade atribuída ao pensamento anticientífico antivacina. O cachorro, por sua vez, um animal irracional, que teoricamente desconhece a importância do conhecimento científico, apresenta um pensamento com maior proximidade à lógica científica do que o próprio humano.

Embora o signo “vacina” não tenha sido utilizado pelo produtor do *post*, nota-se a influência do cronotopo pandêmico na publicação desse enunciado na rede social Instagram. A voz social representada por Lucas, o dono do animal nesse contexto sócio-histórico compactua com os dizeres antivacina que emergiram nesse espaço-tempo. O respeito à opinião dos outros, conforme reivindica o humano, é dito, em outras palavras, como liberdade de escolha, direito de ir e vir, entre outras liberalidades defendidas pelo governo de Bolsonaro. Há uma voz social que defende o direito individual acima do coletivo e outra voz que valora as consequências negativas da preponderância dos direitos individuais em relação aos coletivos. No Quadro 25, são descritos os comentários vinculados à postagem logo após a publicação:

Quadro 25: Descrição da postagem Opinião e poliomielite, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.

DATA DA POSTAGEM	COMENTÁRIOS	DESCRIÇÃO DO PERFIL
#vacina 22/01/2024	1. Opinião de saúde pública sem estudo? Isso sequer pauta. 2. O ser humano não vai querer entender o que os animais tem a dizer não. 3. Esse cão não morde, mas humilha. 4. Todos têm direito a uma opinião, desde que não seja patética. 5. Vai respeitando opinião e gesto de nazy pra ver o que acontece.	Arte pode salvar – mas não precisa.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

No Quadro 25, são apresentados os diálogos dos internautas em relação à postagem “Opinião e poliomielite”. Além dos comentários, destacamos a autodescrição do perfil do

responsável pela publicação do enunciado no Instagram. Ao expor a ideia de que “a arte pode salvar, mas não precisa”, subentendemos que muitas vezes, como no caso do *post* em análise, um problema é muito óbvio e poderia ser solucionado sem intervenção artística. Entretanto, parece que os meios artísticos são utilizados para evidenciar o que deveria ser óbvio, no caso do *post*, a necessidade da vacinação.

Quanto aos comentários, encontramos sessenta e quatro para a postagem, porém selecionamos apenas os que entendemos como os cinco mais relevantes para ilustrar a discursividade presente no enunciado. Há, no comentário 1, uma pergunta retórica que traz palavras com sentidos opostos dentro do cronotopo pandêmico: “opinião” *versus* “estudos”. Essa pergunta remete à ideia de que não há opinião válida sem comprovação científica, o que marca a concordância do posicionamento ideológico pró-vacina do comentarista com o do locutor do *post*. No comentário 3, o emprego do verbo “humilha” denota uma ação que o cão – com posicionamento ideológico pró-vacina – realiza em relação aos antivacina: toca em um assunto inquestionável, a volta de uma doença já erradicada anteriormente por vacina. Sua opinião se faz incontestável pelo emprego do verbo citado. No comentário 5, o interlocutor menciona o substantivo “nazy”, estabelecendo relação do posicionamento antivacina à ideologia nazista. O emprego da expressão “vai respeitando opinião” contraria o que supõe Lucas, tendo em vista que respeitar a opinião de alguém que não deseja se vacinar é comparável ao que os nazistas fizeram, aos poucos infundindo ideias racistas, expansionistas e totalitárias sob o signo “opinião”. No entanto, para o cão, a opinião apenas é válida quando não causa prejuízos a outras pessoas, como a transmissão da covid-19 pela falta da imunização. No quadro 26, apresentamos as descrições dos posicionamentos ideológicos representados pelas figuras discursivas (Ducrot, 1987) da postagem Opinião e poliomielite.

Quadro 26: Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Opinião e poliomielite.

Posicionamento ideológico explícito (enunciador absurdo)	Posicionamento ideológico implícito (enunciador sério)	Posicionamento ideológico locutor do enunciado
A opinião das pessoas deve ser respeitada mesmo que essa opinião traga de volta ao Brasil casos de poliomielite.	As opiniões antivacina devem ser repreendidas pois a adesão a movimentos antivacina pode trazer de volta doenças já erradicadas.	Pró-vacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Como visto no quadro, identificamos a convergência de posicionamento ideológico do enunciador sério ao do locutor do enunciado. Ao advertir sobre o uso do signo ideológico “opinião”, o responsável pelo enunciado levanta um questionamento ao discurso de extrema

direita que defende a total liberdade de escolha em relação ao manejo da pandemia de covid-19. Nesse *post*, podemos destacar a discursividade presente nessa palavra, pois, no discurso do governo e seus apoiadores, mencionar o “respeito à opinião” se fazia uma ferramenta muitas vezes útil na relativização do peso da pandemia e dos efeitos catastróficos na saúde pública comprovados por índices elevadíssimos de morte pela doença.

A charge "Opinião e poliomielite" opera uma sofisticada refração discursiva ao ressignificar o signo ideológico "opinião", tão caro ao discurso antivacina. Através do diálogo entre homem e cachorro, o locutor desloca esse termo de seu contexto valorativo original, que o associa a liberdades individuais, para inseri-lo em uma cadeia discursiva de consequências coletivas catastróficas. Um elemento relevante da construção dialógica reside em fazer do cão, tradicional símbolo de lealdade e instinto de preservação, a voz da razão científica que desmonta a falsa equivalência entre opinião e evidência científica. Esta estratégia dialógica exemplifica como a ADD compreende os signos como arenas de disputa, onde significados são constantemente renegociados através de relações de força ideológica.

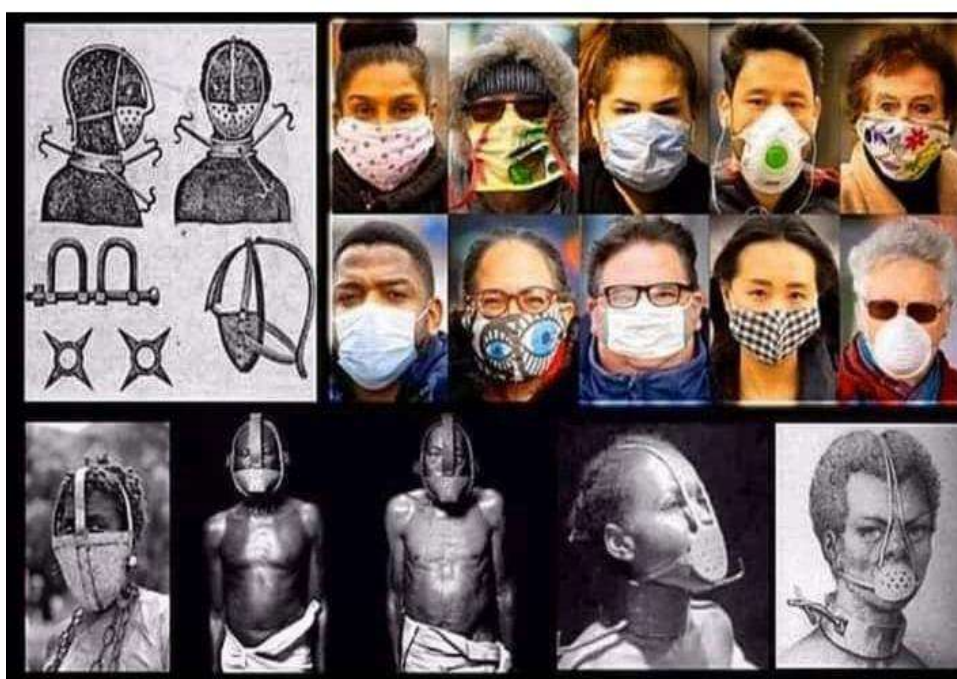
A entonação valorativa que perpassa o enunciado mostra-se particularmente aguda na justaposição entre o adjetivo "lindo" e a menção à "volta da poliomielite". Essa dissonância axiológica, longe de ser mero recurso retórico, materializa o que a teoria bakhtiniana identifica como tonalidade dialógica, ou seja, a capacidade do enunciado de incorporar e responder a diferentes horizontes valorativos em tensão. Os comentários analisados no Quadro 25 demonstram como os interlocutores captam essa tonalidade, amplificando-a através de comparações com o nazismo (comentário 5) e da ênfase na humilhação discursiva (comentário 3). Essa recepção ativa confirma que a ironia funcionou como um dispositivo da comunidade interpretativa, congregando sujeitos em torno de uma compreensão compartilhada sobre os perigos da relativização científica.

O cronotopo pandêmico manifesta-se nessa charge não através de referências diretas à covid-19, mas na maneira como articula passado, presente e futuro imaginado. A menção à volta da poliomielite, doença erradicada no Brasil desde 1990, projeta um futuro temível como consequência direta de posturas adotadas no presente. Esta operação cronotópica expande as fronteiras temporais do debate vacinal, conectando conquistas sanitárias históricas aos riscos contemporâneos. A descrição do perfil ("Arte pode salvar - mas não precisa") reforça essa lógica ao sugerir que algumas verdades deveriam ser autoevidentes, tornando desnecessária sua explicitação através da linguagem artística. Essa declaração metadiscursiva revela como o

locutor posiciona sua produção dentro do horizonte social da pandemia, no qual a arte assume funções de intervenção urgente em debates que transcendem o campo da estética.

Na figura 14, intitulada “Castigo de escravos e pandemia de covid-19”, apresentamos a terceira postagem selecionada para este capítulo, obtida por pesquisa pela hashtag vacina, sem que o signo linguístico propriamente dito esteja explícito. Há, na figura, uma analogia ao uso de máscaras anticovid ao uso de máscaras na escravidão. Na legenda da postagem, seu responsável, Blogueiro cristão, como se autodescreve, atribui o signo “histeria” para fazer menção ao uso de máscaras, relativizando e a gravidade da pandemia e validando o discurso de Bolsonaro ao mencionar a covid-19 como uma “gripezinha”. A postagem foi publicada em 13 de maio de 2020, dia em que se comemora a abolição da escravatura no Brasil. Ironicamente, a elite antivacina, de forma contraditória, associa-se aos escravizados para produzir o efeito de sentido irônico presente no enunciado.

Figura 14: Castigo de escravos e pandemia de covid-19



A histeria em torno do uso dessas máscaras não tem a ver com saúde, tem a ver com condicionamento, submissão.

→ Nos tempos antigos os escravos tinham sua boca coberta por máscaras. E agora nós temos também. A máscara é um símbolo de escravidão e submissão e somos simples escravos da ELITE MUNDIAL. Tudo isso para nos mostrar quem está no controle ...desperte dessa matrix ! !

Fonte: Instagram

No *post* em análise, há uma sequência de imagens que levam o interlocutor à produção de sentidos. Na data da publicação, maio de 2020, a vacinação anticovid ainda não havia chegado ao Brasil, sendo o uso de máscaras e o isolamento social as únicas alternativas para a prevenção da doença. Inicialmente, no canto superior direito, há em preto e branco, representações de dois sujeitos escravizados utilizando máscaras de flandres, uma liga metálica à base de ferro que, mergulhada em estanho, é usada na fabricação de vários utensílios. No período da escravidão, essa máscara era utilizada como castigo aos escravizados, impedindo-lhes de comer e beber após terem descumprido regras do regime escravocrata. Há também na postagem mais abaixo imagens de utensílios de tortura em preto e branco, seguida por uma sequência de rostos representando escravizados sendo torturados com a mesma máscara. No canto inferior direito da imagem, há a imagem da escrava Anastacia, uma mulher brasileira escravizada, que foi obrigada a utilizar essa máscara por se recusar a ter relações sexuais com o seu senhor de escravos. A imagem de Anastácia é uma reprodução da pintura de Jacques Etienne Arago, um pintor francês, que em sua arte fez uma crítica social à escravidão brasileira em 1839. Uma questão a ser levantada é a temática abordada tanto por grupos antivacinas como por pró-vacinas. Enquanto os grupos pró-vacinas atacam Bolsonaro via religião, como vimos nas Figuras 3 e 9, a direita ultraconservadora antivacina apela para questões sociais, como a escravidão, tema do *post* em análise. Faz-se um vitimismo da classe que não quer se vacinar, ao atribuir à obrigatoriedade da máscara a uma privação de liberdade que se assemelha ao tratamento dado aos escravizados no Brasil anterior ao período marcado pela assinatura da Lei Áurea, em 1988.

Na leitura do *post*, identificamos imagens em preto e branco – representadas pelas imagens de escravizados – e figuras coloridas – fotos de pessoas utilizando máscara com roupas e utensílios comumente utilizados na atualidade. Essas pessoas apresentam traços diferentes, indicando ser de diferentes nacionalidades, idades e classes sociais. Os dez rostos das imagens, quatro homens e seis mulheres, representam rostos de orientais, pretos, brancos e pardos, fortalecendo a ideia de que o uso de máscaras se faz presente em todos os continentes.

A postagem é um enunciado irônico pois o locutor do enunciado, ao apresentar ao interlocutor uma imagem considerada pelo senso comum como adequada para a manutenção da saúde, associa o elemento “máscara” anticovid ao elemento “máscara de flandres”, pró-escravidão. O que está posto é absurdo, o que dá o caráter irônico, uma vez que a escravidão com máscaras de flandres não voltará a ocorrer, de acordo com a Declaração Universal de Direitos Humanos, ao expressar que liberdade é direito de todo ser humano. A metáfora tem

como finalidade rechaçar indivíduos que aderem ao uso de máscaras e levam a sério a necessidade de contenção do vírus, explicitando uma união do locutor e seu interlocutor que visa a humilhação de interlocutores com posicionamento ideológico contrário, conforme explica Passetti (1995). Há uma valoração da máscara como prisão. No Quadro 27, são apresentados a legenda, os comentários e a autodescrição do perfil da rede social Instagram relacionados à postagem.

Quadro 27: Descrição da postagem Castigo de escravos e pandemia de covid, segundo data de publicação, legenda, comentários de descrição do perfil.

POSTAGEM	LEGENDA	COMENTÁRIOS	DESCRIÇÃO DO PERFIL
13/05/2020		1) Calados em meio ao caos 🤖 2) Agora sente o Negro Drama 3) Verdade 🙏🙏🙏	Blogueiro(a) Cristão Conservador Desperto 🔴 → "A visão é inútil quando a mente é cega". Vamos despertar e expandir a dimensão da mente?

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Na análise dos comentários do Quadro 27, encontramos o posicionamento ideológico do locutor do enunciado explicitamente descrito na legenda da postagem. A frase “e agora nós temos também”, pelo uso do verbo “temos”, atrela o uso forçado de máscaras pelos escravizados ao cronotopo pandêmico, momento histórico no qual a máscara é oferecida como solução para contenção da pandemia de covid-19. Há um reforço positivo para aqueles que se recusam a usar a máscara e uma crítica aos que fazem uso. Esse diálogo reforça os aspectos teóricos defendidos por Bakhtin e seu círculo, sobre o dialogismo ao destacarem que a linguagem é vista como substância viva, concreta e que acontece na comunicação em forma de diálogos assumidos por sujeitos, com posicionamentos ideológicos que não se desvinculam do que enunciam (Volóchinov, 2017). Em outras palavras, há um embate entre as ideologias pró e antivacina, por meio da relativização da pandemia ao condenar o uso de máscara, comparando-o a uma forma de escravidão, com a finalidade de atingir moralmente as pessoas que se importam com o caos. No Quadro 28, apresentamos os posicionamentos ideológicos dos enunciadoreis sério e absurdo, além do posicionamento do locutor do enunciado referente à postagem “Castigo de escravos e a pandemia de covid-19”.

Quadro 28 - Apresentação do posicionamento ideológico do locutor, do enunciador absurdo e enunciador sério da postagem Castigo de escravos e pandemia de covid-19.

Posicionamento ideológico explícito (enunciador absurdo)	Posicionamento ideológico implícito (enunciador sério)	Posicionamento ideológico locutor do enunciado
É normal utilizar máscaras e viver como os escravizados viviam utilizando suas máscaras de Flandres.	A adesão ao uso de máscaras tira a liberdade das pessoas que utilizam esses insumos.	antivacina

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025)

Embora a vacina não tenha sido citada no *post* em análise, a relativização da pandemia é uma forma de negação do discurso da Ciência e, conseqüentemente, da necessidade da vacina, o que nos faz categorizar a publicação apresentada como uma publicação irônica antivacina. Há uma provável associação de sujeitos com ideologia anti-máscara à ideologia antivacina. A ironia presente como recurso argumentativo marca os posicionamentos ideológicos do enunciador sério e locutor que coincidem, rechaçando a ideologia pró-vacina presente no enunciador absurdo, alvo do discurso irônico.

Vemos, portanto, que a postagem opera uma refração violenta ao forjar uma analogia entre o signo "máscara" no contexto escravocrata e no contexto pandêmico. O locutor, ao justapor essas realidades historicamente inconciliáveis, esvazia o significado original da máscara de flandres como um instrumento de tortura e subjugação racial, ressignificando a máscara cirúrgica como um suposto emblema de opressão global. Essa operação discursiva, longe de ser ingênua, mostra um projeto ideológico que se apropria de forma indigna do sofrimento histórico da população negra para servir a uma agenda negacionista contemporânea. A legenda, ao utilizar o termo "histeria", ecoa e reforça ativamente o discurso oficial do governo Bolsonaro, que minimizava a gravidade da covid-19. Dessa forma, o enunciado se insere em uma cadeia discursiva específica, respondendo a vozes do poder e refratando o discurso científico de forma a desqualificá-lo.

Sob a perspectiva cronotópica, o locutor comprime temporalidades distintas para criar um falso continuum histórico. A publicação, datada de maio de 2020, auge da primeira onda pandêmica e antes da disponibilidade de vacinas, funde artificialmente o passado traumático da escravidão com o presente de crise sanitária. Essa fusão é um gesto ideológico que busca enquadrar as medidas de saúde pública em uma narrativa de conspiração e dominação secular ("ELITE MUNDIAL"). A autodescrição do perfil como "Blogueiro(a) Cristão" e "Conservador Desperto" atua como um selo de autenticação que mobiliza um ethos de suposta lucidez e moralidade, convocando uma comunidade interpretativa específica a aderir a essa visão

distorcida. Os comentários, como "Calados em meio ao caos" e "Agora sente o Negro Drama", demonstram a eficácia dessa estratégia, mostrando como os interlocutores não apenas compreendem a ironia perversa, mas também a incorporam, completando o circuito dialógico através de uma adesão que banaliza tanto a história da escravidão quanto a gravidade da pandemia.

As análises dos *posts* da hashtag #vacina que não trazem o signo linguístico explícito demonstra a sofisticação dos discursos e a virulência dos discursos antivacina no cronotopo pandêmico. Estes *posts*, através de operações complexas de refração, analogias abusivas e manipulação cronotópica, atacavam os alicerces do debate sanitário sem precisar nomeá-lo diretamente.

O *post* "Opinião e poliomielite", por sua vez, exemplifica a sofisticada estratégia dialógica pró-vacina de ressignificar o signo ideológico "opinião", deslocando-o de uma premissa abstrata de direito individual para inseri-lo em uma cadeia axiológica de responsabilidade coletiva e consequências sanitárias históricas, na qual a ironia atua como o mecanismo discursivo que expõe, de forma contundente e acessível, a contradição fundamental entre o relativismo do "cada um com sua opinião" e a materialidade irrefutável das doenças reemergentes.

O exame dessas postagens mostra que a batalha ideológica, no cronotopo pandêmico, trava-se não apenas sobre a palavra "vacina", mas sobre toda uma constelação de signos verbais e visuais relacionados à saúde, à liberdade, à autoridade científica e a questões históricas. Eles confirmam que a arena discursiva do Instagram foi um palco privilegiado onde a luta pelos signos foi tão intensa e decisiva quanto a luta contra o próprio coronavírus, exigindo uma atenção cuidadosa às entonações valorativas apresentadas.

A análise dos enunciados das hashtags #antivacina e #vacina apresentadas demonstra que o cronotopo pandêmico transformou o Instagram em uma arena discursiva na qual a batalha ideológica foi travada por meio de sofisticadas estratégias de linguagem. Seja através da caricatura política, seja da analogia histórica distorcida, seja ainda da metáfora matemática, os *posts* analisados mostram como signos como "vacina", "opinião" e "liberdade" foram intensamente disputados, com a ironia funcionando como recurso dialógico central nesse processo. A fluidez das hashtags, onde conteúdos pró e antivacina circulavam sob as mesmas tags, comprova o caráter dinâmico e polifônico dessas disputas, nas quais o sentido nunca foi estável, mas sempre resultado de uma complexa negociação entre vozes sociais em conflito.

As postagens examinadas confirmam que a ironia transcendeu sua função retórica tradicional para constituir-se como fenômeno discursivo profundamente ancorado no contexto sócio-histórico da pandemia. A eficácia persuasiva dos enunciados irônicos dependeu intrinsecamente do domínio compartilhado de informações contextuais, do repertório cultural comum e da percepção coletiva das urgências sanitárias que caracterizaram o cronotopo pandêmico.

A multimodalidade, característica fundamental dos *posts* do Instagram, mostrou-se essencial para potencializar os efeitos de sentido irônicos, articulando verbal e visual em sínteses que condensam visões de mundo antagônicas. O exame dos comentários demonstrou ainda como esses enunciados funcionavam como elos em cadeias discursivas mais amplas, gerando respostas ativas que tanto corroboravam quanto contestavam os posicionamentos dos locutores.

O conjunto das análises demonstra que o debate vacinal no Instagram durante a pandemia constituiu um rico espaço de disputas ideológicas onde a linguagem mostrou toda sua vitalidade como substância social e histórica. As estratégias identificadas, da carnavalização de figuras políticas à apropriação criativa de gêneros midiáticos, testemunham a capacidade dos sujeitos de utilizar recursos discursivos complexos para intervir nos grandes embates de seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso estudo, a partir das postagens obtidas na rede social Instagram por meio de busca pelas hashtags “vacina” e “antivacina”, identificamos a ironia como estratégia argumentativa, validando a Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot (1987). Essa validação nos permitiu o cumprimento do primeiro objetivo de nosso estudo, que foi identificar os enunciadores sério e absurdo nos *posts* em análise. Em todos os enunciados irônicos deste estudo encontramos ao menos dois enunciadores que surgiram da perspectiva de um único locutor. Essas vozes valoram em si diferentes posicionamentos ideológicos em relação à utilização de vacina no manejo da pandemia de covid-19, o que corrobora as ideias do linguista francês.

No entanto, nossas análises, realizadas a partir dos pressupostos bakhtinianos, divergem das do linguista francês no ponto em que ele desvincula a polifonia de vozes de sua dimensão social, levando-a em consideração apenas no nível do texto. Pudemos verificar, a partir das postagens levantadas, que as condições de produção que se evidenciaram no cronotopo pandêmico contribuíram significativamente para a produção dos sentidos irônicos aqui observados. Fato comprobatório dessa afirmação é o emprego da palavra “vacina” e de imagens que remetam a esse signo em associação a posicionamentos político-ideológicos distintos como os que verificamos em nossas análises. Jogos argumentativos realizados por meio do uso desse signo certamente não surtiriam os mesmos efeitos de sentido observados dentro do cronotopo pandêmico - espaço-tempo em que se realizaram as postagens.

No que diz respeito à responsabilização do locutor pelo enunciado, identificamos, nos discursos, o que Ducrot (1987) aponta em seus estudos teóricos. O locutor se aproxima do posicionamento ideológico do enunciador sério e se distancia ideologicamente do enunciador absurdo. Essa relação de aproximação e distanciamento se dá pelo emprego de marcas textuais que necessitam da participação do leitor para a percepção do processo irônico. Cabe-nos destacar que os apontamentos de Passetti (1995) e Romualdo (2000) também foram evidenciados em nossas análises. A primeira autora associa a produção dos sentidos irônicos vinculada às condições sócio-históricas de produção, ao passo que o segundo evidencia a multimodalidade como fator preponderante para que a ironia se concretize, o que verificamos em todas as postagens analisadas.

O segundo objetivo específico deste estudo, que foi descrever as estruturas linguísticas que desencadeiam efeitos de sentidos irônicos, também foi atingido pelas análises realizadas.

A descrição das estruturas linguísticas presentes nos enunciados possibilitou a associação dessas estruturas aos efeitos de sentido produzidos no cronotopo pandêmico. Observamos o emprego de substantivos, adjetivos, verbos e advérbios na polifonia de vozes presentes nos discursos aqui estudados. Entretanto, apesar desses elementos lexicais terem apresentado relevância na argumentação e na persuasão presentes no discurso irônico, a associação a imagens nos *posts* analisados potencializa significativamente os sentidos produzidos. Desse modo, a complementaridade de texto verbal e não verbal no cronotopo pandêmico, na rede social Instagram possibilitou a produção de humor e sátira, intenção do locutor ao expor o enunciador absurdo na ironia, contemplando o que propomos no terceiro objetivo deste estudo: estabelecer relação entre linguagem verbal e linguagem não verbal para produção de sentidos irônicos.

Todos esses sentidos aos quais nos referimos foram produzidos em uma arena discursiva – o Instagram - que se mostrou um espaço propício a uma imensa profusão discursiva que caracterizou o espaço-tempo da pandemia de covid-19. Isso se torna evidente em nosso estudo, visto que nos *posts* analisados e nos comentários também considerados, verificamos disputas ideológicas entre diferentes grupos sociais, vozes essas que encontraram, nessa rede, um lugar em que pudessem travar disputas acerca do manejo da doença pelas autoridades brasileiras. Damos destaque ao fato de que, entre os *posts* analisados, observamos que houve predomínio do emprego da ironia em enunciados pró-vacina, uma vez que a maioria de nossas análises constatou posicionamento pró-vacina do locutor e do enunciador sério.

O cronotopo pandêmico demonstrou favorecer a profusão de discursos irônicos com posicionamentos ideológicos anti e pró-vacina. Para Bakhtin (2008), o cronotopo funciona como porta de entrada para a produção de sentidos, o que observamos ser verdadeiro em nosso corpus de análise. O contexto político brasileiro, marcado pelo negacionismo gritante como escolha institucional para o manejo da pandemia, despertou sentimentos contraditórios que pudemos identificar a partir do signo “vacina”. Esse fato foi possível de ser verificado pela análise de signos verbais e imagéticos que uniram no mesmo enunciado caricaturas de políticos e figuras públicas brasileiras a elementos relacionados ao manejo da pandemia, como figuras que representavam vacinas e máscaras. Observamos uma intersecção entre diferentes campos da comunicação tais como a da saúde e política, consolidando os dizeres dos estudos do Círculo de Bakhtin ao afirmarem que a língua é viva e dinâmica e se concretiza por meio de uma interação discursiva (Volóchinov, 2017). Embora exista uma “separação” didática dos

campos da comunicação, os enunciados podem perpassar os limites teoricamente estabelecidos, como vimos em nosso trabalho.

Identificamos em nosso estudo exemplos claros de postagens que indicam como a direita ultraconservadora seguidora por Bolsonaro emprega no signo “vacina” elementos de ódio e repúdio, enquanto que apoiadores da ciência demonstram, em suas postagens, valorar positivamente esse signo como estratégia efetiva de combate ao vírus. Inegavelmente, corroborando o que atesta Bakhtin (2008) a respeito do signo, o diálogo entre as diferentes vozes perpassa os limites da saúde, alcançando questões políticas e sociais inabaladas que eclodiram pela desigualdade que se fez evidente na pandemia. A questão do espaço-tempo ganha corpo analisarmos os sentidos produzidos antes e depois do evento pandêmico. A própria vacina e o movimento antivacina, embora presentes na sociedade antes de fevereiro de 2020, receberam novos significados a partir do cronotopo pandêmico que se formou.

Damos destaque também aos conceitos de macro e microcronotopo que se evidenciaram nos *posts* que analisamos. A rede social Instagram surge na internet como um microcronotopo caracterizado por ser uma arena na qual sentidos diferentes daqueles de outros campos da comunicação são produzidos. Os espaços disponibilizados nessa rede possibilitam uma ampla variedade de diálogos com posicionamentos ideológicos distintos. A possibilidade de realizar comentários e trabalhar com textos multimodais, com recursos argumentativos os mais diversos leva a uma profusão discursiva peculiar, que diferenciam a rede de outros espaços-tempos existentes dentro do macrocronotopo pandêmico. Esses resultados indicam o alcance que propomos no quarto objetivo desta pesquisa - analisar os sentidos produzidos, a valoração e as relações dialógicas a partir das condições sócio-histórico-ideológicas presentes no cronotopo pandêmico amplo e estrito.

A multimodalidade demonstrou potencializar os efeitos de sentidos produzidos nos enunciados no microcronotopo do Instagram. Em várias postagens, os sentidos não teriam sido os mesmos se as imagens e textos verbais não tivessem trabalhado em sinergia para a enunciação dos posicionamentos ideológicos dos enunciadores absurdo e sério. Esse é um atributo presente em praticamente todas as publicações da rede social que, por sua vez, para maior engajamento dos sujeitos conectados demanda de estímulos como cores, sons e outros efeitos imagéticos. Em nossas análises, percebemos a composição texto-imagem como uma etapa fundamental irreversível entre os discursos que circulam na internet nessa e em outras redes. Esse parece ser um caminho sem volta que aponta para a necessidade de novos estudos

voltados a esses discursos e seus efeitos em todas os campos discursivos da comunicação humana.

Ainda em relação aos aspectos imagéticos, damos destaque à não-presença do signo ideológico “vacina” entre alguns *posts* com posicionamento ideológico pró-vacina e antivacina. Para a análise desses enunciados, o contexto, nesta pesquisa representado pela autodescrição do perfil do internauta, a legenda da postagem e os comentários dos interlocutores que se manifestaram diante da publicação, foi imprescindível para relacionar os sentidos produzidos à questão vacinal. Esses dados específicos de cada postagem permitiram a análise das condições de produção e, conseqüentemente, a identificação do posicionamento ideológico do locutor do enunciado.

Outro fato curioso é o agrupamento de *posts* com diferentes posicionamentos ideológicos frente à vacinação anticovid utilizando a mesma hashtag, resultado diferente do que esperávamos no início de nossa pesquisa. Foram encontradas postagens pró e antivacina pela busca pelas hashtags vacina e antivacina. Finalmente levantamos o cronotopo pandêmico como um espaço tempo propício à propagação do discurso anticiência na rede social Instagram. A ironia, em nosso corpus de análise empregada como estratégia argumentativa, demonstrou-se uma forma eficaz de apresentação do discurso de ódio nessa arena discursiva.

REFERÊNCIAS

- AMORIN, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 95-114.
- ANDRE, M. Pesquisa, formação e prática docente. In: ANDRE, Marli (Org). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 8 ed. São Paulo: PAPIRUS, 2011. p. 55-69.
- ANDRÉ, H. A. **Gramática Ilustrada**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1978.
- ARAÚJO, F.P.B.; CESARINO JUNIOR, J.P. Multiletramentos e o feminino em memes de alunos do ensino médio do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Educação** v. 26 e260066 2021.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a opacidade e a transparência: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- BARBOSA, V.; ARAÚJO, A. D.; ARAGÃO, C. O. Multimodalidade e multiletramentos: análise de atividades de leitura em meio digital. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte (MG), v. 16, n. 4, p. 623-650, 2016.
- BARBARA, K. G; ROMUALDO, E. C. “Onde já vimos isso antes?”: Uma análise dialógica do signo ideológico “Câmara de gás” em tweets. In: **Linguagens, mídias e tecnologias**. São Carlos: Pedro & João Editores. 2024. 216 p.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BEREZOSCHI, J. **Nuances ético-políticas dos memes de internet durante a pandemia da COVID-19 (2020-2022): uma análise centrada no riso e nos afetos**. 2024. 147 f. Tese. Doutorado em PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL) – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo, 2024.
- BEZERRA, J. C. S.; MENEGASSI, R. J. A entonação valorativa na produção de sentidos em leitura no livro didático de português. **Revista Educação em Foco**, v. 26, n. 3, p. 1-19, 2021.
- BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. 294 p.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2020, p. 9-31.
- BRAIT, B; PISTORI, M H C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa: Revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000200002>. Acesso em: 22 out. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Painel Coronavírus. Brasília: MS, mar. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 30 mar. de 2024.

BRASIL. **Brasil apresenta quedas em casos e óbitos por covid-19**. Brasília, 22 mar. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/marco/brasil-apresenta-queda-em-casos-e-obitos-por-covid-19#:~:text=Em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20Semana%20Epidemiol%C3%B3gica,covid%2D19%20e%202.328%20%C3%B3bitos>. Acesso em 06. Dez. 2025.

CASTRO, D. F. V. O cronotopo bakhtiniano e a entextualização na análise do discurso jurídico. 2024. **Revista Diálogos**, 11(3), 317-336.

CASAGRANDE, D C S. **Persuasão em charges multimodais: humor e ironia com apoio da relação metáfora/metonímia: um enfoque da linguística sistêmico-funcional**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

CASTRO, G. **Em busca de uma lingüística sociológica**: contribuições para uma leitura de Bakhtin. Curitiba, 1993. Dissertação (Mestrado em Lingüística de Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Paraná.

CASTRO, D.F.V. O cronotopo bakhtiniano e a entextualização na análise do discurso jurídico. **Revista Diálogos**; v. 11 n. 3, 2023: Intercâmbio de Pesquisas - Grupos Bakhtinianos: trocas dialógicas.

CITELLI, A. **Comunicação e educação: dinâmicas midiáticas e cenários escolares**. Editora Scielo Books. 2021.

CARTACAPITAL. ‘Fake news faz parte da vida. Quem nunca contou uma mentirinha para a namorada?’, diz Bolsonaro. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/fake-news-faz-parte-da-vida-quem-nunca-contou-uma-mentirinha-para-a-namorada-diz-bolsonaro/>. Acesso em 02 dez.2025.

COLETTA, R.D. **Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, diz Bolsonaro sobre coronavírus**. Folha de São Paulo. São Paulo, 20 mar 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/nao-vai-ser-uma-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus.shtml>. Acesso em 01 dez 2025.

COSTA, Sandra Batista da. **A Ironia Em Função Argumentativa**. Curitiba, 2000. Dissertação. (mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná.

COSTA, D.M.; OLIVEIRA JUNIOR, P.A.; OLIVEIRA, H.F. Comentários de uma página da rede social Instagram: reflexões situadas de uma prática discursiva on-line. **Muiraquitã: revista de letras e humanidades**. Jul-dez v.9, n 2, 2021.

COSTA, K.K.R. Liberdade de expressão e discursos de ódio nas mídias sociais. **Revista Eletrônica do Ministério Público do Estado do Piauí** Ano 01 - Edição 01 - Jan/Jun 2021. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.mppi.mp.br/internet/wp-content/uploads/2022/01/Liberdade-de-expressa%C3%A7%C3%A3o-e-discurso-de-o%C3%A9dio-nas-m%C3%ADdias-sociais.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2025.

CUNHA, C. Por que pós-verdade foi a palavra do ano e o que ela diz sobre 2016? UOL, São Paulo, 31, dez. 2016. Seção de Política. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/12/31/por-que-pos-verdade-foi-a-palavra-do-ano-e-o-que-ela-diz-sobre-2016.htm>. Acesso em: 15, jul. 2025.

DESTRI, A.; MARCHEZAN, R. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–25, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1853. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em: 05. Jul. 2025.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, p 161-218. 1987.

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio. 2020.

ESPINA, R.; GUIMARÃES, S.P. Covid: Com 152 mortes em 24 h, Brasil volta a ter média abaixo de 200 óbitos. UOL, 4 dez. 2021. Seção de Saúde. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/12/04/covid-19-coronavirus-casos-mortes-04-de-dezembro.htm>. Acesso em: 10, jul. 2025.

FARACO, C.A. Os gêneros do discurso. In: **Linguagem e diálogo – ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola editorial. 2009.

FOLLONI, A C S; ROHLING, N. DISCURSO POLÊMICO E RACISMO NA PRAÇA PÚBLICA DAS MÍDIAS DIGITAIS. **reflexões sobre saberes e práticas**, p. 63.2024.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 116-132, julho/ 2002.

FRIAS, E.S.; NÓBREGA, L.B. SANCHES DE FRIAS, E; BARBOSA DA NÓBREGA, L. O PL das "Fake News" : uma análise de conteúdo sobre a proposta regulatória. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, SP, v. 47, n. 2, p. 363–393, 2021. DOI: 10.22484/2177-5788.2021v47n2p363-393. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/4803>. Acesso em: 17 out. 2025.

GARCIA, M. **Delta avança no Brasil, mas gama continua sendo a variante predominante; veja o que se sabe**. 17 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/08/17/delta-avanca-no-brasil-mas-gama-continua-sendo-a-variante-predominante-veja-o-que-se-sabe.ghtml>. Acesso em 6 dez. 2025.

G1. Olavo de Carvalho morre aos 74 anos. G1, São Paulo. Jan; 2022. Política, s/d.

G1. Austrália registra primeira morte por contaminação de covid-19 em 2021. G1, 11 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/07/11/australia-registra-primeira-morte-por-contaminacao-local-de-covid-19-em-2021.ghtml>. Acesso em 10 jul. 2025.

G1. Bolsonaro diz que não tomará vacina e chama de ‘idiota’ quem o vê como mau exemplo por não se vacinar. Bahia. 17 dez. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/12/17/bolsonaro-diz-que-nao-tomara-vacina-e-chama-de-idiota-quem-o-ve-como-mau-exemplo-por-nao-se-imunizar-eu-ja-tive-o-virus.ghtml> . Acesso em: 10 jul. 2025.

G1. Pazuella mente ao afirmar que ministério nunca recomendou tratamento precoce para covid. G1, Brasília, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/18/pazuella-diz-agora-que->

ministerio-orienta-atendimento-precoce-e-nao-tratamento-precoce.ghtml. Acesso em: 10 jul. 2025.

GOMES, P.H. ‘Não sou coveiro, tá?’, diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus. G1, Brasília. 20 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acesso em 01 dez. 2025.

HELBEL, D F. A formação da autoria em alunos do ensino técnico no processo de criação de enunciados do gênero crônica por meio da atividade de estudo. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista. 2022.

LEMKE, J.L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trab. linguist. apl.** 49 (2) • Dez 2010.

LIMA, S.C.; BASTOS, R.L.G. A produção de sentido no discurso jornalístico sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC SC, v. 21, n. 2, p. 253-265, mai/ago 2021.

LIMA, A. G. Bandeyra *versus* bandeira: paródia e resistência LGBTQIAP+ aos enunciados da extrema direita. **Anais do 2º Fórum Internacional de pesquisas interdisciplinares**. 2 ed. Campo Mourão: Editora dos Autores, 2024. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1S1BWtgsOOEDmia63MAE3u7m-lqRWD8L/view>. Acesso em: 5 nov. 2025.

LIMA-NETO, V; CARVALHO, A. Sobre as intertextualidades em ambientes digitais: o uso de hashtags. **Alfa**, São Paulo, v. 67, 2023.

LOPES, N. **Olavo sustentou bolsonarismo e deixou debate político raso, dizem analistas**. UOL. 28 jan. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/01/25/olavo-de-carvalho-bolsonarismo.htm>. Acesso em 6 dez. 2025.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E D A. Métodos de coletas de dados: observação, entrevista e análise documental. In: **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. p. 25-44.

MAGALHÃES, A.S.; QUEIJO, M.E.S. A arena discursiva das ruas e a condição pós-moderna: da manifestação à metacarnavalização. **Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso**, 10(3), Port. 166–185. 2015.

MATÉ, G.; MATÉ, D. **O mito do normal: Trauma, saúde e cura em um mundo doente**. Tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Sextante, 2023.

OLIVARTE, C M M. Fake news: leitura em perspectiva dialógica com o gênero (des) notícia para o 7º. ano. Dissertação de Mestrado Profissional. PROFLETRAS-UEM. 2021.

OLIVEIRA, J.F.G.; TELLES, L.O. O papel dos institutos públicos de pesquisa na aceleração do processo de inovação empresarial no Brasil. **Rev. USP** n.89 São Paulo Mar./May 2011

OPAS. **OMS declara fim de Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional**. OPAS, 5 mar. 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional->

referente#:~:text=OMS%20declara%20fim%20da%20Emerg%C3%AAncia,Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Pan%2DAmericana%20da%20Sa%C3%BAde. Acesso em 05 dez 2025.

PADILHA, A. www.significados.com. **O que significa hashtag?** Disponível em: <https://www.significados.com.br/hashtag/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

PASSETTI, M C C. **O discurso irônico: análise da argumentação irônica em textos opinativos da Folha de S. Paulo**. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista-UNESP, Assis/SP.

PAZ, M.L.S. **Twitter e o cronotopo reticular por meio dos embates dialógicos nas hastags #REVOLTADAVACINA E #VACINAÉAMORAOPROXIMO**. 2024. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN.

PAULA, L.; OLIVEIRA, N.R. “Pandeminions”: análise dialógica dos “(bolso)minions” na pandemia da COVID-19. **Estudos Linguísticos (São Paulo)**. 1978, v. 51, n. 3, p. 1238-1260, dez. 2022.

PAZ, M.A. **Pessoas normais, de Sally Rooney: um romance de formação no século XXI**. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2023.

PEREIRA, M. H.; SILVA, A. B.; SILVA, V. H. O.; LOPES, A. C. B. DIALOGIA E IDEOLOGIA PELAS LENTES DO CÍRCULO DE BAKHTIN: UMA ANÁLISE DE UM COMENTÁRIO DE BOOKTUBE. **GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS DIGITAIS**, 79. 2023.

PINHEIRO, L. **Mortes por Covid em julho de 2021 superam as de julho de 2020, pior mês do ano passado**. G1, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/28/covid-mortes-julho-de-2021-julho-de-2020.ghtml>. Acesso em 10 jul. 2021.

PINHEIRO, L. **Dezembro tem maior número de mortes por covid-19 no Brasil desde setembro, indicam secretarias de saúde**. G1, 29 dez. 2020. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/29/dezembro-tem-maior-numero-de-mortes-por-covid-19-no-brasil-desde-setembro-indicam-secretarias-de-saude.ghtml>. Acesso em 6 dez. 2020.

REZIO, L. L. S.; SILVA, M .L. M. Discurso anti-ciência: a desinformação como estratégia de ataque à produção científica. **Revista UFG** v.20:e20.66366. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/66366/36475>. Acesso em: 15. Jul. 2025.

ROHLING, N. Cronotopo pandêmico e a produção de imagens corpóreas: reflexões inacabadas. **Fórum Linguístico**, v. 17, n. 4, p. 5221-5231, 2020.

ROHLING, N. A pesquisa qualitativa e a Análise Dialógica do Discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de linguagem e sociedade**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 44-60, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7561>. Acesso em: 06 set. 2021.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Um estudo de charges da Folha de S.Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

ROMUALDO, E. C.; ROSA, N. G. . Manual de conversação para as olimpíadas de 2016: ironia, gênero discursivo e humor no programa do Jô. In: Silva, Telma Domingues ; Lara, Renata Marcelle. (org.). **Mídia, produção textual e tecnologia: da leitura, das imagens e do digital**. 1ed.Campinas: Pontes, 2017, v. 1, p. 125-143.

ROMUALDO, E. C. **A ironia em postagens do Youtube: produção e recepção do discurso irônico**. [Comunicação em mesa-redonda: Gênero, texto e discurso]. In: CONALE - COLÓQUIO NACIONAL DE LETRAS, 9, 2023, Palmeira dos Índios.

ROSCOE, B. **Governo de SP acaba com restrição de horários a partir de 17 de agosto**. Poder 360. 28 jul. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/governo-de-sp-acaba-com-restricao-de-horarios-a-partir-de-17-de-agosto/>. Acesso em 6 dez. 2025.

SACCONI, L. A. **Gramática essencial ilustrada**. 18 ed. São Paulo: Atual Editora, 1999.

SANTOS, B.S.S. **Um discurso sobre as ciências**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SCHWANDT, T A. Três posturas epistemológicas para investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DEZIN, N K; LINCOLN, Y S. (Org). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 169-192.

SILVA, J.L.; MENEGASSI, R.J. A valoração da citação na produção do texto dissertativo-argumentativo no ENEM. **Estudos linguísticos (São Paulo, 1978)**, v 51, n 2, p. 838-855, ago. 2022.

SILVEIRA, J. Hashtags e trending topics: a luta pelo(s) sentido(s) nos espaços enunciativos informatizados. **Interletras**. V 8. Edição número 31 abril/setembro 2020 p 1-17.

UOL. **Bolsonaro sobre vacina de Pfizer: 'Se você virar um jacaré, é problema de você'**. Brasília, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/12/18/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-vice-um-jacare-e-problema-de-voce.htm>. Acesso em: 01. dez. 2025.

UOL. **Maioria das redes municipais volta às aulas em agosto; 18% não têm data**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/07/23/maioria-das-redes-municipais-voltam-as-aulas-em-agosto-18-nao-tem-data.htm>. Acesso em 06 dez. 2025.

VIEIRA, T.S. Influência do cronotopo pandêmico na manifestação de experiências relacionadas às vacinas contra a covid-19: interpretação sob as óticas da LSD e ADD. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v. 8. n 03, mar. 2022.

VERMELHO, S.C.; VELHO, A.P.M.; BERTONCELLO, V. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881, out./dez. 2015.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, Notas e Glossário Sheila Grillo ; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WEISSHAAR, G. A. C. O Discurso Sobre A Ciência No Cronotopo Pandêmico: Uma Análise Dialógica' 05/03/2023 undefined f. Mestrado em ESTUDOS DE LINGUAGENS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba Biblioteca Depositária: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/31268>.